

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 11 2003



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2003

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 11 • 2003 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Palma, Artes Gráficas, Lda. - Tel. 244 447 120 - Mira de Aire
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

A GRUTA DO CORREIO-MOR (LOURES)

João Luís Cardoso¹

Colaboração² de O. da Veiga Ferreira[†], G. Zbyszewski[†], M. Leitão, C. T. North, J. Norton & F. Berger

1 - ANTECEDENTES E TRABALHOS REALIZADOS

A gruta natural do Correio-Mor, cerca de 1 km a WNW de Loures e a aproximadamente 10 km a N de Lisboa (Fig. 1), foi identificada em 1974, no decurso de lavra de pedreira que, então, explorava os calcários duros subcristalinos do Cretácico (Cenomaniano superior) que ali se desenvolvem em extensas bancadas, facilmente exploradas (ZBYSZEWSKI, 1964). Desapareceu no decurso da escavação de emergência ali realizada.

O avanço da frente da pedreira, ao intersectar uma cavidade subterrânea de origem cársica até então desconhecida, pôs à vista depósito terroso, que a colmatava em grande parte, formando um talude na frente da exploração, onde desde logo foi recolhido algum espólio arqueológico (Figs. 2 e 13).

O bom estado de conservação dos materiais recolhidos, tanto pré-históricos como proto-históricos, indicava que a gruta teria servido como necrópole, justificando-se deste modo uma intervenção de emergência. Com efeito, as explosões haviam provocado o desmonte da parede oriental da gruta e seccionado longitudinalmente o depósito arqueológico que, contudo, se conservava parcialmente, protegido pela parede rochosa do lado oposto da cavidade.

Contactado pelo Arq. F. Berger, autor das primeiras recolhas, o Dr. J. Norton imediatamente alertou a

¹ *Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Académico de Número da Academia Portuguesa da História.*

² *O Autor agradece a Manuel Leitão e a O. da Veiga Ferreira a cedência dos materiais para estudo, exumados nas escavações efectuadas com C. T. North e J. Norton, sob orientação de O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski. Agradecimento análogo se endereça a Francisco Berger, ao ceder, para estudo, os primeiros materiais recolhidos, antes da realização das escavações, os quais permanecem em seu poder.*

equipa com a qual já vinha anteriormente trabalhando, constituída por G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira, M. Leitão e C. T. North, tendo a subsequente intervenção de emergência sido realizada em sucessivos fins de semana.

No decurso de tais trabalhos, regularizou-se o corte longitudinal posto a descoberto pelas explosões, até ao chão primitivo da gruta; porém, novos desmontes feitos sem o conhecimento da equipa e na presença ou ausência desta, vieram a prejudicar irremediavelmente o adequado andamento dos trabalhos, que se limitaram à escavação de um retalho longitudinal do depósito arqueológico ainda conservado no sector mais próximo da presumível entrada, voltada a S, correspondente a apenas cerca de 10% do seu volume primitivo. Nas Figs. 2 a 9, observa-se a evolução dos trabalhos de campo realizados, desde a fase precoce dos mesmos, até à sua conclusão.

2 - FASES DE OCUPAÇÃO

O corte estratigráfico realizado e registado respeita à sequência sedimentar observada na parte média da cavidade original, aproveitando uma depressão e alargamento da mesma, ali existente. Foi assim possível identificar uma sequência cultural de larga diacronia, representada na base por indústrias mustierenses e na parte superior por materiais da Idade do Ferro e posteriores.

Os depósitos conservaram-se ao longo de uma extensão de cerca de 30 m de comprimento, com uma largura máxima de 3 m (Fig. 10). A estratigrafia descrita (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987), com uma potência máxima de 1,70 m, não foi correlacionada com a sucessão cultural (FERREIRA & LEITÃO, s/d); esta, foi repartida em seis episódios principais (Figs. 11 e 12): Bronze; Campaniforme; “Importação”; Dolménico; Neolítico; e Mustierense. Salienta-se a ausência à referência a qualquer nível do Paleolítico Superior, embora tenha sido afirmado em outra publicação que “le niveau à industrie du Paléolithique supérieur (Solutréen et Solutréen supérieur ibérique) était bien marqué” (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1980/1981, p. 14).

Esta indefinição da estratigrafia e até as contradições entre as diversas publicações sobre a mesma, são em parte explicáveis pelo facto de a larga maioria dos materiais provir de recolhas nos taludes das terras desmontadas pelas explosões da pedreira. Neste caso, foram determinantes as respectivas características tipológicas para o estabelecimento da correspondente seriação cronológico-cultural, princípio que determinou a sua apresentação neste trabalho.

Houve, no entanto, excepções, designadamente na exploração dos depósitos que se conservaram protegidos pelas irregularidades da base rochosa da gruta, onde se recolheram peças ainda nas suas posições originais: está neste caso o notável conjunto calcolítico de ídolos de calcário, formando pequeno altar assente no chão primitivo (CARDOSO *et al.*, 1995). Entretanto, reconheceu-se a importância da presença humana no Neolítico Antigo, caracterizada por cerâmicas decoradas não cardiais. Estes elementos são conotáveis com uma grande acumulação de carvões e de cinzas, testemunho de uma fogueira de uso prolongado, datada pelo radiocarbono na segunda metade do VI milénio a.C. (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996). Este resultado foi, mais recentemente, confirmado pela datação

radiocarbónica de ossos humanos, com idade idêntica, indicando a existência naquela época do aproveitamento da gruta como necrópole.

A ocupação pré-histórica foi particularmente importante no final do Calcolítico, como se conclui da abundância e qualidade dos fragmentos campaniformes recolhidos, agora publicados e, mais tarde, ao longo da Idade do Bronze, avultando importante conjunto de cerâmicas de ornatos brunidos do Bronze Final, já publicados (CARDOSO, 1997/1998a), acompanhantes de numerosa e diversificada panóplia de cerâmicas lisas, que agora se apresentam. Enfim, importa salientar a presença de materiais da Idade do Ferro, com destaque para duas facas curvas, de ferro, inteiras, e cerâmicas de afinidades mediterrânicas (CARDOSO, 2000b).

2.1 - A ocupação do Paleolítico Superior

No registo do corte estratigráfico dos depósitos arqueológicos, seccionados longitudinalmente pela frente da pedra (FERREIRA & LEITÃO, s/d), não se encontra assinalado, como atrás se referiu, a existência de qualquer nível do Paleolítico Superior. No entanto, na mesma publicação (*op. cit.*, p. 84, n.º 3), reproduz-se uma ponta crenada solutrense, absolutamente característica, a qual, entre outros materiais, não deixava dúvidas quanto à realidade de uma presença humana daquela época na gruta. Importa referir que, em publicação ulterior (ZILHÃO, 1997, p. 840), se declarou que “a hipótese de ter havido uma ocupação solutrense na gruta do Correio-Mor não pode deixar de ser encarada com as necessárias reservas”, o que é sem dúvida contraditório face à descrição correcta que o autor apresenta do exemplar referido.

Outras referências à presença humana do Paleolítico Superior não se confirmaram ulteriormente: é o caso de um fragmento de mandíbula humana (ZBYSZEWSKI *et al.* 1980/1981). Trata-se de peça conservando diversos dentes cariados, conforme o estudo dela realizado pelos Professores M. Telles Antunes e A. Santinho Cunha, o que torna pouco provável tal hipótese (uma datação pelo radiocarbono foi inviabilizada pela ausência de colagéneo). Da mesma forma, o conjunto dos materiais líticos supostamente recolhidos na camada basal da gruta, mas na verdade oriundos, na sua maior parte, das terras desmontadas pelas explosões – e por isso classificados, na respectiva publicação, apenas segundo as suas características tipológicas e aspecto físico (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987) – não inclui nenhum artefacto típico do Paleolítico Superior, tanto quanto se pode deduzir das respectivas descrições e ilustrações (de má qualidade). Tal situação pode, em parte, explicar as dúvidas de João Zilhão. Neste âmbito, importa, ainda, referir um fragmento de um dente decidual (D/3) esquerdo de rinoceronte, *Dicerorhinus hemitoechus* (Falconer, 1868), incompleto, já estudado (CARDOSO, 1993). Trata-se, com efeito, de espécie que se terá extinto no território português no início do Paleolítico Superior, indício de uma ocupação de cronologia anterior, compatível do Mustierense, aliás confirmada pela tipologia dos materiais líticos já publicados (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987).

Dada a situação de indefinição que envolvia a presença de indústrias do Paleolítico Superior na

gruta do Correio-Mor, impunha-se a realização de um estudo de conjunto dos materiais já conhecidos, bem como daqueles que, no decurso da revisão sistemática do espólio arqueológico recuperado, vieram a ser identificados como tal. Tal publicação encontra-se em fase de conclusão, pelo que os respectivos materiais não serão agora objecto de análise.

2.2 - A ocupação do Neolítico Antigo

Em estudo anterior, publicou-se conjunto de materiais cerâmicos reportáveis ao Neolítico Antigo (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996). Tais materiais, dos quais se encontrava ausente qualquer exemplar com decoração pela técnica cardial, foram conotados com uma data de radiocarbono obtida para uma espessa acumulação de cinzas e carvões resultantes de prolongadas combustões efectuadas em área circunscrita do interior da gruta, a qual deu o seguinte resultado:

ICEN - 1099 – 6350 ± 60 BP, a qual, depois de calibrada fazendo uso da curva de Stuiver & Pearson (Radiocarbon, 35 (1), 1993, p. 1-23), deu intersecção em 5274 cal. a.C., correspondente aos seguintes intervalos, para 2 sigma:

5431-5393 cal. a.C.; 5388-5215 cal. a.C.; e 5158-5146 cal. a.C.

Todos os intervalos obtidos correspondem à segunda metade do VI milénio a.C., período a que foram, como se referiu, reportados os materiais cerâmicos então estudados.

Persistia, porém, por clarificar a natureza desta ocupação do Neolítico Antigo, que poderia ser de carácter doméstico – como sugeria a presença da lareira – ou funerário, à semelhança do verificado, na generalidade das grutas estremenhas com ocupação da mesma época. A confirmação desta possibilidade dependia, naturalmente, da obtenção de uma segunda datação radiocarbónica sobre alguns dos escassos restos ósseos humanos disponíveis e em muito mau estado de conservação, a qual, entretanto, foi efectuada, tal como a primeira, por iniciativa do signatário. Os resultados obtidos, recentemente publicados (CARDOSO, 2002), foram os seguintes, fazendo uso da mesma curva de calibração:

Sac - 1717 – 6330 ± 60 BP, correspondente à intersecção em 5266 cal. a.C. e aos seguintes intervalos de intersecção, também para 2 sigma:

5422-5401 cal. a.C.; 5381-5355 cal. a.C.; 5346-5208 cal. a.C.; 5157-5140 cal. a.C.; e 5094-5090 cal. a.C.

Os resultados obtidos, são, pois, totalmente compatíveis com os primeiros, podendo-se concluir que a gruta natural serviu de necrópole no decurso do Neolítico Antigo, explicando-se a grande acumulação de carvões e cinzas por fogueira ritual que, no decurso das cerimónias fúnebres era recorrentemente ateadada e mantida.

Aos materiais cerâmicos já publicados, juntam-se agora outros que, à data, ainda não tinham sido devidamente identificados; as suas características tipológicas, bem como as técnicas e temáticas decorativas são semelhantes às patenteadas naqueles (Fig. 34, n.º. 1 a 5). Dada a falta de indicações estratigráficas, o exemplar decorado por ungulações impressas na pasta fresca (Fig. 34, n.º. 2) pode ser já calcolítico, visto ser motivo igualmente presente nas cerâmicas ditas de “acompanhamento” de conjuntos

campaniformes, como se verificou no povoado calcolítico da Penha Verde, Sintra (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1993) e, na Beira Alta, no sítio da Fraga da Pena, Fornos de Algodres (VALERA, 2000), entre outros sítios da mesma época.

Dois outros recipientes decorados igualmente inéditos inscrevem-se, também, no conjunto do Neolítico Antigo: trata-se de dois vasos de carena alta muito suave, evidenciada apenas por ligeira inflexão da parede, decorados entre o bordo e a referida inflexão por linhas tenuamente incisadas (Fig. 35, n.º 1, 2). Exemplares análogos de outras grutas estremenhas – que anteriormente foram incluídos, erradamente, na Idade do Bronze (GOMES, *in* SILVA & GOMES, 1992) – são, na verdade, muito mais antigos, sendo idênticos a materiais que recentemente se têm vindo a identificar tanto na Beira Alta, como na Beira Transmontana e em Trás-os-Montes, em contextos do Neolítico Antigo (VALERA, 1998; SANCHES, 1996). Na Estremadura, cerâmicas decoradas análogas ou estreitamente afins, têm sido recentemente reconhecidas em diversas grutas naturais sepulcrais, como a Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996) e, sobretudo a Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). A ocorrência mais próxima de tais cerâmicas do Neolítico Antigo foi detectada, mas ainda não devidamente valorizada, nas grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 29, b).

A sua presença pode ser o indício, no decurso do Neolítico Antigo, de influências setentrionais, que se prolongariam até ao sul da Estremadura, as quais, doravante se deverão compaginar com a admitida filiação essencialmente litoral e meridional do Neolítico Antigo regional.

É provável, ainda, que algumas das cerâmicas lisas, designadamente taças em calote e vasos esféricos, possam ainda remontar ao Neolítico Antigo, à semelhança de alguns artefactos de pedra polida, e, sobretudo, de materiais de pedra lascada, como lâminas e lamelas desprovidas de retoques, bem como alguns geométricos; no entanto, a raridade dos materiais cerâmicos reportáveis a esta fase cultural remete, na generalidade, tais indústrias líticas (tanto polidas como lascadas) para fases culturais ulteriores, melhor documentadas na cavidade.

Os objectos de adorno atribuíveis ao Neolítico Antigo, encontram-se representados apenas por um exemplar perfurado de *Theodoxus fluviatilis*, em mau estado de conservação (Fig. 32, n.º 6). Conchas deste gastrópode fluvial são conhecidas desde o Paleolítico Superior, ocorrendo no Solutrense da gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 1989, Fig. 2, n.º 3); até então, era desconhecida em época tão recuada (FERREIRA & ROCHE, 1980). Conhecida também nos inícios dos tempos pós-glaciários, no litoral atlântico, como se verifica pela sua ocorrência no concheiro de Toledo, Lourinhã (ARAÚJO, 1998), torna-se particularmente abundante nos concheiros de Muge; na Moita do Sebastião, recolheram-se centenas destas pequenas conchas perfuradas (CARDOSO, 2002, Fig. 83). No Neolítico Antigo, foram registadas, de novo, na gruta do Caldeirão, Tomar, somando 124 exemplares perfurados nos dois horizontes neolíticos identificados; porém, ao horizonte mais recente correspondem apenas 12 (ZILHÃO, 1992), sugerindo uma diminuição da sua utilização como elementos de adorno. Tal realidade acentua-se para épocas ulteriores; no entanto, existem excepções, como é o caso do conjunto de 23 contas perfuradas deste gastrópode recolhidas na sepultura 1 da necrópole do Neolítico Final da Lapa do Bugio, Sesimbra

(CARDOSO, 1992, Est. 1). deste modo, com as necessárias reservas, é lícito admitir que a concha perfurada deste gastrópode encontrada na gruta do Correio-Mor se inclua no Neolítico Antigo.

2.3 - A ocupação do Neolítico Final e do Calcolítico não-campaniforme

Pertencem a esta etapa cronológico-cultural, as seguintes categorias de objectos:

2.3.1 - Materiais de pedra polida

Comparativamente à abundância dos materiais de pedra lascada, e, por maioria de razão, do espólio cerâmico, as peças de pedra polida provenientes da gruta do Correio-Mor são singularmente escassas, ainda que de tipologia e funcionalidade variadas.

2.3.1.1 - Machados

Apenas dois machados se recolheram nas escavações, ambos de pequenas dimensões, de rochas alteradas superficialmente, um de secção elipsoidal (Fig. 19, n.º. 4) e outro de secção achatada e irregular (Fig. 19, n.º. 2). A estes, somam-se mais dois exemplares, também de secção elipsoidal e com polimento deficiente, mais evidente no gume (Fig. 20, n.º. 11 e 12), um deles incompleto, pertencentes à colecção de F. Berger, todos de anfiboloxistos. Do ponto de vista tipológico, são compatíveis com o Neolítico Final, sobretudo pelo tamanho e regularidade que evidenciam, distinguindo-se, por tal motivo, dos seus homólogos estremenhos do Neolítico Antigo, em geral mais pequenos e irregulares. Diferenciam-se, por outro lado, do tipo dominante no Calcolítico da Estremadura, em geral com polimento mais extenso e de secção transversal sub-rectangular.

2.3.1.2 - Enxós

Identificou-se somente uma enxó (Fig. 19, n.º. 1), feita de rocha fina, acinzentada, totalmente polida e de secção lenticular. A assimetria do perfil longitudinal do gume é evidente, o qual, ao contrário de alguns dos machados, se apresenta intacto. Esta peça tem características similares às numerosas enxós exumadas em contextos funerários da mesma época da Estremadura, em grutas naturais, como a Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992), as grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941) e a gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), para só referir dois estudos onde tais peças ocorreram de forma abundante.

2.3.1.3 - Escopros

De acordo com critério definido em anterior publicação, dedicada ao estudo de conjunto da indústria de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1999/2000), os escopros são artefactos de pedra polida de corpo longilíneo, de dimensões geralmente modestas, cujo gume terminal é obtido por bisel simétrico; assim sendo, enquadra-se nesta categoria um artefacto de anfibloxisto, de corpo sub-triangular alongado, totalmente polido, o qual seria encabado longitudinalmente (Fig. 20, n.º 13).

2.3.1.4 - Formões

Um exemplar, de rocha negra, fina e compacta, totalmente polido, de corpo longilíneo, de secção transversal lenticular e gume fortemente convexo e de perfil dissimétrico, enquadra-se nesta categoria de artefactos (Fig. 19, n.º 3).

2.3.1.5 - Martelos transversais

Trata-se de uma categoria de artefactos polidos definida pelo autor, no concernente ao território português (CARDOSO, 1989) e reafirmada ulteriormente, em sucessivos trabalhos (CARDOSO, 1994; CARDOSO, 1999/2000). Corresponde a peças de secção longitudinal algo assimétrica (que sugere um encabamento à maneira das enxós, funcionando assim a parte distal em posição transversal), em que o gume foi substituído por uma superfície polida e convexa; está fora de causa, na maioria dos exemplares, a hipótese de se tratar de reaproveitamentos, dada a estreita largura da referida superfície polida; noutros casos, como o do exemplar recolhido na gruta do Correio-Mor, tal hipótese pode colocar-se, pela razão contrária (Fig. 19, n.º 5).

2.3.2 - Materiais de pedra lascada

A riqueza da Baixa Estremadura em sílex, presente nos calcários onde a própria gruta do Correio-Mor se abre, explica a abundância de artefactos em tal rocha, encontrados na cavidade sepulcral, como oferendas fúnebres.

2.3.2.1 - Geométricos

Trata-se de grupo pouco significativo, como é usual no Neolítico Final, época em que o seu uso declinava. Apesar de representado por apenas três exemplares, todos eles representam formas diversas, sublinhando diversidade que não poderia ser maior: com efeito, trata-se de um trapézio muito alongado (Fig. 22, n.º 1); de um crescente, ou segmento de círculo (Fig. 22, n.º 2); e de um triângulo (Fig. 25, n.º 3).

Ainda dentro da categoria das indústrias microlíticas, pode considerar-se uma lasca de contorno sub-triangular, com uma ponta finamente retocada numa das extremidades, transformada deste modo em furador (Fig. 21, nº. 9).

2.3.2.2 - Lâminas e lamelas não retocadas ou com retoques marginais

Estas duas categorias artefactuais, que se diferenciam apenas pelo tamanho, englobam diversas variantes, consoante a existência ou não de retoques, sejam contínuos ou não, mas sempre marginais e pouco extensos (Fig. 21, nº. 11 a 24; Fig. 22, nº. 15 a 17, 19 e 20; Fig. 23, nº. 1 a 8; 10 a 16; 19 a 21; Fig. 24, nº. 7 a 19; 21 a 25). Por vezes, as lâminas obtidas, são irregulares, podendo ser utilizadas tal e qual, dada a característica cortante dos bordos naturais. Esta panóplia, comum em contextos neolíticos estremenhos, denuncia, pela fraca transformação dos produtos de debitage, a abundância de matéria-prima na área adjacente, a que já antes se fez referência. Domina o sílex cinzento, de origem local; mais raramente, ocorre o sílex avermelhado, característico da região de Rio Maior. Excepcionalmente, uma das lamelas é de quartzo hialino (Fig. 24, nº. 12).

2.3.2.3 - Produtos de debitage em bruto

Para além das lamelas e lâminas desprovidas de transformação significativa, ocorrem produtos de descortagem, conservando ainda a superfície primitiva das massas nucleares de que foram obtidos (Fig. 21, nº. 11; Fig. 24, nº. 15; Fig. 25, nº. 1 e 6); a tais peças, podem somar-se outras, resultantes do talhe de diversos instrumentos, ou do desbaste de nódulos de sílex, conducentes à sua preparação como núcleos; estão neste caso os exemplares da Est. 25, nº. 2, 4 e 5. Dada a quase ausência de transformação destas peças, assumindo assim o estatuto de rebotalhos resultantes da preparação de outras, não deixa de ser curioso verificar a sua ocorrência num ambiente funerário.

2.3.2.4 - Lâminas de retoque contínuo

Esta categoria caracteriza-se por os bordos laterais ostentarem retoques contínuos e profundos (Fig. 22, nº. 18; Fig. 23, nº. 9, 17 e 18; Fig. 24, nº. 19 e Fig. 26, nº. 1 e 2), diferenciando-se, deste modo, do trabalho marginal dos exemplares anteriores; contudo nem sempre é imediata a separação, pois existem exemplares de características intermédias; do ponto de vista da integração cultural, é certo que tanto as grandes lâminas retocadas como as não retocadas coexistiram tanto no Neolítico Final como no Calcolítico, sendo, contudo, as não retocadas, especialmente as de dimensões mais modestas, a par das lamelas, de origem mais antiga (Neolítico Antigo). No caso da gruta do Correio-Mor, dada a existência de materiais desta época, permanece a indefinição, à falta de indicações estratigráficas, da época a que as últimas devem ser reportadas; o mais certo é pertencerem indistintamente aos diversos períodos culturais representados

na estação.

2.3.2.5 - Pontas de seta

Representadas por dezoito exemplares de sílex finamente trabalhados (Fig. 21, n.º 2 a 8; Fig. 22, n.º 3 a 10 e 12; Fig. 23, n.º 9 e 10), que se integram globalmente no Neolítico Final da Estremadura, sem prejuízo de alguns tipos mais evoluídos, de base côncava, serem já calcolíticos, época, aliás, bem representada na estação: basta recordar o extraordinário conjunto de ídolos calcários, a que já se fez referência, anteriormente estudados (CARDOSO, 1995). Com efeito, dominam os exemplares de base triangular, num caso com aletas laterais incipientes (Fig. 21, n.º 5), estando presentes as pontas de base bicôncava, convexa e rectilínea; apenas dois exemplares possuem a base côncava (Fig. 21, n.º 4; Fig. 23, n.º 10). Este quadro tipológico é, com efeito, idêntico ao patente em outras necrópoles da zona entre Tejo e Atlântico, atribuíveis ao Neolítico Final, onde a referida diversidade é igualmente evidente, como é o caso das grutas da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996).

2.3.2.6 - Pontas de dardo (?)

Sob esta designação têm-se por vezes incluído exemplares de dimensões superiores às pontas de seta, mas de tipologia idêntica, sem chegarem às dimensões dos punhais ou das alabardas. Conquanto um dos exemplares em apreço (Fig. 21, n.º 1) se encontre fracturado, é admissível classificá-lo como uma ponta de dardo; outro, igualmente fracturado, corresponde ao apontamento, por retoques directos e inversos, da extremidade de uma lâmina (Fig. 22, n.º 11), podendo ser simplesmente assim classificado, ou, em alternativa, também como extremidade de punhal. Anteriormente, classificou-se como “pequena alabarda” um exemplar proveniente da Gruta II b da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 21, n.º 17), o qual poderia ser classificado, à luz deste critério, como “ponta de dardo”.

2.3.2.7 - Serras ou elementos de foice

Uma lâmina de sílex amarelado translúcido, possui um dos bordos laterais profundamente denticulado (Fig. 21, n.º 10). Porém, ao contrário dos elementos de foice da Idade do Bronze, que são sobre lasca, esta lâmina não possui o característico brilho de cereal sobre o gume, facto que não é suficiente para afastar tal possibilidade; em alternativa, poderia ser considerada como um elemento de serra, à semelhança dos recolhidos no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, e que assim foram classificados (JALHAY & PAÇO, 1945). Um exemplar, semelhante ao agora estudado, provém da gruta II de Alapraia e foi classificado, pelos mesmos autores, como “serrinha” (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 13, a).

2.3.2.8 - Núcleos de lamelas de quartzo hialino

Representados por um grande exemplar globuloso, de talhe bipolar, conservando parcialmente as superfícies euédricas do prisma cristalino de onde foi obtido (Fig. 22, nº. 13). Núcleos de quartzo hialino, apesar da extrema raridade desta matéria-prima no País, e em particular na Estremadura, onde é totalmente desconhecida, ocorrem com certa regularidade em contextos funerários desta região, tanto neolíticos – de que são exemplo os recolhidos na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992) – como calcolíticos, como o recolhido na *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996). Exemplares de grandes dimensões, como o agora estudado, e como outros oriundos de contextos funerários, contrastam significativamente com a pequenez dos geralmente encontrados nos povoados, sublinhando deste modo o seu carácter excepcional. Como já anteriormente foi referido pelo autor (CARDOSO, 2002), o carácter de pureza, associado à limpidez desta rocha, poderá deter marcado simbolismo num contexto funerário, onde se admitia o ressurgimento e a purificação do espírito, para além da morte.

2.3.2.9 - Lâminas de talhe bifacial plano

São escassas as ocorrências deste tipo artefactual em contextos funerários. De cunho marcadamente doméstico, são muito frequentes em contextos estremenhos; em Leceia, onde se recolheram largas dezenas de exemplares, registaram-se desde o Neolítico Final, tornando-se progressivamente mais comuns ao longo do Calcolítico (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996). Conotadas usualmente com elementos de foice, tais elementos seriam encastrados em cabos de madeira, de tal forma que apenas um dos bordos seria activo. Tal facto é indicado pelo cuidado diferenciado dispensado ao retoque de um dos gumes, face ao do lado oposto. A hipótese de pertencerem a elementos de foice (“foicinhas”, na sugestiva terminologia de E. Jalhay e de A. do Paço, adoptada em múltiplos estudos em que abordaram os exemplares recolhidos no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja), é, com efeito, sugerida pelo brilho que frequentemente ostentam, embora este não se observe no presente exemplar (Fig. 22, nº. 14), no qual uma das faces corresponde quase inteiramente à superfície de separação da lasca original. A sua natureza petrográfica – um sílex rosado – é comum em outros contextos calcolíticos estremenhos, como em Leceia, podendo tal variedade provir da região de Rio Maior; com efeito, os nódulos siliciosos dos calcários cretácicos da Baixa Estremadura, são essencialmente esbranquiçados a acinzentados, colorações dominantes, como seria de esperar, nos exemplares da gruta do Correio-Mor.

2.3.2.10 - Punhais

Não se encontra bem definida a separação entre os punhais e as alabardas, de cuidado retoque bifacial que ocorrem em numerosos contextos funerários estremenhos do Neolítico Final. Um critério de separação, utilizado anteriormente, estabeleceu a separação no índice comprimento/largura,

considerando-se como punhais todas as peças em que o referido valor fosse igual ou superior a 2,4 (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996). Nestes termos, o único exemplar susceptível de poder ser assim classificado é o representado na Fig. 25, n.º 7. Trata-se de exemplar de base côncava, característica muito rara no conjunto das peças estremenhas homólogas. Com efeito, apenas foi compulsado exemplar com tal característica nas grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 15, l), já referido por O. da Veiga Ferreira na sua classificação dos punhais líticos pré-históricos (FERREIRA, 1957), a que fez corresponder o tipo g: punhais delgados, retocados nas duas faces, de forma triangular e base côncava. O exemplar em apreço possui vestígios de polimento na zona central de ambas as faces; como já anteriormente se referiu, aquando do estudo do notável conjunto de punhais e alabardas da gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), a presença de polimento relaciona-se com o desbaste e regularização prévio das placas de sílex a partir das quais eram talhadas peças tão finas como os punhais e as alabardas, que ostentam, frequentemente, zonas com polimento anterior à lascagem.

2.3.2.11 - Alabardas

Um belo exemplar recolhido, tal como o punhal anterior, antes da realização da exploração metódica do depósito arqueológico, apresenta-se totalmente trabalhado em ambas as faces por levantamentos planos, sobrepostos por retoque de regularização junto dos bordos (Fig. 25, n.º 8). Tipologicamente, integra-se no grupo das “alabardas de base bicôncava desprovidas de polimento”, representadas por vários exemplares na gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), entre outras estações estremenhas, como a gruta artificial do Cabeço da Arruda 1, Torres Vedras (FERREIRA & TRINDADE, 1956, Lam. 3, n.º 41). Importa sublinhar o facto de estas peças, de marcado cunho funerário – visto serem excepcionais em contextos domésticos – se encontrarem em geral intactas, apesar da sua evidente fragilidade, facto que reforça o seu carácter ritual, não funcional.

2.3.3 - Materiais de pedra afeiçãoada

2.3.3.1 - Paletas

Nesta categoria podem integrar-se dois fragmentos de placas de arenito fino, com sinais de desgaste nas superfícies das faces maiores (Fig. 29, n.º 5; Fig. 30, n.º 2). Uma delas possui dois sulcos periféricos, acompanhando um dos bordos laterais, que podem ser interpretados como destinados a afiar pontas de osso.

2.3.3.2 - Percutores

Representados por seixo achatado de quartzito, com toda a periferia massacrada por percussão. O

centro de uma das faces maiores ostenta também tais marcas podendo interpretar-se como um percutor passivo, ou bigorna; a face oposta é ocupada por uma depressão obtida por picotagem muito fina, conferindo-lhe contorno elipsoidal regular; desconhece-se qual a sua finalidade (Fig. 29, n.º 1).

2.3.3.3 - Elemento de moagem (?)

Trata-se de uma placa basáltica, com numerosas concavidades naturais, presentes em ambas as faces, das quais uma possui polimento; desconhece-se qual a utilização que foi dada a tal peça, sendo a de ela corresponder ao movente de uma mó manual apenas uma das possibilidades (Fig. 29, n.º 6).

2.3.4 - Artefactos de osso de uso comum

São muito escassos os artefactos de osso, apesar das condições geoquímicas propícias oferecidas pela cavidade à sua conservação. Encontram-se apenas representados por dois furadores ou sovelas, obtidos pelo seccionamento longitudinal de diáfises de ossos longos, polidos nos bordos e apontados numa das extremidades; um deles, pelo marcado alongamento, deverá inscrever-se no grupo das sovelas (Fig. 26, n.º 4, 5). A existência de furadores do tipo dos agora encontrados parece ser especialmente característica de estações do final do Neolítico Médio ou inícios do Neolítico Final, na região a norte do Tejo, como a gruta do Lugar do Canto, Alcanena (LEITÃO *et al.*, 1987), ocorrendo também em estações da mesma região com presenças desde o Neolítico Antigo, como a gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). Curiosamente, tais peças, a partir do Neolítico Final, na baixa Estremadura, como em Leceia, Oeiras, parecem progressivamente, coexistir com furadores obtidos por seccionamento oblíquo das diáfises dos ossos longos, sem, contudo deixarem de continuar a ser fabricadas.

2.3.5 - Objectos de adorno

2.3.5.1 - Alfinetes de cabeça canelada postiça

São peças características do Neolítico Final, tanto na Estremadura como no sul do actual território português. Nalgumas estações do Neolítico Final, com efeito, é notória a sua abundância: é o caso da câmara ocidental do monumento da Praia das Maças, Sintra na verdade uma gruta artificial (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969; CARDOSO, 2002), bem como, entre outros exemplos que se poderiam referir, no monumento do Monte Canelas, Portimão, que corresponde igualmente a um sepulcro escavado na rocha (escavações de Rui Parreira, cf. SILVA, 1997). Porém, a sua sobrevivência no decurso do Calcolítico, tanto na Estremadura, como no Alto Alentejo, encontra-se comprovada, não apenas pelas datas de radiocarbono obtidas directamente em alguns exemplares por AMS (CARDOSO & SOARES, 1995),

como ainda pelo facto de ocorrerem em monumentos funerários de cronologia inquestionavelmente calcolítica, como é o caso da *tholos* de Olival da Pega 2b (GONÇALVES, 1999).

Trata-se, pois de tipo artefactual que possui uma larga distribuição geográfica, estendendo-se, no Sudeste peninsular, à Andaluzia oriental, como se verifica pela sua ocorrência em dólmen da região de Fonelas, Gor (SIRET, 2001, Album,1, Est. 51), o que sem dúvida constitui prova da difusão de ideias, veiculadas pelos respectivos artífices, se não mesmo da circulação dos próprios artefactos acabados.

Os exemplares recolhidos na gruta do Correio-Mor correspondem a duas extremidades conservando a respectiva cabeça postiça canelada (Fig. 20, n.º 5; Fig. 26, n.º 8) e a uma extremidade de haste, muito erodida, excepto na parte que estaria protegida por aquele elemento amovível, entretanto desaparecido (Fig. 20, n.º 6).

2.3.5.2 - Contas de azeviche/lignito

Na Estremadura, conhecem-se contas de madeira fóssil em diversas estações; predominam as bitroncocónicas, como as encontradas na gruta do Correio-Mor (Fig. 20, n.º 1 a 3; Fig. 32, n.º 4 e 5), estando presentes nas grutas naturais sepulcrais da Lapa do Bugio, Sesimbra; Cova da Moura, Torres Vedras; Lapa da Galinha, Alcanena; Casa da Moura, Óbidos; e nas grutas artificiais de São Pedro do Estoril, Cascais e da Quinta do Anjo, Palmela (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). Mais rara é a forma bombeada, presente na estação em estudo (Fig. 20, n.º 4). Uma pequena conta, muito irregular, de cor preta e brilhante, pode ser, também, de azeviche compacto, permitindo polimento (Fig. 20, n.º 9).

2.3.5.3 - Contas discóides de xisto

Trata-se de pequenos discos de xisto, perfurados ao centro (Fig. 20, n.º 10; Fig. 32, n.º 7), por vezes representados em necrópoles entre Tejo e Atlântico em grandes quantidades, como nas grutas da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996). A ocorrência destas contas em regiões onde não exista a matéria-prima de que são feitas, só se pode explicar por intercâmbios de objectos manufacturados entre esta região e o interior alentejano, onde tais produções se incluíam.

2.3.5.4 - Pendentis de pedra

Recolheram-se três pendentis de pedra, dos quais um de arenito esbranquiçado, pouco consolidado, fracturado na parte inferior (Fig. 32, n.º 1), com uma perfuração bitroncocónica, feita a partir de ambas as faces. Os dois restantes, perfurados de modo análogo, são de xisto (Fig. 20, n.º 7; Fig. 32, n.º 2).

2.3.5.5 - *Pendente de âmbar*

Trata-se de um exemplar de secção e contorno sub-quadrangular, perfurado numa das extremidades (Fig. 20, n.º 8). O seu estado de evidente fragilidade desaconselhou a obtenção de uma amostra para análise química, tendo em vista a determinação da sua proveniência. Acresce que a larga diacronia dos materiais presentes na estação, impede que se atribua com segurança a uma época a peça em causa. Recente trabalho de inventário e caracterização dos artefactos de âmbar presentes no território português, inseríveis em contextos do Neolítico/Calcolítico e do Bronze Final conduziu à identificação de 18 ocorrências (VILAÇA, BECK & STOUT, 2002), do Douro (mamoá V de Chã de Arcas) ao Algarve (monumentos 3 e 4 de Alcalar). Na área mais próxima da gruta do Correio-Mor, recolheu-se uma conta de âmbar de contorno circular com 3 mm de espessura, no monumento da Bela Vista, Sintra (MELLO *et al.*, 1961), aparentemente associada a materiais do final do Calcolítico (cerâmicas campaniformes), incluindo dois fios com enrolamentos helicoidais, de ouro.

2.3.5.6 - *Pendentes de azeviche/lignito (?)*

Uma peça achatada e alongada, fracturada numa das extremidades, possui na outra uma perfuração cilíndrica, ao centro (Fig. 32, n.º 3), podendo ser utilizada como pendente de grandes dimensões. A morfologia assemelha-se a uma costela de bovidé; contudo, a observação de uma fractura fresca evidenciou estrutura lenhosa incarbonizada característica. Desconhece-se qualquer paralelo para esta peça. Os únicos exemplares comparáveis são de osso e poderiam servir como espátulas: trata-se de peças relativamente comuns, representadas, entre outras, por dois exemplares das grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 20, f, g), por um outro exemplar da gruta da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 26, n.º 8), executado numa esquirola de osso longo, com uma perfuração no centro de uma das extremidades; e ainda por um quarto, em osso totalmente polido, com idêntica perfuração, oriundo da Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992, Est. 14, n.º 44).

2.3.5.7 - *Defesas de javali*

Um fragmento de muralha externa de defesa de um canino inferior de javali pode inscrever-se, igualmente, entre os objectos de adorno (Fig. 26, n.º 3). Exemplares análogos, igualmente desprovidos de modificações, foram encontrados noutras necrópoles estremenhas do Neolítico. Entre elas, merecem destaque várias defesas, duas incompletas e uma, de grandes dimensões, completa, recolhidas na Gruta II da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996). Um par de defesas inferiores inteiras de javali ocorreram também na jazida de Samarra, Sintra (FRANÇA & FERREIRA, 1958, Est. 7, n.º 18 e 19) e na desaparecida tholos de Aqualva, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 51, n.º 52).

A ocorrência destas peças em contextos funerários pode relacionar-se com o simbolismo de força e

vitalidade atribuído desde sempre ao javali, detendo deste modo significado mágico-religioso, ou apotropaico; em alternativa, é de considerar a hipótese de serem objectos de adorno; apesar de não se encontrarem em geral perfuradas intencionalmente, como uma da supra referida estação (*op. cit.* Fig. 31, nº. 4), estas peças poderiam ser utilizadas como adornos, fixadas ao vestuário através de colas ou resinas.

2.3.5.8 - Concha de *Patella* sp.

As considerações sobre as defesas de javali acima apresentadas, podem também aplicar-se a este exemplar (Fig. 32, nº. 12); trata-se de concha muito alta e com a zona saliente, semelhante a um exemplar recolhido na gruta do Escoural, Montemor-o-Novo, ainda inédito. A título comparativo, menciona-se a ocorrência de uma concha atribuível a *Patella safiana*, recolhida no povoado calcolítico do Pedrão, Setúbal (SOARES & SILVA, 1975), afeiçãoada por polimento e com o bordo recortado, destinada a utilização como adereço ou adorno.

2.3.6 - Objectos de carácter simbólico/religioso

2.3.6.1 - Placas lisas de micaxisto, de xisto e de grauvaque

Esta categoria de objectos não se deve confundir com as placas de arenito, atrás referidas (Fig. 29, nº. 5; Fig. 30, nº. 2), que possuem carácter essencialmente prático, como se referiu.

De micaxisto, identificaram-se dois fragmentos de fina espessura, conservando parcialmente os bordos laterais, um deles com um furo de suspensão (Fig. 29, nº. 2 e 4). As superfícies de ambos os fragmentos, aproveitando extensos e regulares planos de xistosidade naturais, conservam indícios de regularização por polimento. Deste modo, a conotação destes exemplares com as placas de xisto lisas, muito mais raras que as decoradas, é evidente. Aos dois fragmentos mencionados, podem associar-se vários exemplares, igualmente lisos, de xisto ou de grauvaque como o da Fig. 30, nº. 1.

De xisto, são três dos fragmentos recolhidos na gruta do Correio-Mor (Fig. 27, nº. 1; Fig. 28, nº. 3 e Fig. 30, nº. 1). No que concerne ao território português, um levantamento, não exaustivo, das placas de xisto lisas, foi já anteriormente apresentado (CARDOSO, 1995), a propósito de um exemplar, então erradamente atribuído às grutas de Carnaxide, Oeiras, conforme informação obtida no Museu Nacional de Arqueologia, quando, de facto, é proveniente da sepultura da Cumeada, Silves (VASCONCELOS, 1918). Aqui fica a rectificação, necessária para uma adequada actualização da distribuição geográfica de tais exemplares.

De grauvaque/arenito são os exemplares das Fig. 27, nº. 2; Fig. 28, nº. 2; e Fig. 32, nº. 8. A valorização tipológico-cultural das diferenças das placas de grauvaque/arenito, lisas ou decoradas, face às de xisto, ainda não foi objecto de abordagem sistemática. De todas as recolhidas na gruta do Correio-Mor, merece destaque o fragmento da Fig. 27, nº. 2, de grande espessura e com perfuração bitroncocónica, feita a

partir de ambas as faces, a qual possui um sulco periférico, paralelos aos quatro lados, formando como que uma moldura esquadriada; por tal motivo, possui evidentes semelhanças com o belo exemplar de grauvaque recolhido no alvéolo de fundação do núcleo de estelas-menires de Lavajo 2, Alcoutim (CARDOSO *et al.*, 2002). É de referir, também, outro exemplar de arenito incompleto da Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo, atribuível igualmente ao Neolítico Final, muito próximo, pela grande espessura e assinalável profundidade do sulco marginal (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 27, n.º 76) ao exemplar em estudo. Ainda no Alto Alentejo, devem referir-se duas placas, igualmente de arenito, recolhidas na necrópole do Neolítico Final da gruta do Escoural, Montemor-o-Novo (SANTOS, 1971, Est. 1). Numa delas, de contorno elipsoidal, o sulco apenas acompanha parte do perímetro de peça, a qual é munida de um furo de suspensão. A outra placa difere da anterior pelo facto de aquele sulco periférico se encontrar substituído por bordadura em alto-relevo. É ainda de referir no que concerne a comparações, um fragmento de placa de xisto, de fina espessura, com um sulco gravado esquadriado, em ambas as faces. Provém de uma sepultura de Castro Marim, recentemente reestudada, outrora atribuída a uma *tholos* e depois considerada como de câmara circular desprovida de corredor, com paralelos neolíticos andaluzes. Com efeito, a datação de uma tibia humana do único indivíduo nela tumulado, deu os seguintes intervalos, para dois sigma: 3370-3030; 2970-2930 cal BC (GOMES, CARDOSO & CUNHA, 1994, Fig. 3, C), cronologia compatível com o Neolítico Final regional e portanto anterior a afirmação das *tholoi*.

O objectivo que parece transparecer nestas placas lisas esquadriadas, foi o da criação de um espaço interior, plano e regular, que poderia ter recebido pintura: neste sentido, deve ser referida a grande placa sub-rectangular, de bordos bombeados e totalmente regularizada, com vestígios de pintura a ocre vermelho do enterramento da Mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (SANCHES, 1996, Fig. 18), pese embora as suas maiores dimensões e a ausência de furo para suspensão. Outra placa, incompleta, recolhida por José Coelho na anta do Vale de Fachas (Viseu), possui dois furos de suspensão e, tal como a anterior, pinturas a ocre vermelho, na sua parte inferior (COELHO, 1912, Fig. II). Trata-se de monumento dolménico de longo corredor e câmara poligonal, inserível, igualmente, no Neolítico Final.

Das comparações efectuadas, verifica-se que todos os exemplares citados a que é possível atribuir cronologia mais segura, pertencem ao Neolítico Final; a estes, poder-se-ão, ainda, juntar exemplares de arenito, referidos por Victor S. Gonçalves, mas não reproduzidos, das grutas de Alcobaça como possuindo igualmente um sulco periférico. Com efeito, o autor refere a falta de decoração que caracteriza tais peças, chamando, significativamente, a atenção, para os raros casos em que se observavam esquadrias ou traços de delimitação do perímetro, exactamente como na placa em discussão (GONÇALVES, 1978).

Deve ainda referir-se um grupo muito particular de placas de arenito, também lisas, mas com mais evidente significado simbólico, representada por exemplar de contorno antropomórfico do monumento megalítico de Trigache 1, Odivelas (LEISNER & FERREIRA, 1961, Est. 8, n.º 70).

As placas de arenito lisas, são frequentes em diversas necrópoles em gruta natural do Neolítico Final da Estremadura, como a Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992), a Lapa da Galinha, Alcanena (J. R. Carreira, comunicação pessoal) e também em diversas antas alentejanas, designadamente da região de

Montemor-o-Novo (escavações inéditas de Manuel Heleno). Nalguns casos, tais placas lisas de arenito poderiam ter funções práticas, como polidores ou afiadores, à semelhança dos que anteriormente foram assim classificados neste mesmo trabalho; com efeito, mostram por vezes as faces maiores e os lados bombeados, sugerindo aquela função: um dos exemplos mais notáveis é o da placa recolhida nas grutas do Poço Velho, Cascais, (PAÇO, 1941, Est. VI), com um furo de suspensão bicónico numa das extremidades e um terceiro no topo. A esta, poder-se-ia somar outra placa de arenito, com as faces maiores também côncavas, recolhida na gruta 4 da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, 1965, Tf. 108, n.º 27). O furo de suspensão desta placa poderá, deste modo, ser entendido como atributo funcional, para que a peça fosse pendurada, como qualquer outro artefacto usado no dia-a-dia. Outra placa com furo de suspensão, encontrada na gruta da Cova da Moura, Torres Vedras, apresenta a toda a largura de uma das faces um sulco, é também indício do seu carácter funcional, como afiador (BELO, TRINDADE & FERREIRA, 1961, Est. 2, n.º 37).

Noutros casos, é evidente a finalidade ritual ou simbólica de tais placas, designadamente nos exemplares com representações antropomórficas mais ou menos explícitas, presentes em diversas estações estremenhas e alentejanas (por o tema se afastar da essência da presente discussão, apenas se apresentam algumas referências, sem carácter exaustivo, circunscritas à Baixa Estremadura):

*gruta do Furadouro da Rocha Forte, Cadaval que forneceu uma placa onde tais elementos se encontram explicitados por um par de furações troco-cónicas sugerindo os olhos (GONÇALVES, 1990/1992, Fig. 93, n.º 20);

* tumulus do monumento da Praia das Maças: o exemplar ali recolhido mostra um par de olhos ou mamilos em baixo relevo (GONÇALVES, 1982/1983, Fig. 19, n.º 6), semelhante a outro, das grutas de Alcobaca (GONÇALVES, 1978, Est. XXIII).

A estas, podem somar-se outras, de xisto, com as mesmas representações, como a recolhida na gruta artificial de Arruda 1, Torres Vedras (FERREIRA & TRINDADE, 1956).

Este mesmo motivo, de evidente simbolismo, encontra-se associado, numa placa de xisto com decorações geométricas da gruta II de Alapraia (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 14, n.º 2), prova de que ambos os grupos coexistiram na Estremadura e, mais do que isso, interagiram, do que resultaram exemplares com atributos idênticos, tanto de xisto como de arenito/grauvaque.

2.3.6.2. - Placas de xisto com decoração geométrica

As necrópoles estremenhas do Neolítico Final, sejam grutas naturais, grutas artificiais ou monumentos megalíticos, encerram um copioso conjunto de placas de xisto decoradas, cuja origem alto-alentejana é evidente: a simples presença destas peças, de forma insistente, na Estremadura, ilustra, por si só, a forte interacção entre esta região e o interior do território, a qual se estendeu a domínios de natureza cognitiva e da super-estrutura religiosa, realidade que foi já anteriormente sublinhada (CARDOSO, 1999/2000). A permanência de placas de xisto decoradas, em estações calcolíticas da

Estremadura, tanto em povoados, como é o caso do Zambujal, Torres Novas, Vila Nova de São Pedro, Azambuja, ou Pedrão, Setúbal, como em necrópoles do tipo *tholoi*, como a de Tituaria, Mafra, é indício, tal como no Alto Alentejo, da sobrevivência deste tipo de ideoartefactos até tal época, sem qualquer mudança da respectiva iconografia.

No caso da gruta do Correio-Mor, recolheram-se três placas inteiras ou quase, aquando da identificação do sítio arqueológico (Fig. 27, n.º 3; Fig. 28, n.º 1 e 4), a par de diversos fragmentos, também encontrados nessa altura ou no decurso da desmontagem das terras do enchimento da cavidade (Fig. 27, n.º 4 e 5; Fig. 29, n.º 3; Fig. 32, n.º 10). Do ponto de vista da temática decorativa, trata-se de motivos comuns, de carácter geométrico, constituídos por sequências de triângulos isósceles com o vértice apontado para cima, ou métopas de zigue-zagues, também preenchidas interiormente por linhas intersecantes. As perfurações (simples em dois casos e dupla no terceiro), abrem-se na parte superior, ao centro, em espaço não decorado, como é vulgar em tais casos.

Muito mais rara é uma placa de xisto de contorno sub-triangular alongado, de fina espessura, munida de três largos orifícios numa das extremidades (Fig. 26, n.º 7); apesar da sua pequenez e raridade, está excluída a hipótese de reproveitamento de uma placa de xisto de maiores dimensões, acidentalmente fracturada na época, à semelhança do verificado noutras situações, que se inventariam de seguida por serem exemplo da importância conferida a estas peças, mesmo depois de fracturadas:

- uma placa reaproveitada e regularizada das grutas de Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 39, a), de contorno sub-rectangular, sem possuir furo de suspensão;
- uma placa reaproveitada das grutas artificiais de Palmela, recentemente reanalisada (SOARES, 2003, Fig. 118);
- uma placa reaproveitada como tal do dólmen de Monte Abraão, Sintra (RIBEIRO, 1880, Est. 4, n.º 2), também de contorno sub-rectangular, possuindo uma nova perfuração para a suspensão;
- uma placa reaproveitada como pingente de contorno triangular, com a execução de dois furos de suspensão novos (BELO, TRINDADE & FERREIRA, 1961, Fig. 5, n.º 30);
- uma placa reaproveitada como pingente de contorno sub-rectangular alongado, com a execução de um novo furo de suspensão num dos topos (LEISNER, 1965, Tf. 111, n.º 43).

No entanto, a placa-pendente da gruta do Correio-Mor, não só pela fina espessura que possui – o que exclui a hipótese de peça original de maiores dimensões – mas sobretudo pela regularidade, simetria e perfeito enquadramento do motivo geométrico que ostenta no campo disponível, corresponde a objecto feito de raiz; nesse sentido, e pelas mesmas razões, o paralelo mais próximo corresponde a uma placa-pendente, estreita e alongada, recolhida na gruta artificial de Folha das Barradas, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 34, n.º 3).

2.3.6.3 - *Báculos de xisto*

Trata-se de mais uma manifestação material da superestrutura religiosa das populações que, no

Neolítico Final, povoaram a Baixa Estremadura e expressiva, tal como as placas de xisto, das influências que, em tal domínio, com origem no interior alto-alentejano, nessa época aqui se exerceram. Na gruta do Correio-Mor, recolheu-se um exemplar liso, de dimensões médias, do qual se conserva apenas a parte superior (Fig. 32, n.º 9). Esta peça possui a particularidade de o bordo de uma das faces se encontrar limitado por rebordo relevado, à semelhança, salvaguardando as dimensões, de uma das placas lisas de arenito recolhidas na gruta do Escoural, Montemor-o-Novo, à qual já antes se fez referência.

Os grandes báculos de xisto decorados, encontram-se apenas representados na Estremadura por dois exemplares, conhecidos de há muito: trata-se do recolhido por Nery Delgado na gruta da Casa da Moura, Óbidos, dado a conhecer por E. Cartailhac (CARTAILHAC, 1886) e do proveniente do dólmen de Estria, publicado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880). Ainda na região a norte do Tejo, mas já no Ribatejo, assinalam-se três exemplares na gruta da Lapa da Galinha, todos decorados (SÁ, 1959), o que constitui uma excepcional concentração de tal tipo de artefactos.

Na Estremadura, foram, por outro lado, registados exemplares de pequenas dimensões, eventualmente utilizados como adornos, como é o caso, entre outros, do pequeno báculo em esquírola de osso recortado e polido, oriundo da gruta da Cova da Moura, Torres Vedras (SPINDLER, 1981, Tf. 23, n.º 358).

2.3.6.4 - *Ídolos e objectos votivos de calcário*

Nesta categoria incluem-se as notáveis peças que integravam um pequeno altar rupestre, localizado no chão da gruta primitiva, o qual foi já objecto de publicação (CARDOSO *et al.*, 1995) e que, por tal motivo, não serão objecto de reapreciação. Os materiais inéditos que agora se publicam, resultaram de colheitas efectuadas logo após a identificação da gruta, a que se seguiram outras, no decurso dos trabalhos ulteriormente realizados. Do primeiro grupo, fazem parte as seguintes:

Cilindros decorados - representados por um exemplar eventualmente incompleto na parte superior, ostentando em toda a volta, uma sequência de bandas preenchidas por linhas oblíquas, alternadamente para a direita e para a esquerda (Fig. 30, n.º 3). Trata-se de padrão decorativo ainda desconhecido em peças deste tipo, no território português, apesar de a tipologia do respectivo suporte ser dos mais comuns, entre os ídolos calcolíticos estremenhos.

Placas curvas - a presença de placas curvas de calcário, totalmente polidas, como a recolhida na gruta do Correio-Mor (Fig. 30, n.º 4), é bem conhecida entre o conjunto das peças calcolíticas estremenhas de carácter simbólico, domínio geográfico de onde parecem ser exclusivas. Tal é a conclusão da distribuição das peças conhecidas, todas recolhidas em necrópoles colectivas, das quais quatro inventariadas por V. Leisner (LEISNER, 1965): duas, das grutas artificiais de Praia das Maças e de Folha das Barradas, Sintra; duas outras, dos monumentos megalíticos de Agualva (*tholos*) e de Estria (dólmen), ambos do aro de Sintra; a estas, soma-se o exemplar já estudado da gruta do Correio-Mor (CARDOSO *et al.*, 1995); dois

outros, da Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992), e a placa dada agora a conhecer. Esta, porém, diferencia-se de todas as outras – exceptuando o exemplar de Folha das Barradas – por possuir a face convexa decorada por reticulados, dispostos em três áreas, que definem uma faixa lisa longitudinal. Trata-se, pois, de uma variante quase única, cujo paralelo mais próximo é, apesar das diferenças decorativas, o supra citado exemplar.

Placa plana - corresponde a um exemplar semelhante às placas supra referidas, diferenciando-se destas por ser plana (Fig. 31, n.º 4). Apresenta as superfícies muito alteradas e corroídas, encontrando-se incompleta em ambas as extremidades. Trata-se de objecto de assinalável raridade, podendo aproximar-se de um exemplar achatado, totalmente polido, de rocha cinzento-esverdeada e de contorno piriforme, recolhido no dólmen de Estria, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 58, n.º 4).

Enxó votiva - trata-se de um artefacto de pedra polida, muito erodido, cuja assimetria longitudinal sugere tratar-se de uma enxó, apesar de não possuir carácter funcional, dada a natureza da rocha em que foi afeiçoada (Fig. 30, n.º 5). Corresponde, pois, a peça de carácter votivo ou ritual, que se diferencia dos exemplares conhecidos de enxós votivas, faltando-lhe a representação do encabamento; ao contrário, constitui uma réplica rigorosa dos exemplares funcionais, só que numa matéria-prima que impedia a sua utilização como tal.

Ídolos fusiformes - representados por um exemplar com secção elipsoidal, encontrando-se muito corroído à superfície; conserva-se apenas a porção inferior, terminando em ponta (Fig. 31, n.º 3). Ídolos de contorno fusiforme, sejam de secção elipsoidal, como este, sejam de secção plano-convexa (mais frequentes), ocorrem também exclusivamente na área estremenha, como muitas outras peças calcárias, algumas das quais representadas na gruta do Correio-Mor.

2.3.6.5 - Ídolos de rochas siliciosas

Os dois ídolos fusiformes recolhidos na gruta do Correio-Mor são os únicos exemplares conhecidos deste tipo de peças talhados em rochas não calcárias, apesar de, tipologicamente, corresponderem a modelo comum na Estremadura, de secção plano-convexa, mas de calcário. Um deles, encontra-se incompleto na parte superior, sendo talhado num bloco de grauvaque (Fig. 31, n.º 2); o outro (Fig. 31, n.º 1), foi executado numa rocha siliciosa, muito fina, de coloração acinzentada. Como particularidade, possui, ao centro do topo superior do reverso (não desenhado) uma depressão realizada por picotagem. Desconhece-se o significado simbólico deste carácter; contudo, é comum em numerosas peças similares: apenas como exemplo, é de referir que a maior parte do ídolos fusiformes da gruta artificial do Cabeço da Arruda 1, Torres Vedras (LEISNER, 1965, Tf. 4), possuem tal depressão, em posição idêntica à do presente exemplar; o mesmo se verifica no exemplar decorado, talhado sobre um fragmento de caule

fóssil silicificado – também único no seu género – agora assim classificado pelo Autor, de jazida de Samarra, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 49, n.º 12). No conjunto do Correio-Mor anteriormente publicado, se bem que estejam representados os ídolos de calcário fusiformes de secção plano-convexa, todos decorados, nenhum possui a dita depressão.

2.3.6.6 - Blocos de ocre

Recolheu-se um bloco de ocre amarelado/avermelhado, muito pulverulento, o qual foi certamente usado para a obtenção de corante, como sugere a existência de diversos sulcos nele conservados (Fig. 32, n.º 11).

2.3.7 - Indústria cerâmica

2.3.7.1 - Cerâmicas lisas

Taças em calote e esféricas de bordo simples - trata-se de conjunto de dimensões muito variáveis de recipientes lisos que ocorrem, sobretudo, em contextos funerários estremenhos do Neolítico Final (Fig. 20, n.º 14 a 16; Fig. 34, n.º 7 e 8; Fig. 36, n.º 4; Fig. 37, n.º 1 a 16; Fig. 38, n.º 1 a 7; Fig. 40, n.º 1; Fig. 56, n.º 4 e 7). Importa, porém, referir que até pelo menos ao Bronze Pleno estão representadas na Baixa Estremadura taças em calote absolutamente idênticas, o mesmo se verificando com esféricas lisas, conforme foi demonstrado pelo estudo do espólio do povoado do Catujal, Loures (CARREIRA, 1997), pelo que alguns destes exemplares poderão pertencer a esta época, que não foi possível identificar de forma segura na estação, na ausência de indicadores materiais dela característicos.

Exibem, por vezes, marcas do processo de fabrico, com recurso a rolo, sendo frequentemente de acabamento grosseiro. Noutros casos, o calor a que alguns dos recipientes foram submetidos, com estalamentos térmicos – incluindo exemplares de pequenas dimensões (Fig. 20, n.º 14; Fig. 34, n.º 7) – indica utilização anterior à sua deposição na gruta como oferendas, para o aquecimento de substâncias diversas (fármacos, tintas, gorduras, etc.).

Taças em calote e esféricas de bordo espessado - trata-se de recipientes comuns no Neolítico Final e no Calcolítico da região, no caso representados por uma taça (Fig. 40, n.º 4) e por diversos esféricos (Fig. 36, n.º 1 e 5).

Taças carenadas - o exemplar da Fig. 36, n.º 2 é uma forma característica do Neolítico Final da Estremadura, que não deverá ser confundida com as taças carenadas da Idade do Bronze, muito melhor representadas na gruta do Correio-Mor.

Copos de paredes direitas e fundo convexo - trata-se de uma forma típica do Calcolítico Inicial da Estremadura, representada por um recipiente cujo perfil foi possível reconstituir (Fig. 36, n.º 3); corresponde a um dos raros exemplares nestas condições, visto que, embora abundantes em contextos domésticos, o seu grau de fracturação raramente impede reconstituições completas. Apresenta-se liso, à semelhança de muitos outros, coexistindo com os decorados por caneluras, como o exemplar recolhido numa das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, Pl. 22, n.º. 165), um dos raros exemplos de tais vasos oriundos de necrópoles, o qual também foi possível reconstituir integralmente.

2.3.7.2 - Cerâmicas decoradas

Taças caneladas - representadas por grande fragmento, que possui a característica banda de caneluras paralelas, abaixo do bordo (Fig. 35, n.º. 3). Trata-se, como a anterior, de forma característica do Calcolítico Inicial da Estremadura, mas com uma longevidade aparentemente mais longa, visto ter continuado a ser fabricada, embora vestigialmente, no decurso do Calcolítico Pleno.

2.3.7.3 - Cerâmicas diversas

Colheres - representadas por um grande exemplar de concha pouco acentuada, incompleto em toda a periferia; o cabo, muito desenvolvido, apresenta uma pequena digitação na ligação à concha (Fig. 34, n.º. 6). A ocorrência de colheres relaciona-se com a realização de múltiplas actividades domésticas, com destaque para a preparação de caldos e de papas de cereais. Trata-se de utensílio que, embora jamais se afigure comum, ocorre em contextos do Neolítico Final e do Calcolítico. A evidente escassez de colheres de barro, só pode ser explicada pela existência de exemplares de madeira (à semelhança dos actualmente utilizados) ou em outros materiais perecíveis (cabaças), que, evidentemente, também não se conservaram. Do ponto de vista tipológico, o exemplar em apreço diferencia-se dos dois tipos identificados na Anta do Olival da Pega (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 100): um deles, é caracterizado, segundo os referidos autores, pelo arranque do cabo ser vertical, perpendicular à superfície definida pela concha, possuindo paralelos em Vila Nova de São Pedro, Azambuja; no outro, o arranque daquele faz-se na parte inferior daquele plano, igualmente com paralelos em antas alentejanas; para o tipo de colher em que o cabo parte horizontalmente do bordo, os dois autores citados referem paralelos em outras antas do Alto Alentejo, a que se podem associar, na Estremadura, entre outros exemplares, um das grutas da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996), atribuível ao Neolítico, de concha profundamente cavada. Outro exemplar, recolhido no povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1994, Fig. 127), no nível basal do Neolítico Final, parece também aproximar-se, apesar do seu estado de fragmentação, da colher agora estudada, também semelhante aos exemplares reproduzidos por A. do Paço e E. Jalhay de Vila Nova de São Pedro (PAÇO & JALHAY, 1939, Fig. 20, n.º. 5).

2.4 - A presença campaniforme

A presença de materiais campaniformes na gruta do Correio-Mor é coerente com a intensidade da distribuição de materiais campaniformes na península de Lisboa, conferindo-lhe o primeiro lugar à escala europeia, como recentemente foi evidenciado (CARDOSO, QUERRÉ & SALANOVA, 2003).

O notável espólio exumado na gruta do Correio-Mor a seguir caracterizado, embora quase exclusivamente representado por materiais cerâmicos, evidencia tal realidade, possuindo paralelo muito próximo, quer pela quantidade dos achados, quer pela modernidade do conjunto campaniforme, como é indicado pela respectiva tipologia, na gruta natural da Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (LEITÃO *et al.*, 1984).

2.4.1 - Indústrias cerâmicas

2.4.1.1 - Vasos marítimos (de tipo AOO)

Estes recipientes, de forma campanular, ostentam a característica decoração de bandas horizontais, ocupando a totalidade da superfície (do tipo AOO, ou "All Over Ornamented"), preenchidas interiormente com segmentos orientados alternadamente. Correspondendo a este estereótipo, apenas se reconheceu um exemplar, decorado a pontilhado, o qual possui, imediatamente abaixo do bordo, uma faixa preenchida com triângulos (Fig. 42, n.º 1).

Uma variante da forma clássica, na qual se inscreve o recipiente supra descrito, é constituída por um vaso, de colo mais acentuado e bojo proeminente, igualmente decorado em toda a superfície (exceptuando pequena faixa junto ao colo) por bandas horizontais, preenchidas interiormente; porém, o preenchimento do interior dessas bandas, neste exemplar, é sempre feito para o lado esquerdo, recorrendo à técnica incisa e não do pontilhado (Fig. 41, n.º 1). Dois outros fragmentos podem pertencer a este mesmo recipiente (Fig. 48, n.º 3; Fig. 51, n.º 2). Há ainda a mencionar fragmento de outro vaso, no qual o preenchimento interno das bandas é realizado por reticulado inciso irregular, o que constitui variante, por certo tardia, dos vasos marítimos (Fig. 51, n.º 6). A existência de vasos campaniformes com decoração de bandas do tipo AOO, executada pela técnica incisa, foi já anteriormente valorizada, a propósito de um exemplar recolhido na gruta 3 da Quinta do Anjo, Palmela (CARDOSO, 2000a, Fig. 10). Com efeito, sendo os vasos marítimos do estilo AOO considerados como representantes mais antigos do "fenómeno" campaniforme na região da Estremadura, e os recipientes com decoração incisa como a sua expressão mais recente, a junção, num mesmo exemplar, da forma e temática decorativa, por um lado, e da técnica com que foi obtida, por outro, introduz uma nova questão, que é a da coexistência dos vários indicadores até agora utilizados para fasear a presença campaniforme na região segundo os critérios definidos em já antigo e excelente ensaio, que ainda não perdeu interesse (SOARES & SILVA, 1974/1977). Sem dúvida que os vasos marítimos decorados por bandas horizontais a pontilhado, por um lado e, por

outro, os recipientes incisos, constituem os extremos cronológicos de uma série que conheceu, no decurso das escassas centenas de anos em que foram produzidos recipientes campaniformes, evidentes coexistências, como já anteriormente se demonstrou pela análise tipológica dos materiais exumados numa unidade habitacional – forçosamente de “vida curta” – a Cabana FM do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1997/1998b). Ali, com efeito, verificou-se uma nítida coexistência de técnicas, formas e estilos decorativos, demonstrando que o faseamento do “fenómeno” campaniforme tem de atender, necessariamente, a tais coexistências as quais, para serem significativas, têm de apoiar-se em número razoável de elementos.

2.4.1.2 - Taças Palmela

Todos os exemplares recolhidos possuem decorações incisas, o que confere ao conjunto evidente modernidade, aliás compatível com outros indicadores, como o grande desenvolvimento dos lábios dos bordos das taças Palmela, profusamente decorados, característica, aliás, que foi já anteriormente valorizada (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996). Estão presentes fundos, definidos por circunferências (Fig. 45, n.º 1; Fig. 51, n.º 5), bojós (Fig. 51, n.º 4) e bordos (Fig. 45, n.º 2; Fig. 46, n.º 1 Fig. 48, n.º 4), para além de exemplares cuja geometria e padrões decorativos foi possível definir totalmente (Fig. 41, n.º 3; Fig. 43, n.º 4). Um dos exemplares, cujo barroquismo decorativo é evidente (Fig. 46, n.º 1), possui uma faixa com decoração pseudo-excisa, técnica já identificada noutros exemplares da Baixa Estremadura e que se pode conotar com alguns vasos do grupo de Ciempozuelos, característicos da Meseta.

2.4.1.3 - Taças em calote

Correspondem a forma comum no Neolítico Final e no Calcolítico da região, mais ou menos decoradas abaixo do bordo, por motivos incisos, mais uma vez os mais frequentes (Fig. 44, n.º 1, 2 e 6), ou a pontilhado, técnica que apenas se encontra presente num das quatro taças estudadas (Fig. 44, n.º 5). Por vezes, dada a pequenez dos fragmentos, a separação entre os bordos de taças em calote e os pertencentes a caçoilas é problemática; nestas últimas, porém, a parede apresenta-se direita e não convexa, como naquelas. Um motivo merece destaque particular: trata-se da alternância entre a técnica pseudo-excisa, muito imperfeita, e métopas constituídas por uma sequência de impressões circulares, numa faixa da sequência decorativa presente em uma das taças (Fig. 44, n.º 2). No tocante à técnica pseudo-excisa, ela já atrás foi mencionada a propósito de uma taça Palmela que a ostenta; quanto à técnica da impressão de circunferências, com recurso a uma matriz, ela foi pela primeira vez assinalada, e devidamente valorizada, dada a sua raridade, em fragmento de taça em calote do povoado de Montes Claros, Lisboa (PAÇO & BÁRTHOLO, 1961).

2.4.1.4 - Esféricos

Trata-se de forma rara, no conjunto da olaria campaniforme, representado apenas por dois exemplares com decoração incisa (Fig. 43, n.º 1 e Fig. 50, n.º 1). É admissível considerar a possibilidade de estes recipientes se encontrarem na descendência directa dos esféricos com decoração em “folha de acácia” e em “crucífera”, característicos do Calcolítico Pleno da Estremadura. Com efeito, encontra-se comprovada estratigraficamente a coexistência de tais produções com cerâmicas campaniformes, tanto em Leceia (CARDOSO, 1989; CARDOSO & SOARES, 1990/1992), como noutros povoados estremenhos, como o da Rotura, Setúbal (GONÇALVES, 1971; SILVA, 1971; FERREIRA & SILVA, 1970).

2.4.1.5 - Garrafas

Esta forma, esférica fechada, com colo pouco marcado, coincidindo com a zona do gargalo, encontra-se representada por um grande exemplar, decorado a pontilhado (Fig. 46, n.º 5). Só excepcionalmente esta forma tem sido registada em povoados, dada a dificuldade de a identificar, com base em pequenos fragmentos, separando-a de outros grandes recipientes, mais comuns, como as caçoilas; uma das excepções verificou-se no pequeno povoado de encosta do Monte do Castelo, Oeiras (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996, Fig. 6, n.º 1). Esta designação formal, foi apresentada pela primeira vez a propósito de um vaso recolhido na gruta da Cova da Moura, Torres Vedras (TRINDADE & FERREIRA, 1971), reportado então a influências mediterrâneas, tendo em vista os dois únicos paralelos então conhecidos, do Midi francês e da Catalunha. O exemplar apresenta-se decorado pela técnica incisa, associada a linhas impressas em zigue-zague, também presentes em pequenas caçoilas do Correio-Mor, adiante mencionadas.

A maior parte dos exemplares conhecidos, incluindo o do Monte do Castelo, foram decorados com recurso à técnica incisa: para além dos vasos recolhidos nas grutas da Cova da Moura e da Senhora da Luz, Rio Maior (aparentemente, com uso misto da técnica do pontilhado, junto ao bordo, segundo o desenho publicado, cf. SPINDLER, 1975 Abb. 2), registaram-se, ainda na década de 1970, mais duas “garrafas”, que faziam parte da sepultura individual n.º 1, encontrada na câmara do dólmen de Montum, Santiago do Cacém (FERREIRA *et al.*, 1975). A estes quatro exemplares, somaram-se ulteriormente mais dois recipientes sem indicação de proveniência (LEITÃO *et al.*, 1978, p. 516, n.º 64, 65; FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 209, n.º 64, 65). Curiosamente, a garrafa da gruta do Correio-Mor, já reproduzida pelos autores citados, é a única, dos exemplares cujo desenho é conhecido, que se apresenta decorada pela técnica do pontilhado. Porém, como, para além dos exemplares conhecidos, os autores mencionam a existência de “pelo menos mais uma dezena de exemplares, entre os fragmentos de cerâmica conservados nos Serviços Geológicos de Portugal ou desenhados em várias publicações e comunicações” (*op. cit.*, p. 205), dos quais desenharam apenas os três já referidos, dois incisos e um a pontilhado, é possível que, dos sete remanescentes, algum seja também decorado a pontilhado.

2.4.1.6 - Caçoilas de pequenas dimensões

Representadas por dois exemplares; um, ostenta decoração em zigue-zagues impressos com matriz estreita e alongada, aplicada obliquamente (Fig. 42, n.º 2; Fig. 49, n.º 6); o outro (Fig. 42, n.º 4), é decorado por finas incisões paralelas, entre o bordo e o colo, as quais, pela regularidade, podem ter sido produzidas por ponta afiada ou mesmo uma lâmina metálica, à semelhança do verificado e admitido em uma taça Palmela do Alto do Montijo, Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996, Fig. 6, n.º 2).

2.4.1.7 - Caçoilas de médias e grandes dimensões

Os exemplares em apreço possuem tamanhos médios ou grandes e decorações quase exclusivamente incisas, exceptuando dois casos, decorados a pontilhado (Fig. 49, n.º 3; Fig. 51, n.º 1 e 3).

De assinalar ainda a existência de um enorme vaso (sem dúvida destinado ao armazenamento), o qual ostenta notável decoração a pontilhado, obtida pela impressão de uma matriz denteada (Fig. 49, n.º 13). Nalguns casos (Fig. 46, n.º 6), observa-se a coexistência entre a técnica incisa e a impressa, limitando-se esta à execução de linhas em zigue-zague horizontais, pela aplicação oblíqua de uma ponta romba, idênticas às que se observam na pequena caçoila atrás mencionada (Fig. 42, n.º 2; Fig. 49, n.º 6).

Nas caçoilas de médias dimensões, ocorre a variante com ombro, marcado por pequeno ressalto na ligação entre o bojo e o colo (Fig. 49, n.º 1); nenhuma se apresenta carenada; as demais, são de perfil suave, incluindo as de grandes dimensões, as quais se apresentam decoradas no espaço mais proeminente do bojo (Fig. 41, n.º 2; Fig. 42, n.º 6; Fig. 45, n.º 3 e 4; Fig. 47, n.º 1 e 8), e abaixo do bordo (Fig. 46, n.º 6; Fig. 48, n.º 2, 5 e 6; Fig. 50, n.º 2 a 7), por vezes com evidente barroquismo (Fig. 51, n.º 7), somando-se ao notável recipiente atrás mencionado (Fig. 49, n.º 13); porém, a maioria limita-se a fragmentos do bordo ou do bojo, impossibilitando o conhecimento completo do respectivo perfil (Fig. 42, n.º 3, 5 e 7; Fig. 43, n.º 2 e 3; Fig. 44, n.º 3, 4 e 7; Fig. 46, n.º 2 a 4; 7 a 9; Fig. 47, n.º 2 a 7; Fig. 49, n.º 2 a 5; 7 a 12).

Uma vez mais, verifica-se a associação da técnica incisa à impressa, correspondente a última a linhas horizontais em zigue-zague, em dois exemplares (Fig. 47, n.º 4 e 5).

A modernidade do conjunto, além de sugerida pela larga predominância da técnica incisa, é reforçada pela presença de recipientes de feitura muito evoluída, evocando a Idade do Bronze: é o caso de um vaso de colo alto e tronco-cónico, decorado por singelo motivo de longos zigue-zagues incisos (Fig. 40, n.º 2) e de um outro, com colo muito marcado e sinuoso (Fig. 40, n.º 3).

2.4.2 - Braçal de arqueiro

Trata-se de uma peça de arenito micáceo, que se integra no grupo em epígrafe, constituindo, como é sabido, um dos elementos mais característicos dos conjuntos campaniformes, embora tenha sobrevivido às cerâmicas campaniformes, visto ocorrer em fases mais tardias, epicampaniformes ou do Bronze Inicial,

como é o caso do Horizonte de Ferradeira, relativo ao sul do País (SCHUBART, 1971); no norte do País, aquele horizonte cronológico-cultural tem equivalente, como é sabido, nas necrópoles de cistas, como a sepultura da Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira, que, no entanto, não forneceu nenhum braçal de arqueiro, ao contrário do encontrado na necrópole coeva de Chã de Arefe, Barcelos (SILVA, LOPES & MACIEL, 1981).

2.5 - A ocupação da Idade do Bronze

A existência de um rico conjunto cerâmico da Idade do Bronze na gruta do Correio-Mor, pressupõe intensa ocupação da cavidade, ao menos por um curto período de tempo. Esta ocupação não terá sido, contudo, de carácter funerário, dada a ausência de cinzas (no caso de ter constituído necrópole de incineração) ou de restos osteológicos (no caso de inumações); com efeito, os únicos ossos humanos ali encontrados foram datados do Neolítico. Deste modo, é reforçada a possibilidade de os restos da Idade do Bronze se relacionarem com utilização não-funerária, mas de carácter ritual. Já anteriormente, se tinha admitido tal possibilidade, aquando do estudo das cerâmicas de ornatos brunidos ali encontradas (CARDOSO, 1997/1998a), comparando-se tal realidade com a verificada em outras grutas estremenhas. Deste modo, tal prática terá assumido, no Bronze Final, carácter generalizado, com paralelos mediterrâneos e atlânticos bem conhecidos. Deve, no entanto, valorizar-se um fragmento ainda não publicado (Fig. 48, n.º 1), decorado do lado interno do bordo por uma banda de impressões/incisões “em espiga”, com paralelos evidentes nas cerâmicas do Bronze Final da Meseta.

Neste estudo, não se irão reproduzir as cerâmicas do Bronze Final já publicadas; a análise limitar-se-á à caracterização do conjunto não decorado, ainda não estudado, acompanhante das cerâmicas de ornatos brunidos, sem porém ser possível garantir a ausência de cerâmicas lisas do Bronze Pleno, dificilmente destrincháveis, nalguns casos, das do Bronze Final; aliás, a presença humana na cavidade no Bronze Pleno, é indicada pela descoberta de um machado plano de bronze, de gume peltado, sem dúvida daquela época (Fig. 33, n.º 2).

2.5.1 - Cerâmicas lisas

As formas tipologicamente reconhecidas na gruta do Correio-Mor são as seguintes:

2.5.1.1 - Taças carenadas

Trata-se de forma muito variável, não apenas pela posição da carena face à altura primitiva do recipiente, mas também pelo perfil da mesma, desde os exemplares em que, tanto na parede externa como interna, aquela se encontra bem marcada, até aos que mostram apenas uma ligeira inflexão do perfil, por vezes mesmo inexistente do lado interno. Não se considerou pertinente, ao contrário do

verificado no conjunto cerâmico do povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa (CARDOSO & SILVA, 2004), a identificação de uma categoria de taças diferenciada das formas carenadas, correspondente às “taças de perfil suave”. Deste modo, as taças carenadas da gruta do Correio-Mor foram subdivididas, nas seguintes categorias:

Taças de carena alta: representadas por seis exemplares: Fig. 53, n.º 3 a 7; Fig. 54, n.º 7;

Taças de carena média: representadas por dez exemplares: Fig. 52, n.º 2; Fig. 54, n.º 3 a 6; Fig. 56, n.º 3, 6, 8 e 10; Fig. 57, n.º 2;

Taças de carena baixa: representadas apenas por dois exemplares: Fig. 53, n.º 1 e 2.

2.5.1.2 - Taças em calote

Corresponde a uma forma praticamente imutável desde o Neolítico ao Bronze Final, encontrando-se representada, ao longo de todo o Calcolítico, mesmo no conjunto de cerâmicas campaniformes, onde ocorrem, a par de exemplares lisos, os decorados com temáticas características daquela fase cultural. No Bronze Pleno, continua a verificar-se a presença desta forma, embora em quantidades modestas, nas ainda mais escassas estações estremenhas conhecidas daquele período, na Baixa Estremadura, tanto de carácter habitacional, como o destruído povoado do Catujal, Loures (CARREIRA, 1997), como de carácter sepulcral ou ritual, como é o caso da Lapa da Furada, Sesimbra (CARDOSO & CUNHA, 1995).

Na gruta do Correio-Mor identificaram-se apenas quatro exemplares: Fig. 35, n.º 4; Fig. 55, n.º 5 e 6; Fig. 56, n.º 4. A primeira, possui a particularidade de ser munida de um pega horizontal.

2.5.1.3 - Esféricos de bordo simples ou espessado

Trata-se, também, de uma forma presente desde o Neolítico. Os exemplares susceptíveis de serem reportados ao Bronze Final, pelas suas características tipológicas ou pelo acabamento superficial, são os representados na Fig. 56, n.º 7 e 12; Fig. 57, n.º 4; e Fig. 58, n.º 1 a 4, totalizando sete exemplares.

2.5.1.4 - Potes

É uma forma muito comum no conjunto cerâmico do Bronze Final em apreço, integrando diversas variantes, no tocante ao respectivo perfil. Nota-se a existência de recipientes de tamanhos muito diversos, relacionados directamente com as respectivas funções. Assim, os de maiores dimensões destinam-se-iam ao armazenamento de bens de consumo, como cereais, enquanto os de menores dimensões guardariam líquidos ou outras oferendas, no quadro da admitida utilização ritual da gruta, no decurso do Bronze Final. Do ponto de vista tipológico, consideraram-se as seguintes categorias:

Potes de colo alto em aba mais ou menos desenvolvida e bordo com ou sem espessamento, representados por onze exemplares: Fig. 52, n.º 3, 5 e 6; Fig. 55, n.º 1 e 3; Fig. 56, n.º 1 e 2; Fig. 57, n.º 10; Fig. 59,

nº 2, 4 e 5;

Potes de colo alto, sub-vertical ou ligeiramente extrovertido, representados por apenas três exemplares: Fig. 52, nº 1; Fig. 54, nº 2; Fig. 55, nº 2;

Potes de colo alto, carenado e reentrante, com bordo direito ou extrovertido, dos quais se conhece apenas um exemplar: Fig. 56, nº 9.

2.5.1.5 - Vasos em forma de saco, de paredes verticais

Diferenciam-se dos recipientes anteriores por corresponderem a uma forma aberta, cujo maior diâmetro corresponde à boca do recipiente, com dois exemplares conhecidos: Fig. 58, nº 5; Fig. 59, nº 1.

2.5.1.6 - Vasos troncocónicos abertos

Forma característica do Bronze Pleno, sendo frequente nas tumulações secundárias de monumentos dolménicos da Beira Alta e do norte de Portugal, como se verificou no dólmen de Carapito III, Aguiar da Beira (LEISNER & RIBEIRO, 1968, Abb. 16). Na gruta do Correio-Mor, identificaram-se elementos pertencentes a esta forma, diferenciando-se, contudo da homóloga nortenha por não possuírem asa, como acontece em muitos daqueles exemplares. São dois exemplares: Fig. 52, nº 4; Fig. 56, nº 5.

2.5.1.7 - Vasos cilíndricos

O fundo do único exemplar conhecido (Fig. 54, nº 1) não se conservou; provavelmente, seria plano; em alternativa, o fragmento em apreço poderia pertencer a um suporte, forma ainda mais rara, em território português.

2.5.1.8 - Fundos planos

Trata-se, em geral, de grandes vasos de provisões, do grupo dos de colo alto, atrás referidos, embora também existam exemplares de tipologia diferente e menor tamanho, pertencentes a taças de base ligeiramente onfalada (Fig. 55, nº 7) ou a vasos troncocónicos (Fig. 55, nº 9). Reconheceram-se sete exemplares: Fig. 55, nº 6 a 11; Fig. 57, nº 11.

2.5.1.9 - Formas indeterminadas (Vasos troncocónicos ou potes de colo alto ?)

A porção conservada de vários bordos permite aceitar as duas enunciadas alternativas: Fig. 56, nº 11 e 13; Fig. 59, nº 3.

2.5.1.10 - Elementos de *preensão*

Identificaram-se as seguintes morfologias:

Mamilos simples ou duplos, geminados, com perfuração simples ou dupla vertical, sobre a carena de taças altas: Fig. 53, n.º 3, 4 e 5; Fig. 55, n.º 4;

Mamilos simples com furação vertical: Fig. 57, n.º 5 e 6;

Pegas simples horizontais, de grandes recipientes: Fig. 57, n.º 7, 8 e 9;

Pegas simples horizontais, de taças hemisféricas: Fig. 35, n.º 4;

Asas com arranque na carena, de pequenas taças carenadas: Fig. 57, n.º 2.

2.5.1.11 - Elementos *decorativos*

Além do exemplar decorado já mencionado (Fig. 48, n.º 1), identificaram-se:

Bordos denteados no lábio, com furações sob o bordo, de carácter decorativo: Fig. 55, n.º 1;

Mamilos simples, sobre a carena; correspondem a ligeiras protuberâncias sem utilidade prática: Fig. 57, n.º 1;

Incisões finas de tipo geométrico: Fig. 57, n.º 3. Um exemplar semelhante provém do povoado da Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004, Fig. 7, n.º 5).

Trata-se, pois de um conjunto meramente vestigial, face à abundância das formas lisas e das decorações de ornatos brunidos coevas.

No conjunto, as cerâmicas do Bronze Final ora estudadas, não poderão ser vista separadamente dos fragmentos com ornatos brunidos, já estudados (CARDOSO, 1997/1998a), correspondendo estes últimos à componente decorada, cuja presença remete a cronologia das cerâmicas ora estudadas para o Bronze Final II (situável nos séculos XI a IX a.C.; com efeito, a restante componente decorada, encontra-se apenas representada por escassos fragmentos, com decorações incisivas, plásticas ou recorrendo a perfurações decorativas, associadas a bordos de lábio denteado por incisão.

No concernente às formas lisas, são largamente dominantes as taças carenadas, entre as formas abertas e os potes de colo alto, entre as formas fechadas, exactamente as mesmas formas que se verificou serem dominantes no povoado da Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004), cuja cronologia poderá ser um pouco anterior, remontando ao Bronze Final I, pela ausência de cerâmicas de ornatos brunidos. Trata-se de formas sem antecedentes calcolíticos estrementos, embora outros recipientes mostrem evidentes analogias com exemplares mais antigos, como as taças em calote e os esféricos, ainda que representados por escassos exemplares. Vestigiais são, também, os vasos troncocónicos, bem representados no Bronze Pleno do Centro e Norte do País. A sua presença na gruta do Correio-Mor sugere a existência de ligações entre a Estremadura e aquelas regiões, aliás documentadas pela presença de metalurgia do bronze – como bem indica o molde para fundição de foices do tipo Rocanes, do sítio epónimo do concelho

de Sintra (FONTES, 1916) – só possível com a importação do estanho, oriundo das Beiras. Aliás, a via comercial que foi utilizada para a importação desta matéria-prima – o vale do Tejo – encontra-se balizada pela distribuição das cerâmicas de ornatos brunidos, entre a Estremadura e a Beira Interior (BÜBNER, *in* ALARCÃO, 1996).

2.5.2 - Materiais metálicos

2.5.2.1 - Machado

Trata-se de um pequeno exemplar, de gume arqueado, o qual se junta a outros exemplares já conhecidos da Baixa Estremadura e atribuíveis ao Bronze Pleno (Fig. 33, n.º 2). Deste modo, embora as cerâmicas acima estudadas tenham sido atribuídas, globalmente, ao Bronze Final, pela sua aparente associação às cerâmicas de ornatos brunidos, é possível que uma parte delas, por pequena que seja, remonte ainda ao Bronze Pleno, acompanhando deste modo a peça em causa.

Machados planos, com o gume marcadamente convexo, oriundos de diversos locais da Estremadura, correspondem a verdadeiros bronzes, como revelaram as análises. É o caso de exemplares recolhidos no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (PAÇO, 1955; PAÇO & ARTHUR, 1956). A estes, outros se podem juntar, recolhidos no vizinho concelho de Alenquer, em Amaral e na Ota (KALB, 1980).

2.5.2.2 - Argolas

A presença de argolas simples é frequente em estações do Bronze Final; integravam peças compósitas, onde desempenhariam o papel de elementos de suspensão; outras, poderiam ser, simplesmente, utilizados como anéis (Fig. 24, n.º 1 a 3; Fig. 33, n.º 3 e 4).

2.5.2.3 - Furador

Uma ponta, provavelmente de cobre batido, poderia ter a finalidade de furador, não se podendo excluir cronologia calcolítica (Fig. 24, n.º 6).

2.5.2.4 - Lâminas serrilhadas (?)

Dois segmentos estreitos e alongados, de cobre ou bronze, munidos em ambos os bordos de serrilha recortada, poderão ser pré-históricos ou mais modernos; desconhece-se, também, qual a sua finalidade (Fig. 24, n.º 4 e 5).

2.5.2.5 - *Lingote*

Trata-se de uma placa irregular de cobre batido (Fig. 33, nº. 1), a qual se enquadra bem no conjunto de lingotes de cobre calcolíticos reconhecidos na Estremadura, com destaque para os do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1997; CARDOSO & FERNANDES, 1995) e no Outeiro de São Mamede (CARDOSO & CARREIRA, 2003), sem embargo de poder corresponder à Idade do Bronze. Com efeito, a metalurgia desta liga requeria a disponibilidade de cobre, o qual, mais ainda do que no Calcólítico, proviria, essencialmente, do Alentejo.

2.6 - A ocupação da Idade do Ferro

A presença sidérica na gruta do Correio-Mor foi já objecto de uma curta referência, com a publicação de algumas das peças (CARDOSO, 2000b). Tal ocupação deve interpretar-se, de forma semelhante à do Bronze Final: à época, a cavidade serviria, essencialmente, como um local de carácter ritual, mais do que funerário. Esta realidade tem paralelo nas ocupações representadas por materiais da Idade do Ferro de cunho mediterrâneo, identificadas em algumas outras grutas naturais estremenhãs, com destaque para os materiais, ainda inéditos, pertencentes à colecção do Arq. Gustavo Marques, recolhidos na Lapa do Fumo, Sesimbra.

No conjunto ora estudado devem destacar-se duas facas de gume curvo, de ferro, com cabo de osso rebitado (Fig. 33, nº. 6 e 7), a menor conservando ainda restos do respectivo cabo. A estas duas peças podem associar-se recipientes cerâmicos feitos em torno rápido, tais como taças de cerâmica cinzenta fina (Fig. 60, nº. 1 e 2), a que se podem juntar vasos de colo médio, também de cerâmica fina, cinzenta ou alaranjada (Fig. 60, nº. 3; Fig. 61, nº. 4). Estas formas acompanham, ainda, jarros de cerâmica negra e toque metálico, de superfícies muito bem acabadas, com asas bilobadas bem lançadas (Fig. 60, nº. 4), cuja semelhança já tinha sido anteriormente notada com um jarro recolhido no casal agrícola de Outurela I, Oeiras (CARDOSO, 1990, Fig. 12), embora a secção da asa neste último seja circular e não bilobada. No conjunto, estes materiais são compatíveis com o século V a.C., ou, no limite, com o século anterior, no que, aliás, é concordante A. M. Arruda (ARRUDA, 2002). Facas de fio curvo e de cabo rebitado, como as encontradas no Correio-Mor, afiguram-se de cronologia lata, visto ocorrerem desde, pelo menos, os finais do século VII ou inícios do século VI a.C., sendo comparáveis aos materiais da necrópole de incineração da foz do rio Aljucén, Mérida (ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, 2003), até ao século V/IV a.C., como indica a cronologia da necrópole de inumação do Casalão, onde se encontrou uma faca semelhante (SERRÃO, 1994). A comprovar a assinalável diacronia deste tipo de facas curvas de ferro, podem mencionar-se, entre outros, os achados na necrópole de incineração de La Joya, Huelva, atribuídas aos finais do século VII, inícios do século VI a.C. (BLÁZQUEZ, 1975, Fig. 80; FERNANDEZ-JURADO, 1988/1989, Fig. 12), a que se poderiam somar outros exemplares, da necrópole de incineração de Setefilla, Sevilha (AUBET, 1981).

Outros materiais da Idade do Ferro são de cronologia mais moderna, ou indeterminada: é o caso de

recipientes de cerâmica comum (Fig. 60, n.º 5) e fragmentos anfóricos ou de *pythoi* (Fig. 61, n.º 1, 2 e 5). O fragmento de bordo de ânfora ibero-púnica (Fig. 61, n.º 1) é compatível com o tipo n.º 1401 do Cerro Macareno, Sevilha (PELLICER CATALÁN, 1978, Fig. 5), possuindo paralelo imediato no conjunto anfórico da Quinta da Torre, Almada (CARDOSO & CARREIRA, 1997/1998, Fig. 12, n.º 9).

2.7 - A presença medieval/moderna

Recolheram-se alguns materiais cerâmicos desta época, como o fundo de bilha, de cerâmica fina representado na Fig. 61, n.º 3. Do mesmo modo, um peso de ferro, deverá reportar-se à época em epígrafe (Fig. 33, n.º 5). Algumas peças, como fragmentos de telhas curvas de assinalável espessura, são de difícil explicação, no contexto em apreço.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, publicam-se, com carácter exaustivo e sistemático, os materiais pós-paleolíticos que ainda se mantinham inéditos da gruta do Correio-Mor (Loures). Infelizmente, as condições em que decorreram os trabalhos arqueológicos não favoreceram uma exploração metódica, com o registo rigoroso e adequado tanto da estratigrafia, como das associações artefactuais, com excepção do notável conjunto de ídolos de calcário, já anteriormente publicados (CARDOSO, 1995). Com efeito, boa parte das colheitas efectuaram-se nas terras de escorrência, resultantes do desmonte da galeria posta a descoberto pela frente da pedreira que em 1974 lavrava no local. Infelizmente, a exploração continuou, já depois de iniciados os trabalhos arqueológicos, sobretudo na ausência no local da equipa, o que levou à destruição completa da parte que ainda restava intacta da gruta. Esta realidade conduziu a que, no presente estudo, se tenha dado prioridade, na falta de indicações estratigráficas seguras, à tipologia dos respectivos materiais, para a sua atribuição cronológico-cultural. Deste modo, com base no referido critério, foi possível confirmar a presença de sucessivas fases de ocupação/utilização da gruta:

- Paleolítico Superior (Solutrense): representado por escassos materiais que ainda aguardam publicação específica;

- Neolítico Antigo: representado por um variado conjunto de cerâmicas decoradas, por certo associado também a cerâmicas lisas e a indústrias líticas, de separação difícil dos conjuntos mais modernos, do Neolítico Final. As cerâmicas decoradas integram-se em dois grupos bem diferenciados: o primeiro, é comum na Baixa Estremadura, representado por decorações plásticas, incisas e impressas, como os motivos “em espiga”, presentes sobretudo em recipientes em forma de saco, esféricos e taças em calote; o segundo, está representado por decorações geométricas incisas a ponta romba, presentes em recipientes de carena alta adoçada, entre o bordo e aquela inflexão, e de fundo parabolóide; recentemente reconhecida em diversas estações da Estemadura setentrional, como a gruta da Casa da Moura, a sua presença

estende-se até ao Tejo, como indica a ocorrência de fragmentos deste grupo nas grutas do Poço Velho, Cascais, para além dos presentes na estação em estudo. Tal distribuição geográfica parece indicar influências setentrionais no Neolítico Antigo da Estremadura, tendo em consideração a ocorrência de idênticos exemplares em estações da Beira Alta e de Trás-os-Montes.

- Neolítico Final/Calcolítico ante-campaniforme: este ciclo cultural encontra-se bem representado, não só por uma abundante indústria de pedra lascada, mas também por importante conjunto de peças mágico-simbólicas, sobretudo de calcário. Sendo certo que a gruta continuou a servir como necrópole – como indicam, entre outros, os objectos de adorno recolhidos – a notável associação de ídolos de calcário, relacionada com altar rupestre, faz crer, também, na sua utilização como santuário.

- A presença campaniforme é, talvez, a mais expressiva das registadas, não só pela quantidade e variedade de materiais cerâmicos que lhe são reportáveis, mas também pela qualidade de alguns deles. A sua abundância e relevância não é, contudo, acompanhada pelo registo antropológico, o que faz crer, em numa ocupação de carácter ritual, não funerária; devem salientar-se alguns grandes recipientes de armazenagem, os maiores conhecidos com decorações campaniformes. Tais recipientes podem ser conotáveis com a utilização da gruta como “celeiro”, com paralelos, aliás, no Buraco da Pala, Mirandela (SANCHES, 1996). A riqueza cerealífera da região envolvente encontra-se, aliás, sublinhada, pela presença de um silo pré-histórico em Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1976), perto da gruta funerária de época campaniforme do mesmo nome (LEITÃO *et al.*, 1984).

- Idade do Bronze: a presença de um machado plano de bronze mostra que a presença humana se prolongou pelo Bronze Pleno. É problemática, contudo, a associação de outros materiais a tal ocorrência, designadamente cerâmicas lisas, cuja tipologia, nalguns casos, se manteve com pequenas alterações do Neolítico ao Bronze Final. Só o Bronze Final se encontra indiscutivelmente presente, através de um importante conjunto de cerâmicas de ornatos brunidos, já publicadas, a que se podem associar numerosas formas lisas, de variada tipologia, que agora se publicam. As anteriores considerações sobre o carácter ritual da utilização da gruta, em detrimento da sua ocupação como necrópole, são agora reforçadas, pois continuam a faltar os correspondentes restos humanos.

- À I Idade do Ferro reportam-se alguns materiais de filiação mediterrânea, tanto de ferro como cerâmicos, os quais podem conotar-se a uma utilização ritual ou funerária fugaz, dos séculos VI a IV a.C. A fase posterior reportam-se recipientes de cerâmica comum, incluindo raros fragmentos de ânforas neopúnicas. Não será de excluir uma utilização esporádica da gruta, de carácter profano (arrecadação, celeiro?).

- À época medieval/moderna associam-se, enfim, diversas peças, que revelam a ocupação descontínua, talvez de índole habitacional, da gruta.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, A. C. (1998) - O concheiro de Toledo (Lourinhã) no quadro das adaptações humanas do pós-glaciar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (2), p. 19-38.
- ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5/6).
- AUBET, M. E. (1981) - La necrópolis de Setefilla en Lora del Rio (Sevilla) Túmulo A (e Túmulo B). *Andalucía y Extremadura* (J. Maluquer de Motes & M. E. Aubet, ed.). Barcelona. Departamento de Pre-historia y Arqueología Univ. Barcelona, p. 53-160.
- BELO, R.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) - Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 391-418.
- BLÁZQUEZ, J. M. (1975) - *Tartessos y los orígenes de la colonización fenicia en Occidente*. Salamanca. Universidad de Salamanca (Acta Salmanticensia - Filosofía y Letras, 85)
- BÜBNER, T. (1996) - A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. *In* De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C. (J. de Alarcão, coord.). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 66-72.
- CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia - resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1993) - *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Número especial.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 97-121.
- CARDOSO, J. L. (1997) - *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998a) - As cerâmicas de ornatos brunidos da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 155-167.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998b) - A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) - Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2000a) - Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 14, p. 45-70.

- CARDOSO, J. L. (2000b) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. *3º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Porto. Actas, 5, p. 61-99.
- CARDOSO, J. L. (2002) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) - Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1997/1998) - A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 189-217.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) - O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Óbidos): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, neste volume.
- CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (1995) - *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. & FERNANDES, J. M. B. (1995) - Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 153-164.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. Mendes da (2004) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1). No prelo.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1995) - Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L. et al. (1995) - O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 97-121.
- CARDOSO, J. L. et al. (1996) - O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; GRADIM, A. & JOAQUIM, A. do Nascimento (2002) - Menires do Alto Algarve oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5 (2), p. 99-133.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1993) - Cerâmicas ungladas do povoado calcolítico da Penha Verde. *Al-Madan*. Almada. Série II, 22, p. 35-38.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da Veiga & CARREIRA, J. R. (1996) - O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J. R. (1996) - Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 287-299.
- CARDOSO, J. L.; QUERRÉ, G. & SALANOVA, L. (2003) - Bell Beakers relationships along the atlantic coast. *VII European Meeting on Ancient Ceramics* (Fundação Calouste Gulbenkian, 27/31 de Outubro de 2003). Lisboa: Instituto Tecnológico e Nuclear (Grupo Património Cultural e Ciências). No prelo.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) - A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 47-89.

- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1996) - Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 9-26.
- CARREIRA, J. R. (1997) - Catujal: um povoado da Idade do Bronze (Médio) à entrada da "ria de Loures". Contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze estremenho. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 119-140.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) - A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARTAILHAC, É. (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald.
- COELHO, J. (1912) - *A Prehistoria e o seu ensino. Mamaltar do Vale de Fachas*. Famalicão: Tipografia Minerva.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (2003) - *Prehistoria de Mérida (cazadores, campesinos, jefes, aristócratas y siervos anteriores a los Romanos)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses, 23).
- FERNANDEZ-JURADO, J. (1988/1989) - *Tartessos y Huelva*. Huelva Arqueologica. Huelva. X/XI (1), 310 p.
- FERREIRA, O. da Veiga (1957) - Tipos de punhal lítico da coleção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 67 (1/2), p. 185-191.
- FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (s/d) - *Portugal Pré-Histórico seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- FERREIRA, O. da Veiga & ROCHE, J. (1980) - Os elementos de adorno do Paleolítico Superior de Portugal. *Arqueologia*. Porto. 2, p. 7-11.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) - A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. Actas, 2, p. 203-225.
- FERREIRA, O. da Veiga & TRINDADE, L. (1956) - La nécropole de "Cabeço da Arruda" (T. Vedras). *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas* (Madrid, 1954). Zaragoza. Actas, p. 503-520.
- FERREIRA, O. da Veiga, *et al.*, (1975) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 107-192.
- FONTES, J. (1916) - Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21, p. 337-347.
- FRANÇA, J. Camarate & FERREIRA, O. da Veiga (1958) - Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 61-86.
- GOMES, M. V., in SILVA, A. C. Ferreira da & GOMES, M. V. (1992) - *Proto-História de Portugal. O sul de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (1994) - A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982/1983) - Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia

- preliminar. *Sintria*. Sintra, 1-2 (1), p. 29-57.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) - As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 41-201.
- GONÇALVES, V. S. (1971) - *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (1978) - *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) - A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 107-140.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) - El castro de Vila Nova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- KALB, P. (1980) - Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*. 58, p. 25-59.
- LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1/3).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1/2).
- LEISNER, V. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) - Monumentos megalíticos de Trigache e de A-da-Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 297-337.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1968) - Die dolmen von Carapito. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 9, p. 11-62.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória 8 - N. S.).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) - *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória 16 - N.S.).
- LEITÃO, M., et al. (1987) - A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. O Arqueólogo Português. Lisboa. Série IV, 5, p. 37-65.
- LEITÃO, M., et al. (1978) - La céramique de la Culture du Vase Campaniforme du Portugal essai de systématisation. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 63, p. 449-520.
- LEITÃO, M., et al. (1984) - The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. *L'Âge du Cuivre européen civilisations à ases campaniformes* (J. Guilaine, ed.). Paris: CNRS, p. 221-239.
- MELO, O. A. Pereira de et al., (1961) - O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 237-249.
- PAÇO, A. do (1941) - As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de*

Portugal. Lisboa. 22, p. 45-84.

PAÇO, A. do (1955) - Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII - Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 27-40.

PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1956) - "Castro" de Vila Nova de S. Pedro. Le problème de la métallurgie. *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas* (Madrid, 1954). Zaragoza. Actas, p. 535-541.

PAÇO, A. do & BÁRTHOLO, M. L. (1961) - Nota acerca de uma escudela do povoado do Bronze I de Montes Claros (Monsanto-Lisboa). *Zephyrus*. Salamanca. 12, p. 230-233.

PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1939) - A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1.^a e 2.^a. Campanha - 1937 e 1938. *Brotéria*. Lisboa. 28 (6); 29 (1, 4 e 5). 46 p. Separata.

PELLICER CATALÁN, M. (1978) - Tipología y Cronología de las ánforas prerromanas, del Guadalquivir, según el Cerro macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, p. 365-400.

RIBEIRO, C. (1880) - *Noticia de algumas estações e monumentos pré-históricos. II - Monumentos megalíticos das vizinhanças de Belas*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.

SÁ, M. C. M. de (1959) - A lapa da Galinha. *I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Actas e Memórias. Lisboa, 1, p. 117-128.

SANCHES, M. J. (1996) - *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques (Serie Monografias y Estudios).

SANTOS, M. Farinha dos (1971) - Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. Actas, 1, p. 95-97.

SCHUBARTH, H. (1971) - O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), p. 189-215.

SERRÃO, E. da Cunha (1994) - *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra do vilafranquiano até 1200 d.C.* Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

SILVA, A. C. F. da & LOPES, A. B. & MACIEL, T. D. P. (1981) - A necrópole do Bronze inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos). *Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo. Série 3, 6, p. 49-61.

SILVA, A. M. (1997) - "Ler" os ossos: antropologia de campo e antropologia funerária. *Noventa séculos entre a serra e o mar* (M. F. Barata, ed.). Lisboa: IPPAR, p. 207-219.

SILVA, C. Tavares da (1971) - O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Actas. 1, p. 175-192.

SIRET, L. (2001) - *España prehistorica*. Album (1). Almería: Junta de Andalucía: Consejería de Cultura.

SOARES, J. (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974/1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Série III, 7/9, p. 101-124.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.

SPINDLER, K. (1975) - Bemerkungen zu einigenportugiesischen glockenbecherfunden. *Madrid*

- Mitteilungen*. Heidelberg. 16, p. 56-79.
- SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge, 7).
- TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) - Vaso campaniforme "tipo garrafa bojuda" do Museu de Torres Vedras. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), p. 261-264.
- VALERA, A.C. (1998) - A neolitização da bacia interior do Mondego. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 131-148.
- VALERA, A. C. (2000) - O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena. *3º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Porto. Actas, 4, p. 147-160.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1918) - Pelo sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 23, p. 104-138.
- VILAÇA, R.; BECK, C. W. & STOUT, E. C. (2001) - Provenience analysis of prehistoric amber artifacts in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Mainz am Rhein. 43, p. 61-78.
- ZBYSZEWSKI, G. *et al.* (1976) - Découverte d'un silo préhistorique près de Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 17, p. 76-78.
- ZBYSZEWSKI, G. *et al.* (1980/1981) - Paléo-anthropologie du Würm au Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7, p. 7-23.
- ZBYSZEWSKI, G. *et al.* (1987) - O Paleolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 7-27.
- ZILHÃO, J. (1989) - L' art mobilier paléolithique au Portugal. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 29-36.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão: o Neolítico Antigo*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 6).
- ZILHÃO, J. (1997) - *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. Lisboa: Colibri (2 vols.).



Fig. 1 - Gruta do Correio-Mor (Loures). Localização na Península Ibérica e na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha de Loures), Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.



Fig. 2 – Vista parcial da Gruta do Correio-Mor pouco depois de ali terem sido recolhidos materiais arqueológicos (assinalados pelas setas brancas). Foto de M. Leitão.



Fig. 3 – Pormenor da Fig. 2, observando-se a entrada da parte da gruta ainda intacta. Foto de M. Leitão.



Fig. 4 – Aspecto geral do enchimento arqueológico, cortado longitudinalmente pela frente da exploração da pedra, no início da sua exploração. Foto de M. Leitão.



Fig. 5 – Vista parcial da frente de exploração da pedra, depois de diversos tiros que conduziram à destruição dos depósitos arqueológicos anteriormente identificados junto à entrada da parte da gruta que ainda subsistia intacta, visível à direita (comparar com as Figs. 2 e 3). Foto de M. Leitão.



Fig. 6 – Vista do depósito arqueológico, correspondente ao enchimento longitudinal da galeria, seccionada pela frente da pedreira no decurso dos trabalhos. São visíveis o Eng. C. T. North, de pé, o Dr. G. Zbyszewski, de costas e o Dr. J. Norton, à direita. Foto de M. Leitão.



Fig. 7 – Vista da galeria, no final dos trabalhos. Foto de M. Leitão.



Fig. 8 – Vista da galeria, no final dos trabalhos. Foto de M. Leitão.



Fig. 9 – Pormenor do chão primitivo da galeria, em primeiro plano, evidenciando fenómenos de dissolução e carsificação dos calcários, posto a descoberto no final dos trabalhos. Foto de M. Leitão.



Fig. 10 – Vista transversal do enchimento da galeria, observando-se a inclinação das camadas de calcários e, em baixo, o depósito arqueológico, que colmatava a cavidade destruída. Foto de M. Leitão.

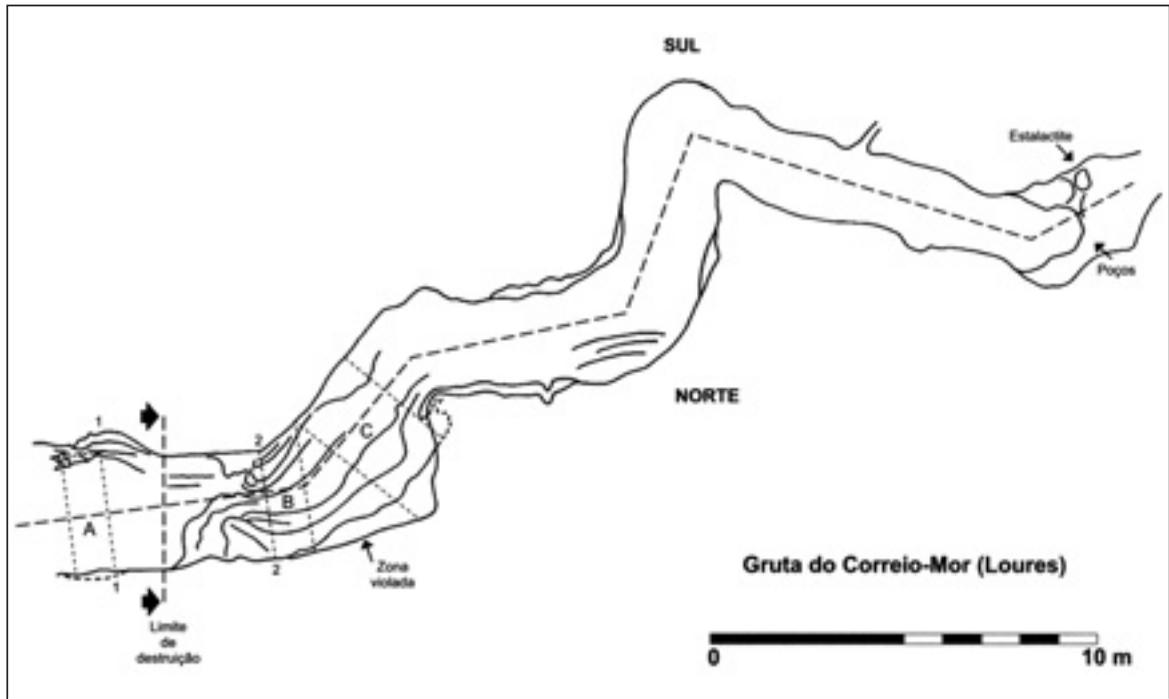


Fig. 11 – Planta da galeria ainda conservada na altura da descoberta da estação, em virtude da lavra da pedra, cuja entrada se assinala, situada à esquerda. Ver Figs. 2, 3 e 5.

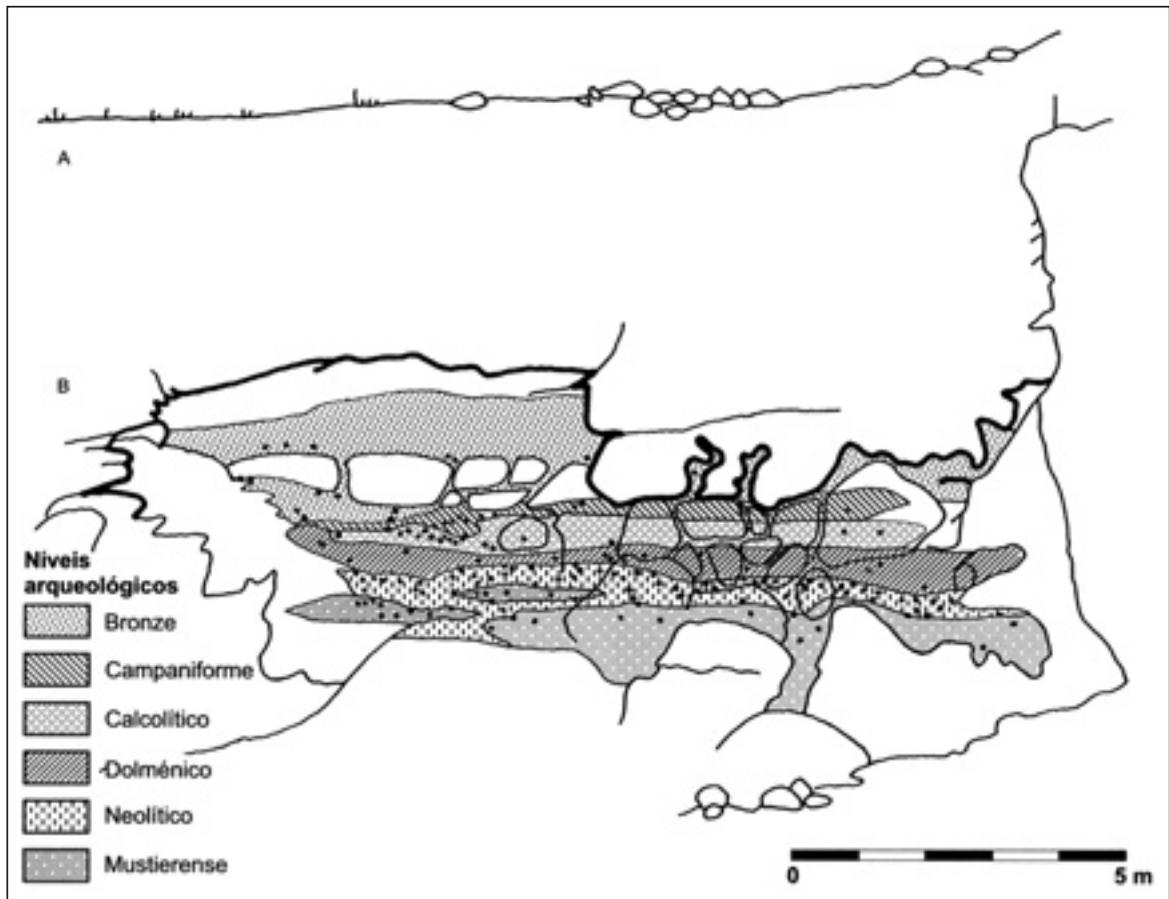


Fig. 12 – Corte longitudinal dos depósitos arqueológicos (reconstituição) observados na galeria principal desmontada pela lavra da pedra.



Fig. 13 – Tiro de pedreira, dos muitos que continuaram a fazer-se, destruindo completamente a parte ainda intacta da gruta (ver Fig. 11). Foto de M. Leitão.



Fig. 14 – Pormenor de dois recipientes campaniformes, na altura da descoberta (ver Fig. 40, nº 3 e Fig. 41, nº 1).



Fig. 15 – Ídolo de rocha siliciosa fina e cinzenta (ver Fig. 31, nº 1) no momento da descoberta. Foto de M. Leitão.



Fig. 16 – Ídolo da Fig. 15, sobreposto a taça em calote lisa, no momento da descoberta (ver Fig. 34, nº 8). Foto de M. Leitão.

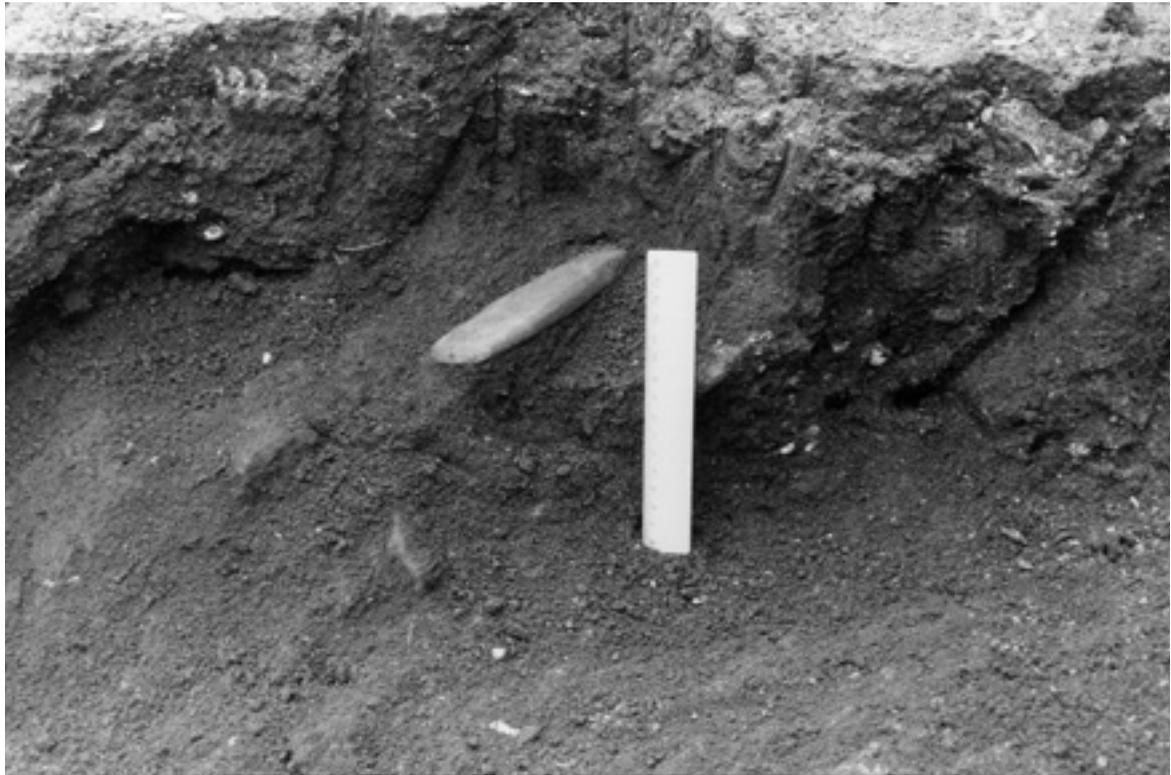


Fig. 17 – Enxó de xisto silicioso compacto (ver Fig. 19, nº 1), no momento da descoberta, no seio de enchimento terroso homogéneo. Foto de M. Leitão.



Fig. 18 – Pequena taça em calote (Fig. 37, nº 1) no momento da descoberta. Foto de M. Leitão.

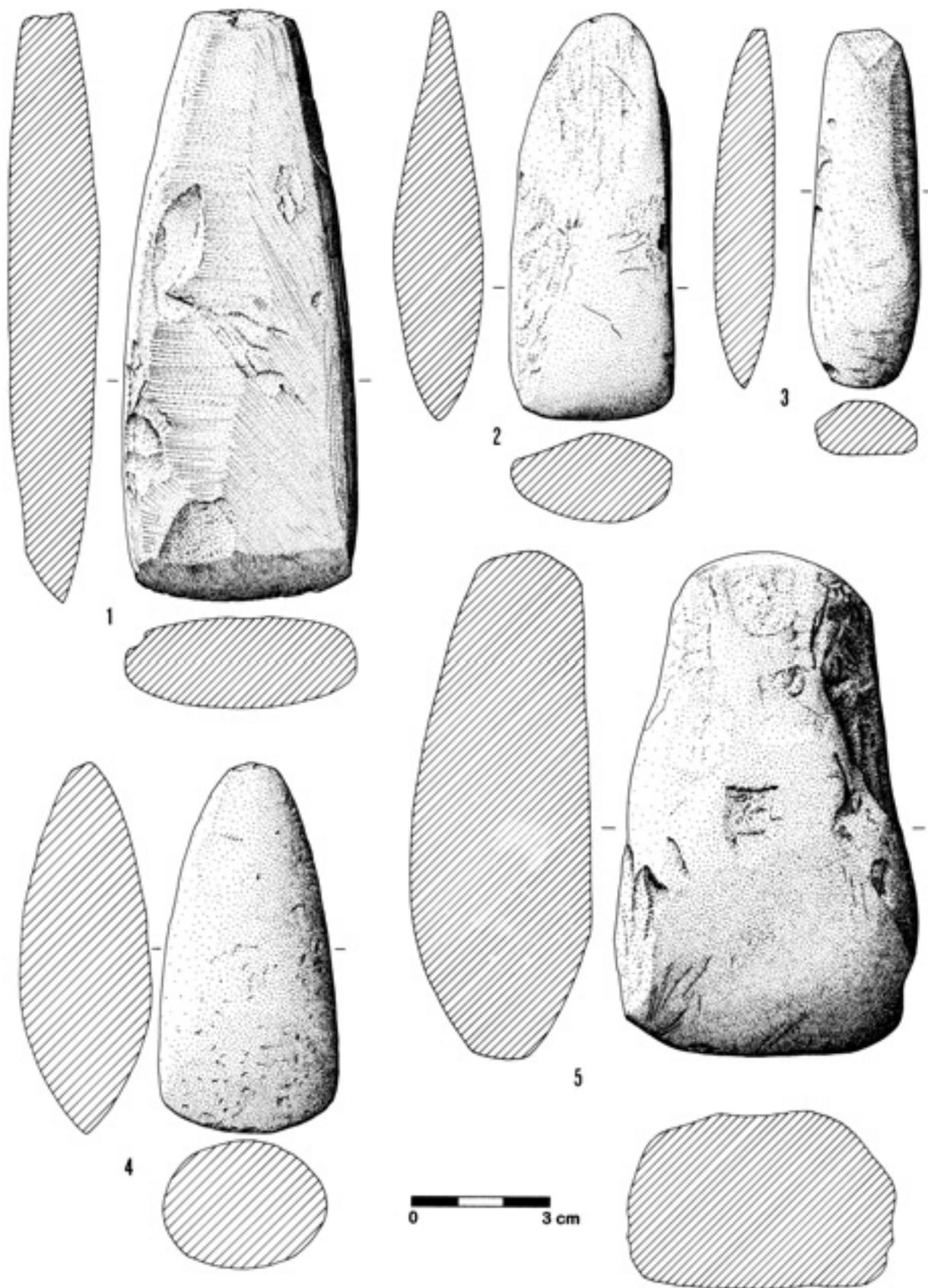


Fig. 19 – Gruta do Correio-Mor: indústria de pedra polida.

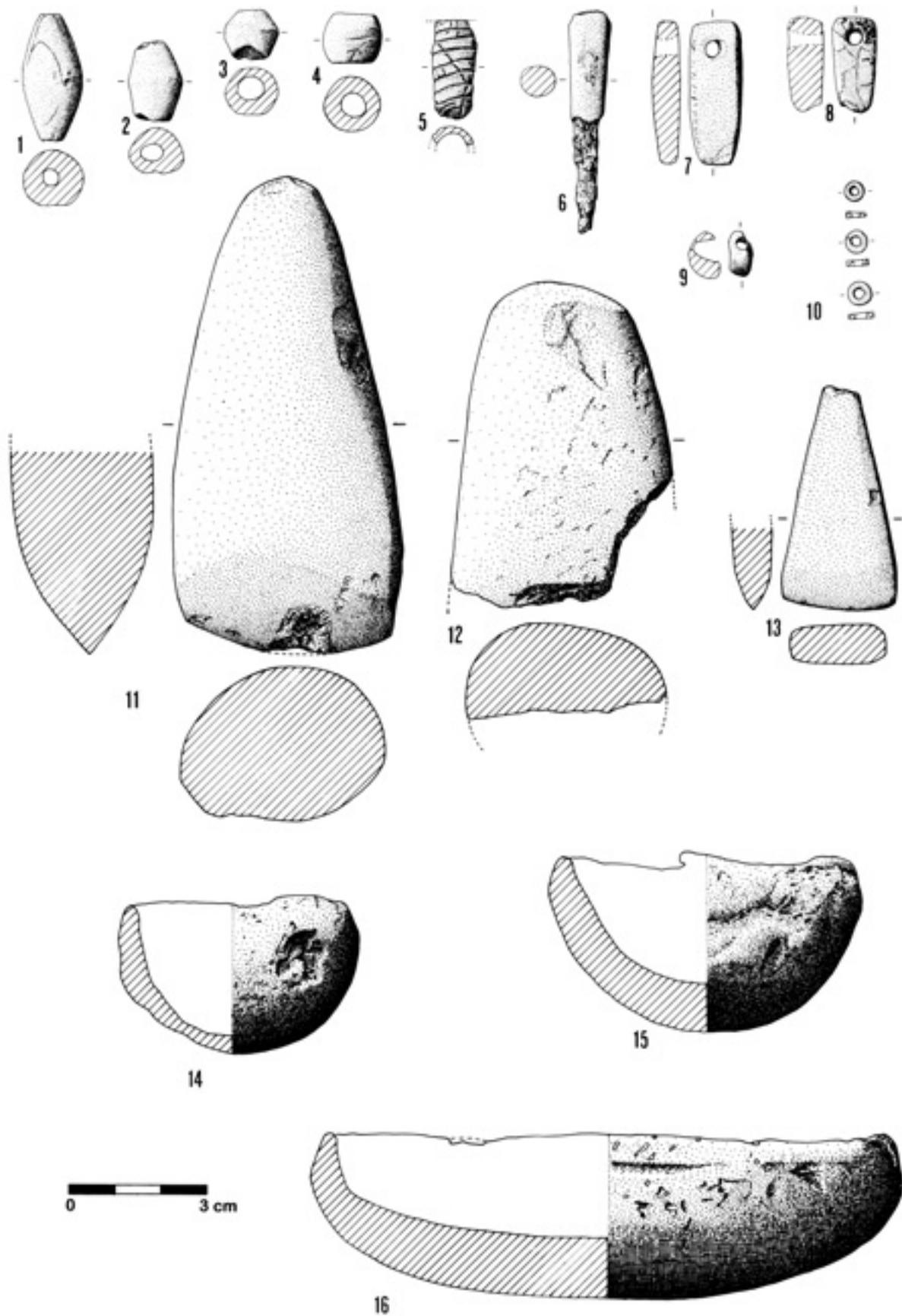


Fig. 20 – Gruta do Correio-Mor: indústria de pedra polida, cerâmica e elementos de adorno (colecção Arq. F. Berger).

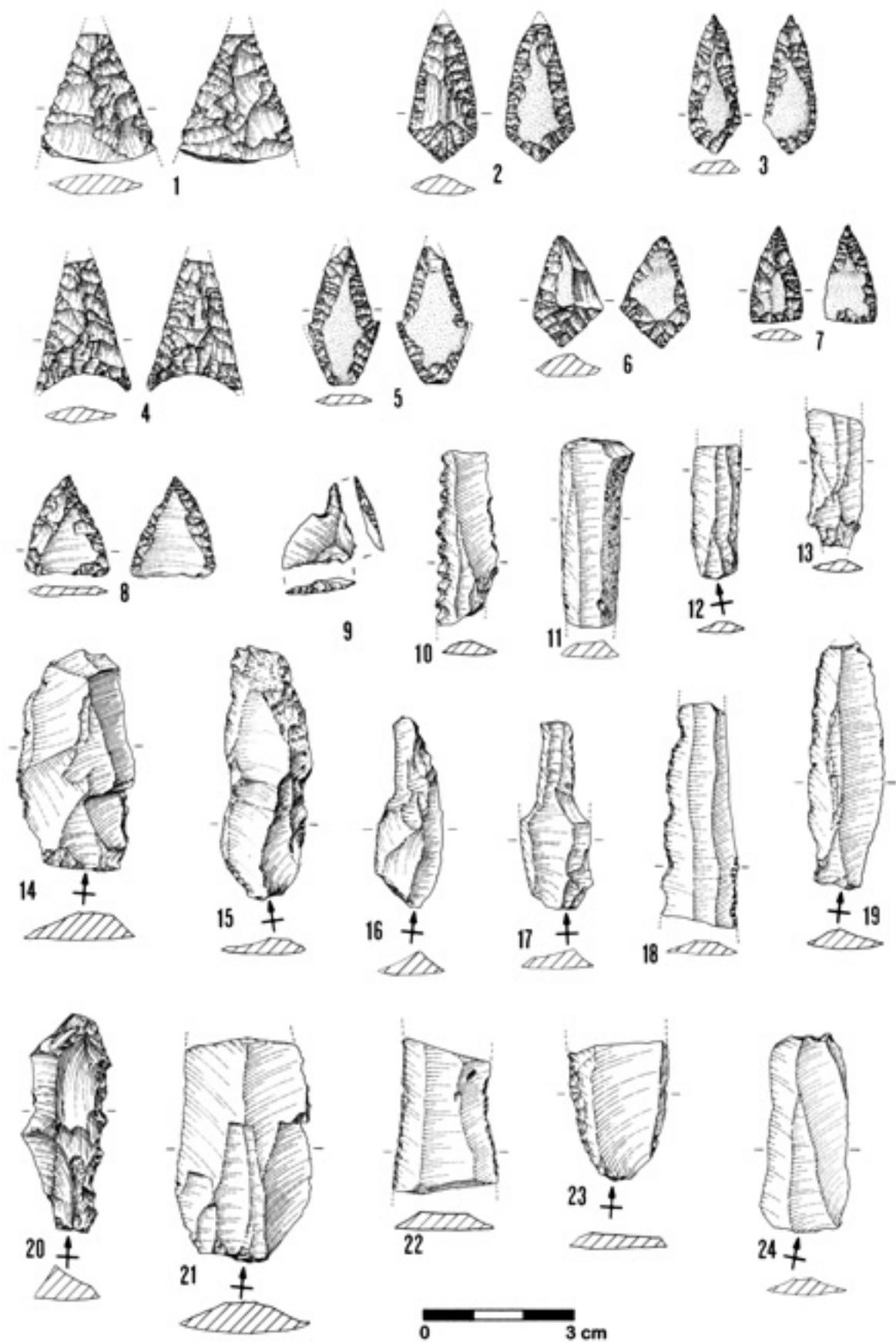


Fig. 21 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada.

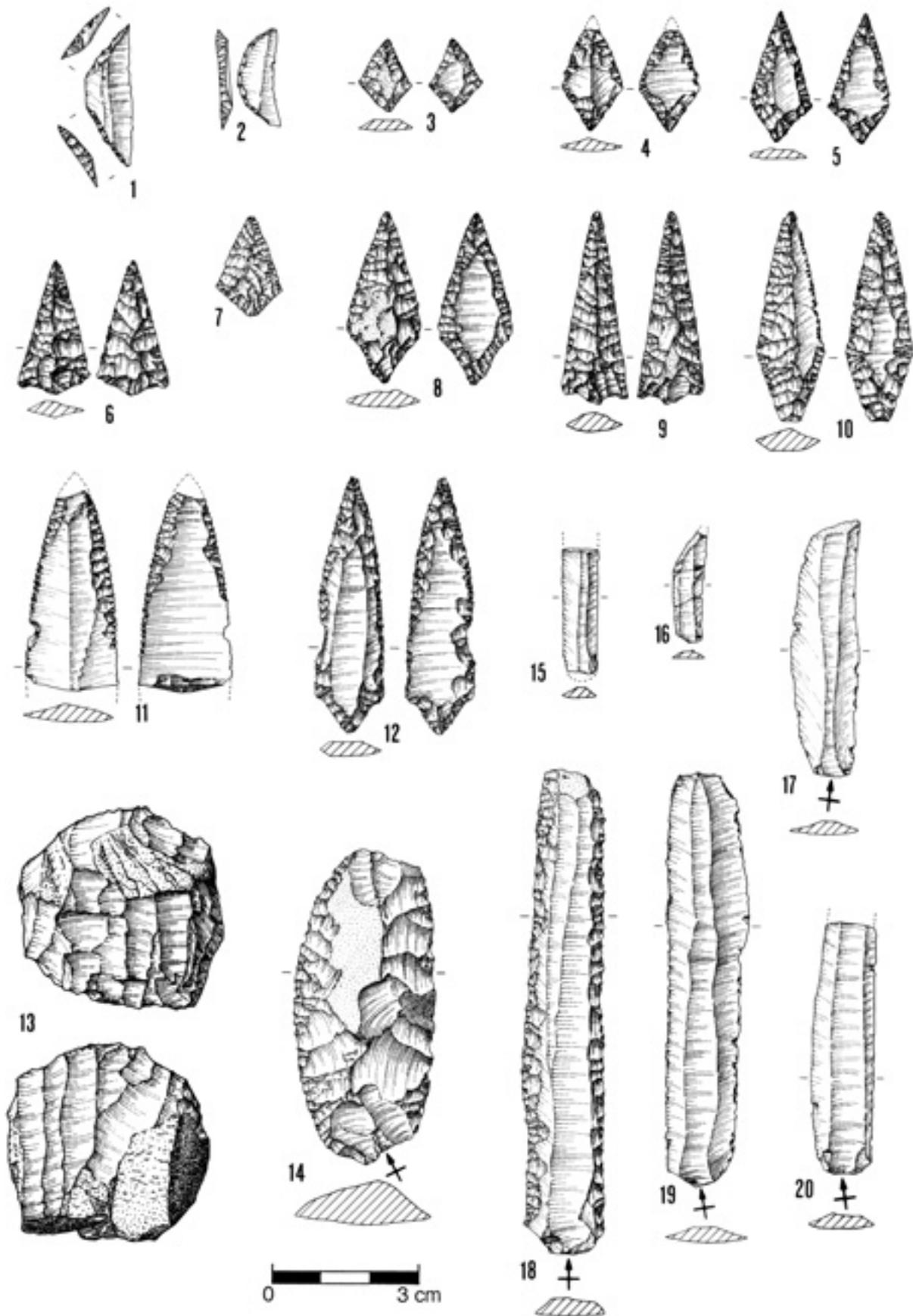


Fig. 22 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada.

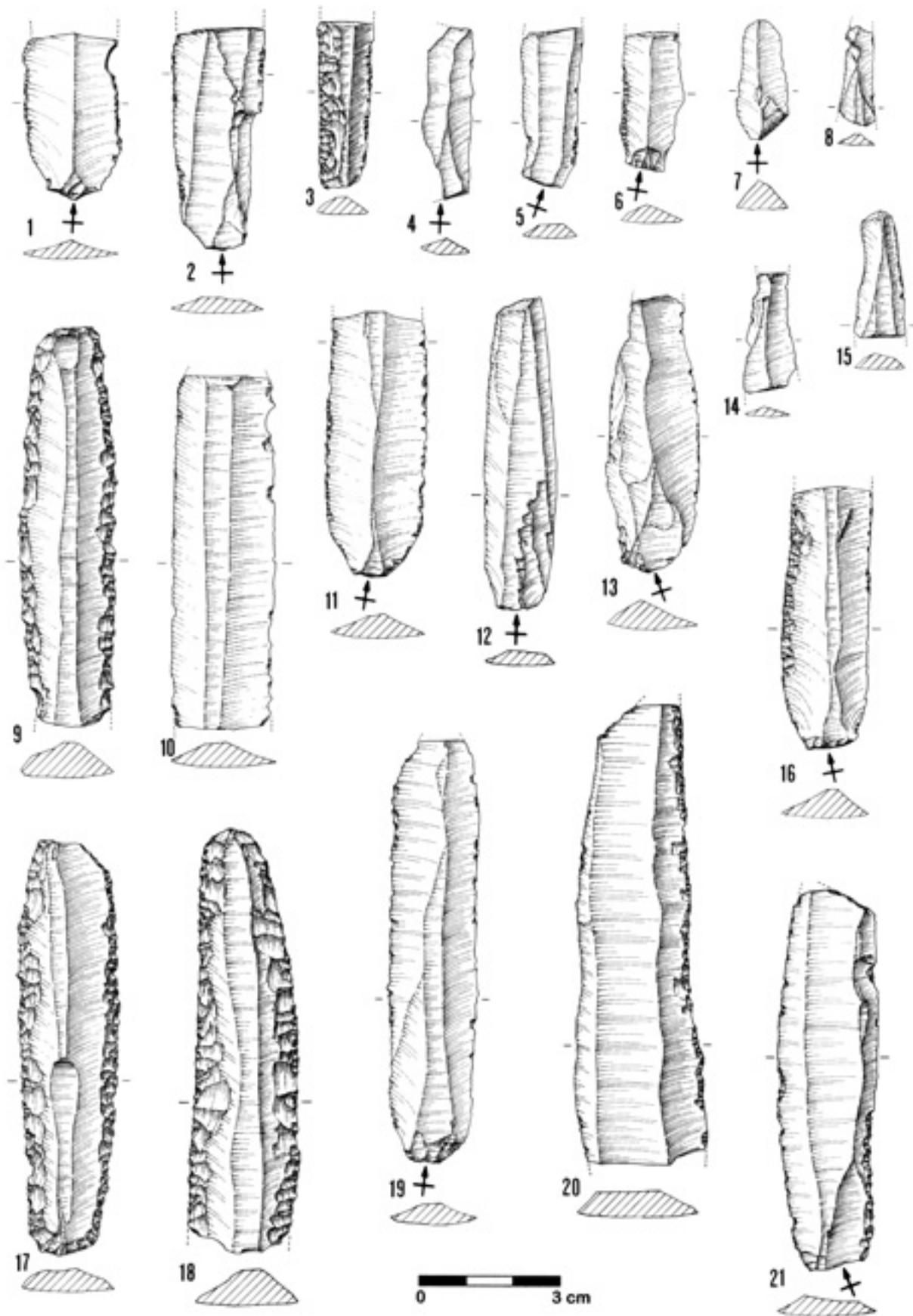


Fig. 23 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada (coleção Arq. F. Berger).

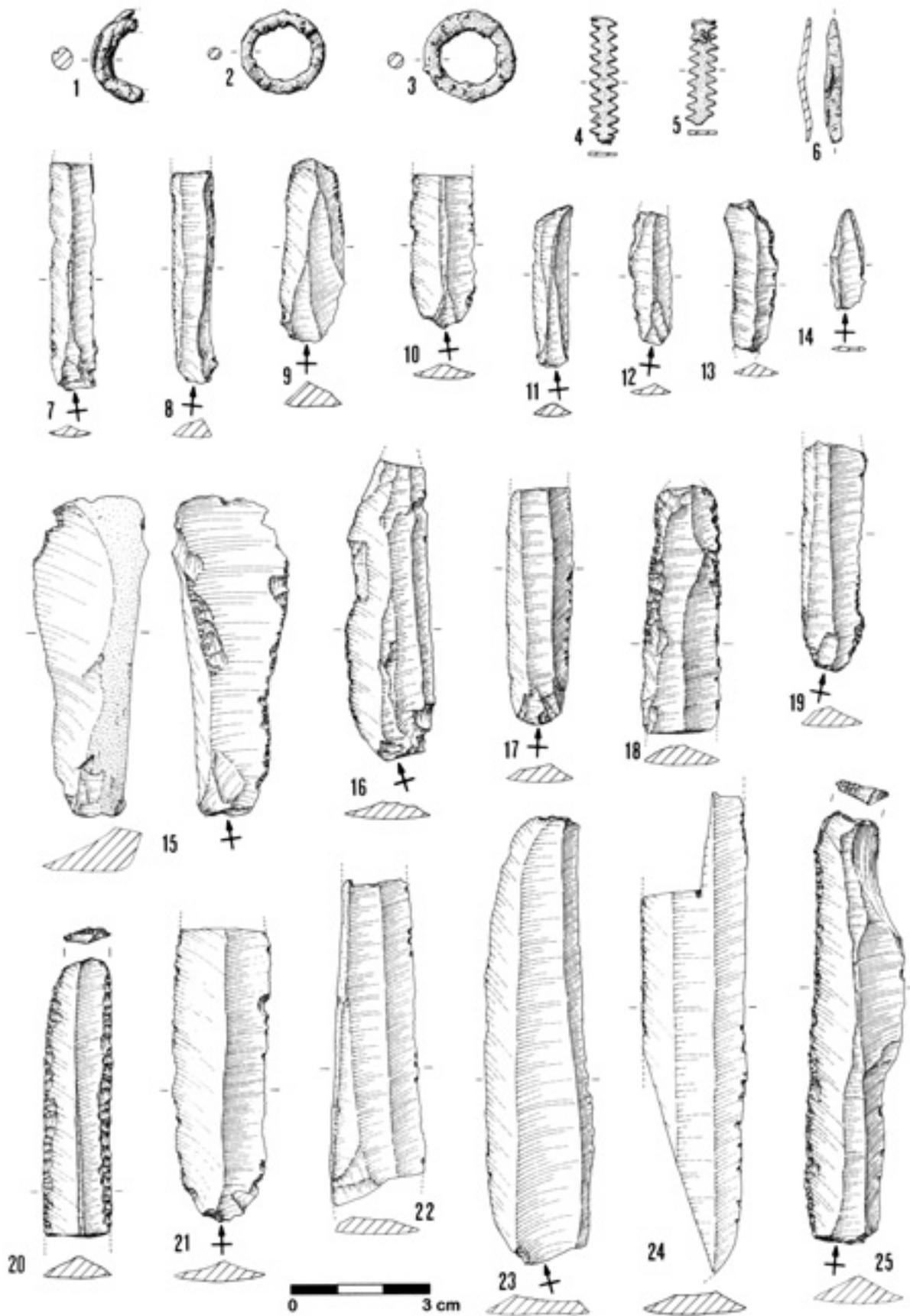


Fig. 24 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada e objectos metálicos.

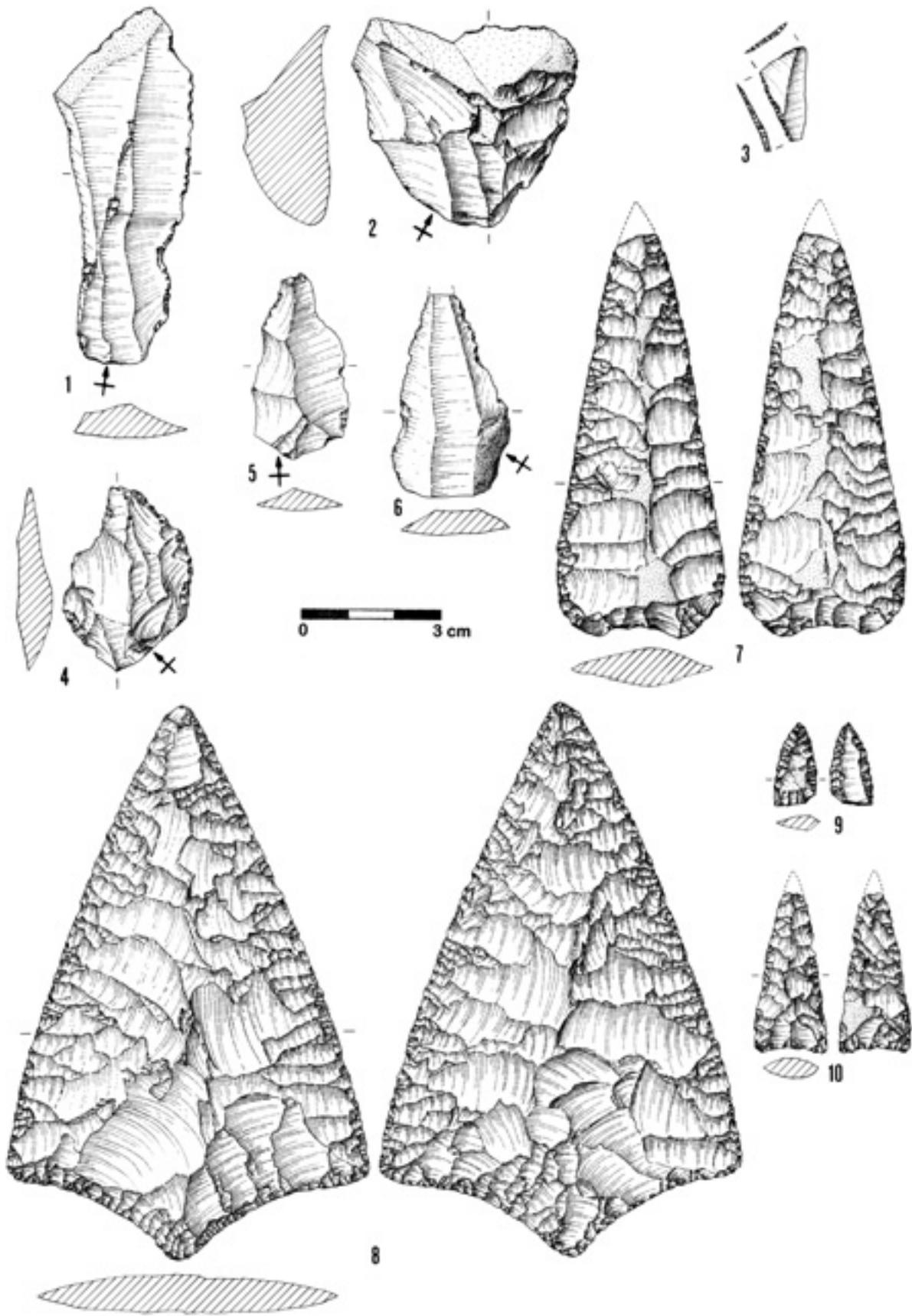


Fig. 25 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada (coleção Arq. F. Berger).

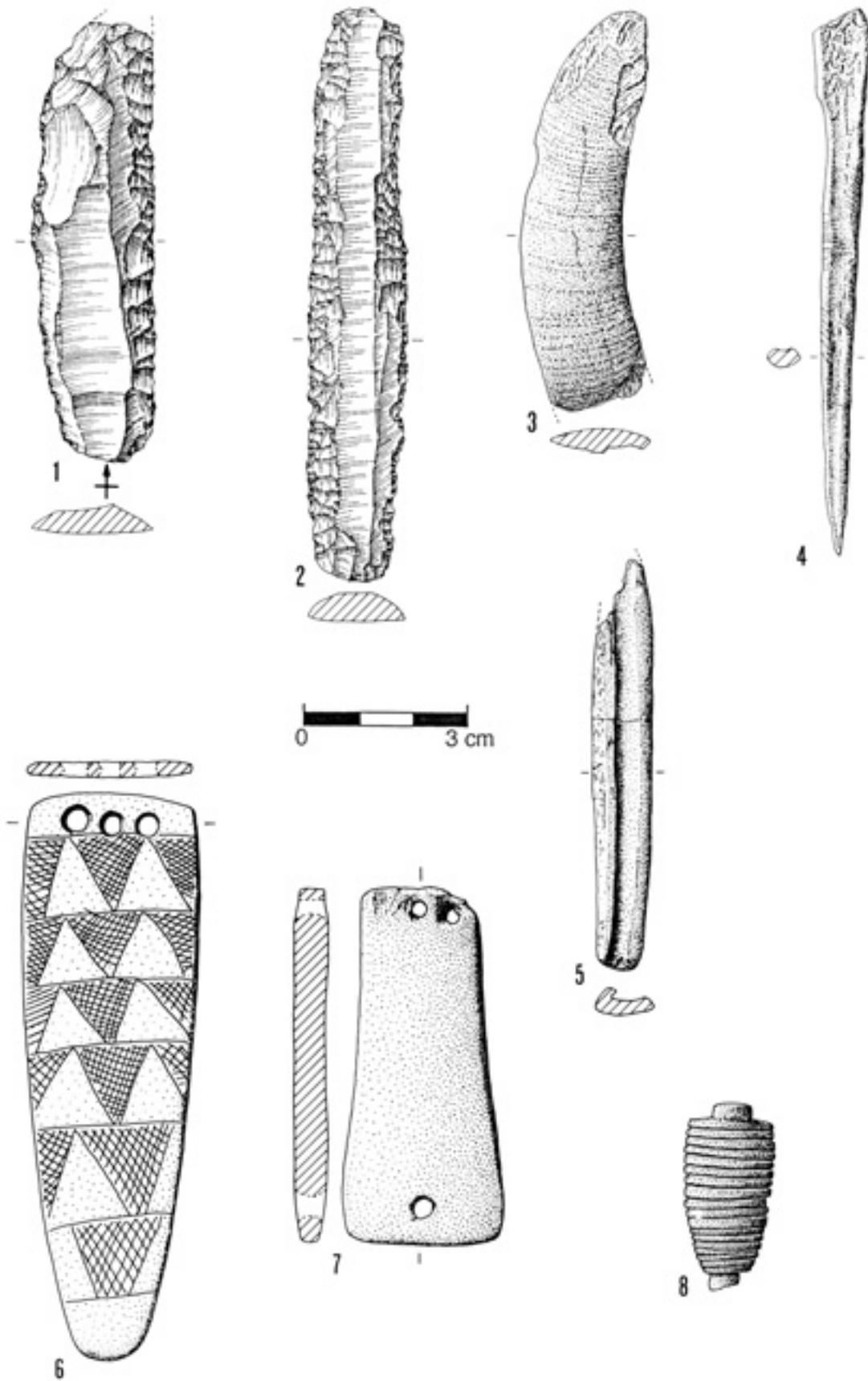


Fig. 26 - Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada, de pedra polida e osso, objectos de adorno e de carácter mágico-religioso.

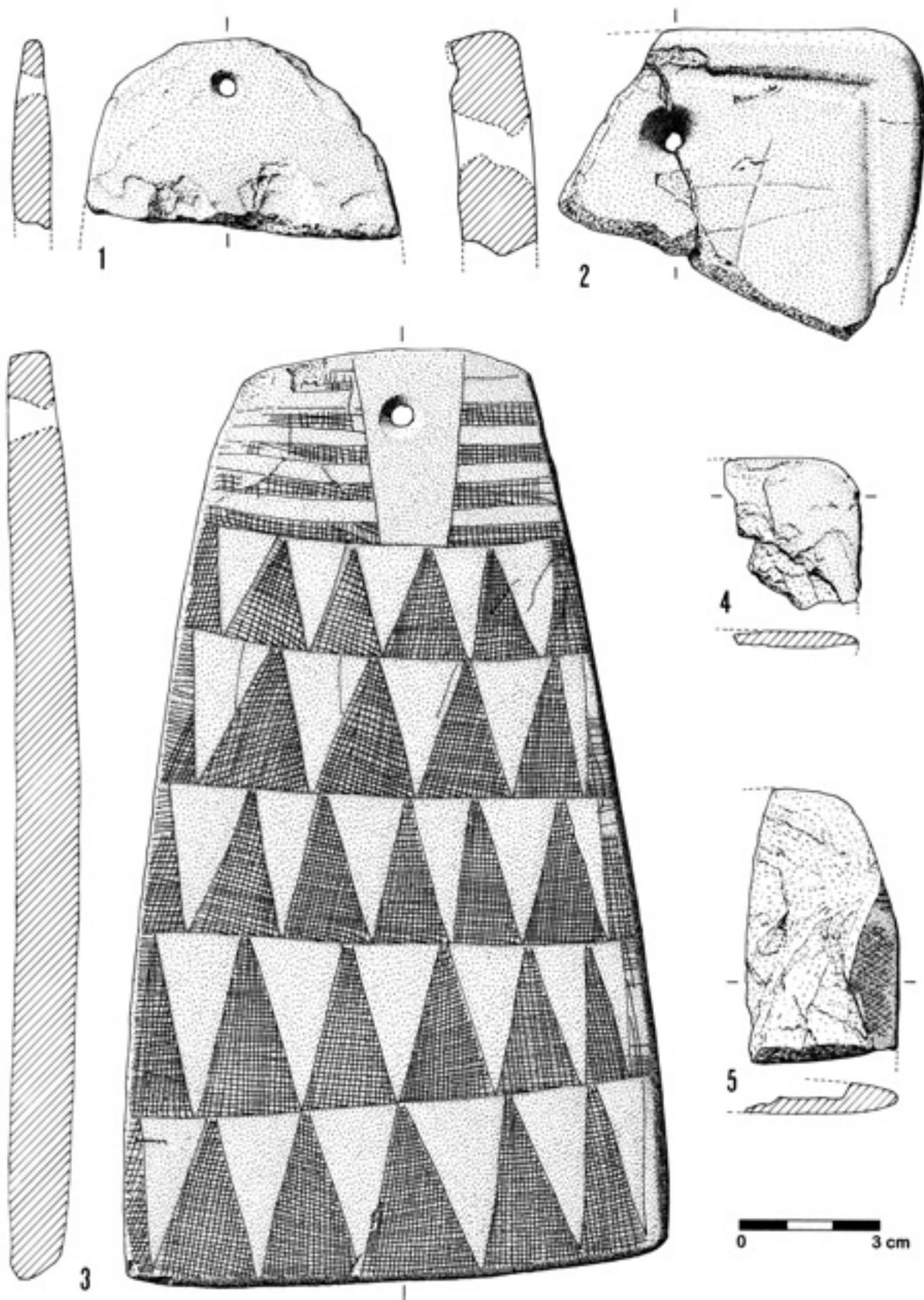


Fig. 27 – Gruta do Correio-Mor: objectos de carácter mágico-religioso (coleção Arq. F. Berger).

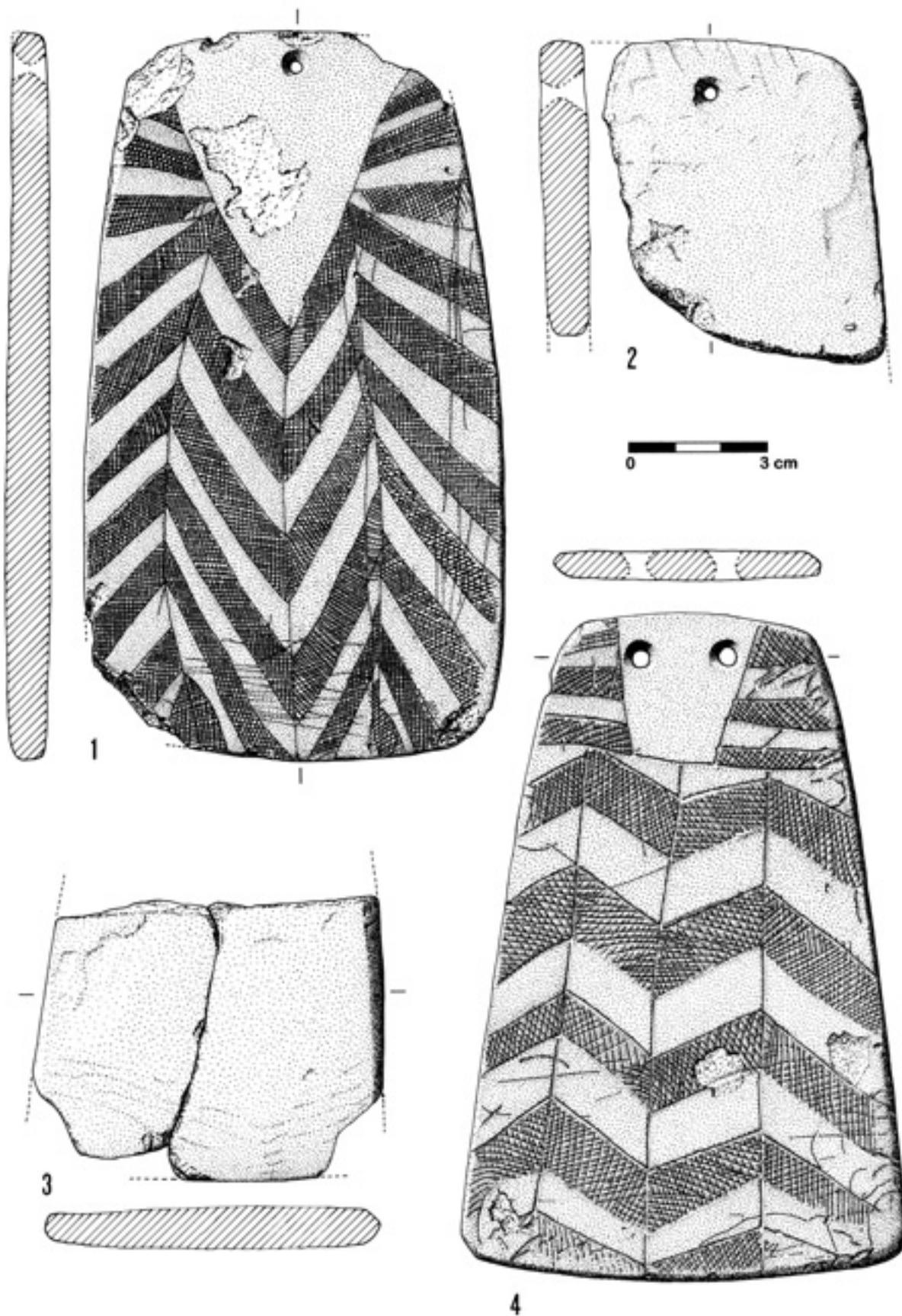


Fig. 28 – Gruta do Correio-Mor: objectos de carácter mágico-religioso (coleção Arq. F. Berger).

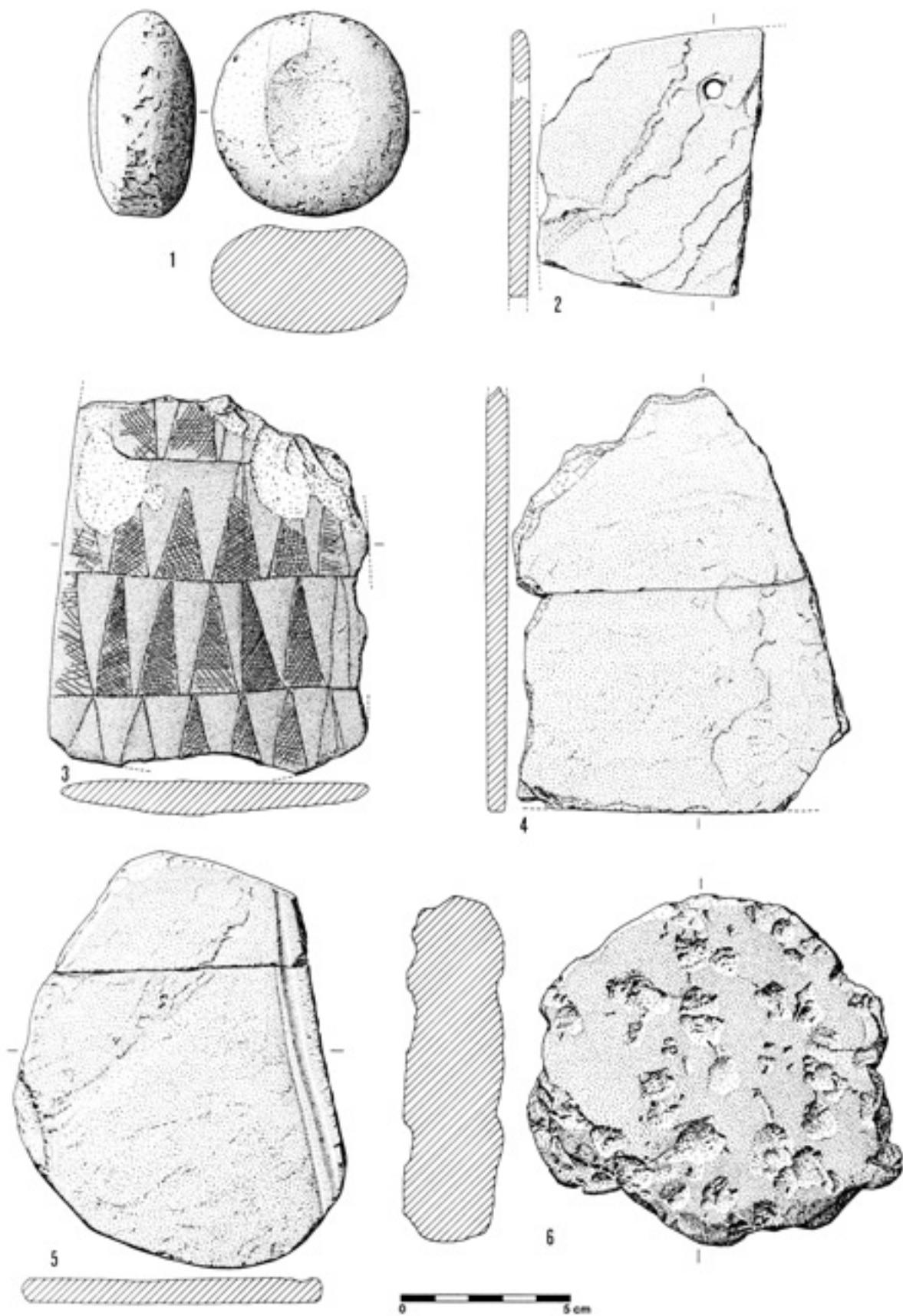


Fig. 29 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra afeiçãoada e objectos de carácter mágico-religioso.

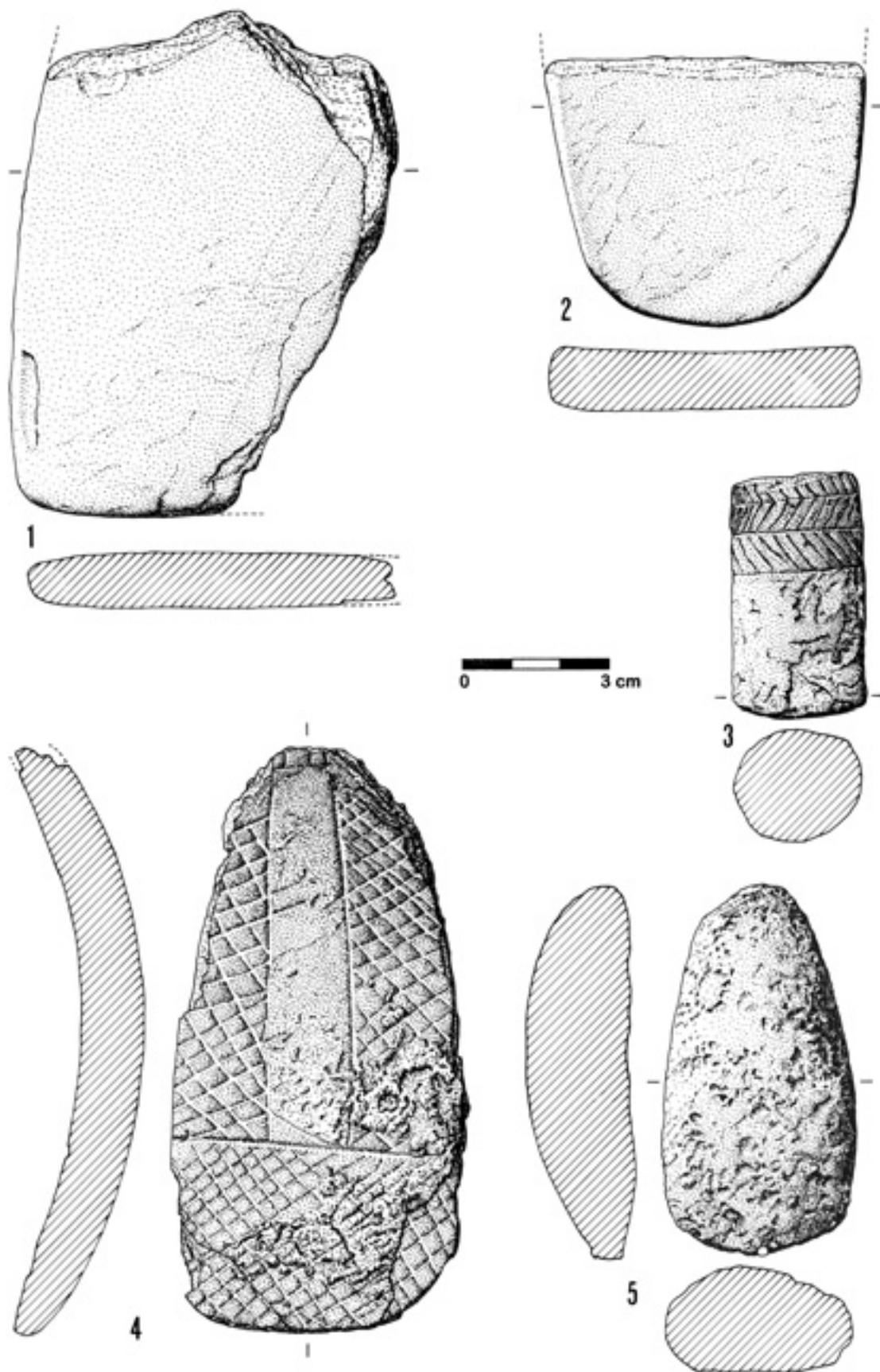


Fig. 30 – Gruta do Correio-Mor: objecto de carácter funcional de pedra afeçoada (2) e objectos de carácter mágico-religioso (colecção Arq. F. Berger).

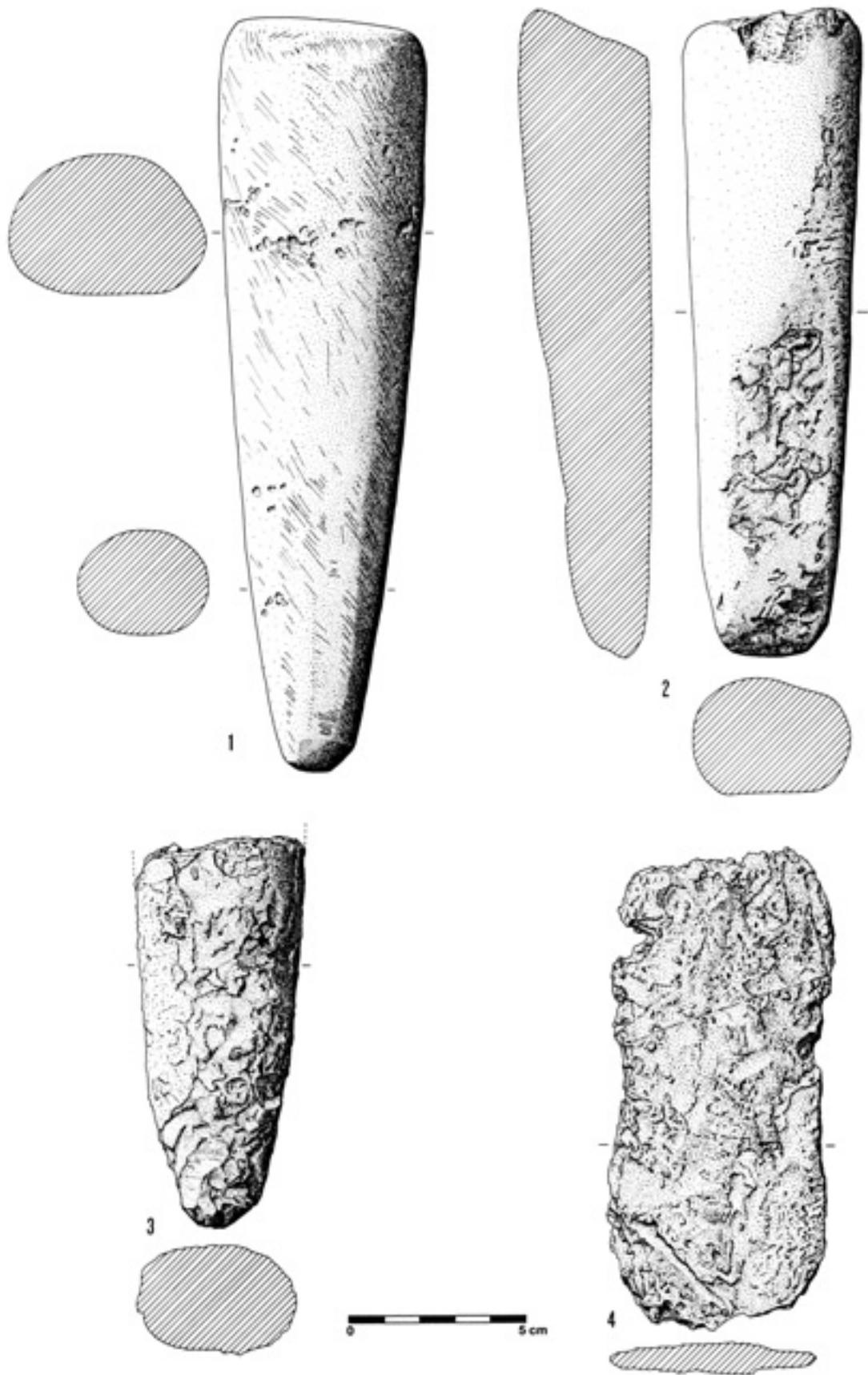


Fig. 31 – Gruta do Correio-Mor: objectos de carácter mágico-religioso.

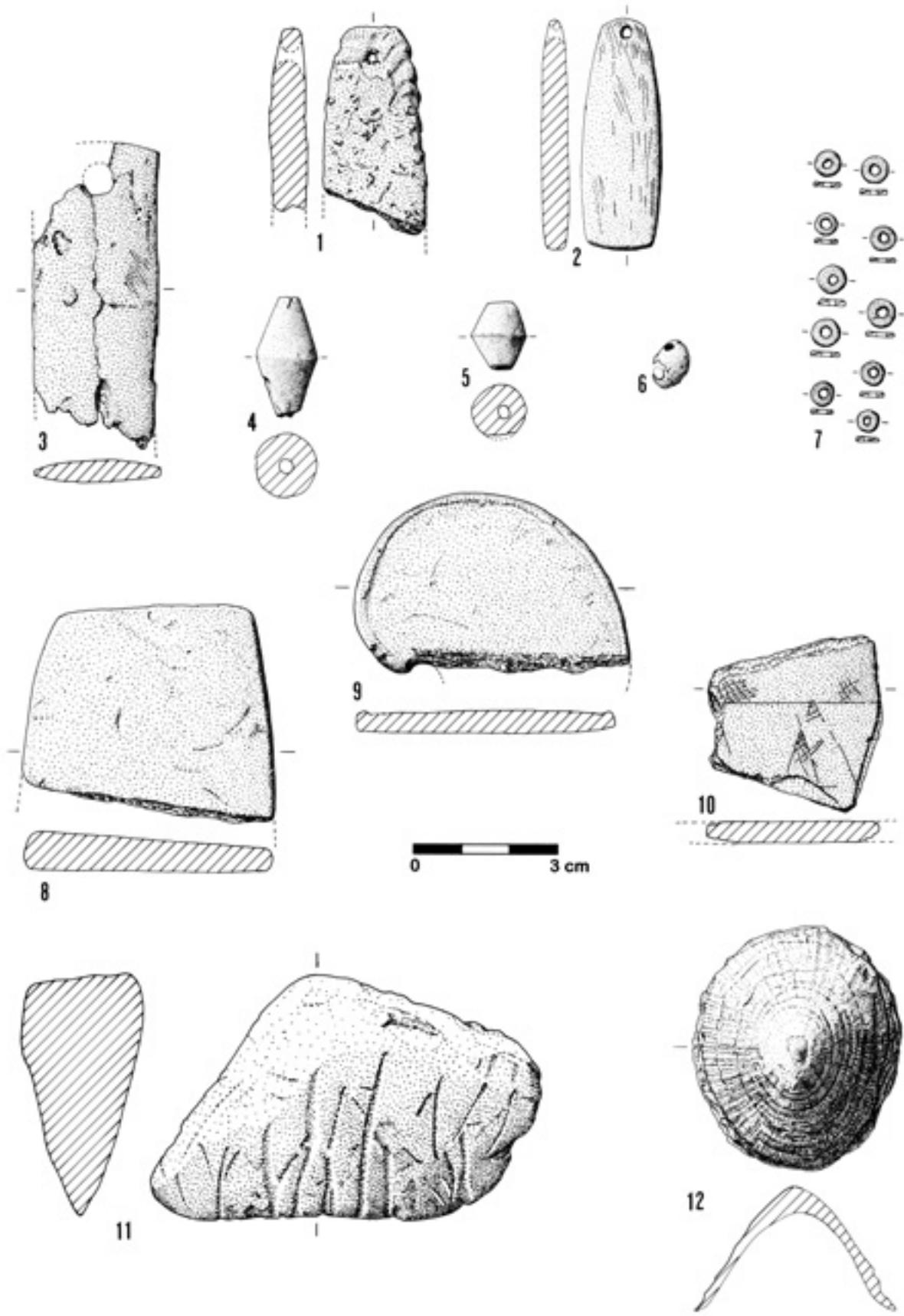


Fig. 32 – Gruta do Correio-Mor: objectos utilitários, de pedra afeiçãoada (8), de adorno e de carácter mágico-religioso.

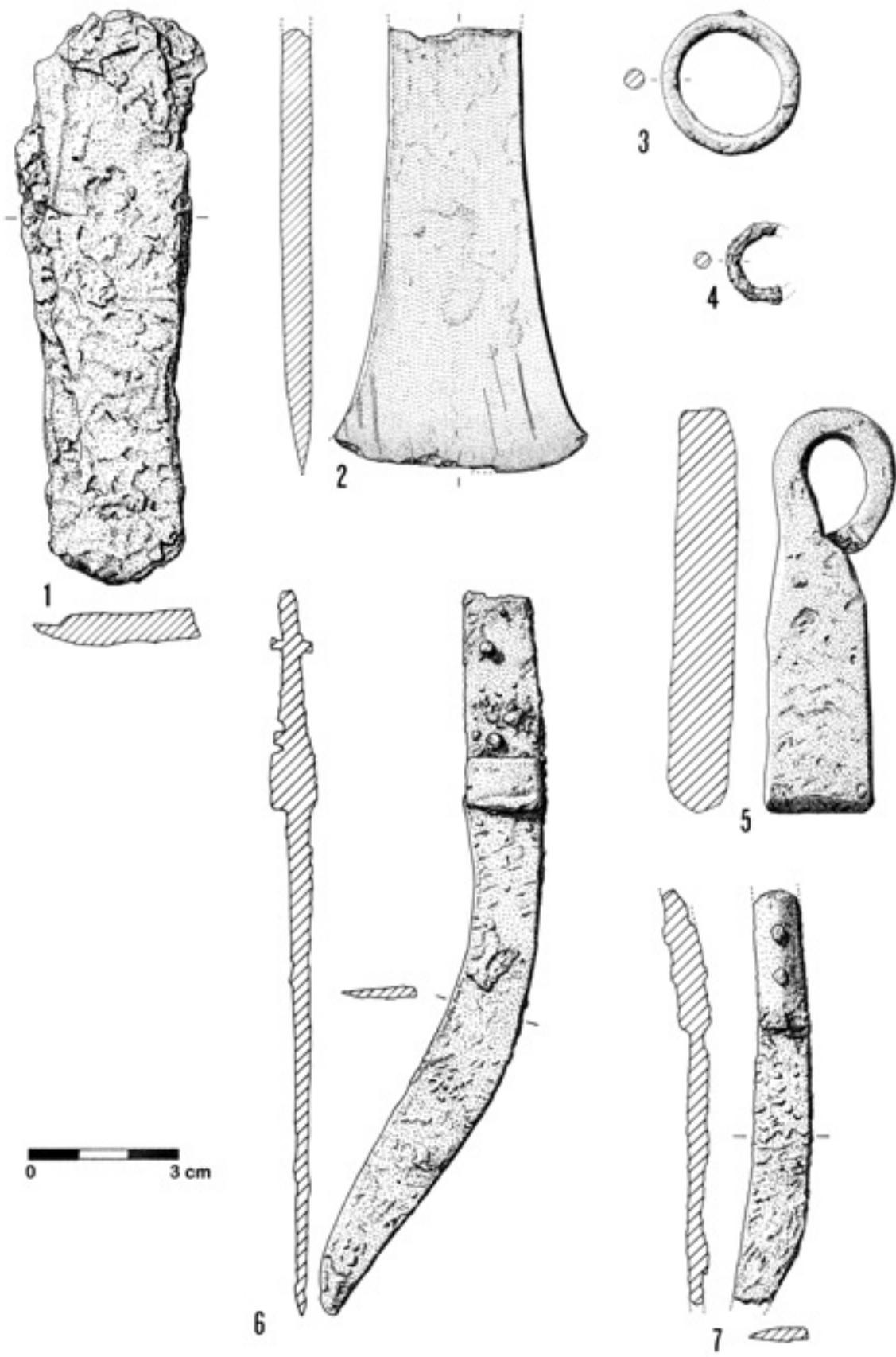


Fig. 33 – Gruta do Correio-Mor: objectos metálicos da Idade do Bronze ou do Calcolítico (1), da Idade do Ferro (6, 7) e medievais ou modernos (5).

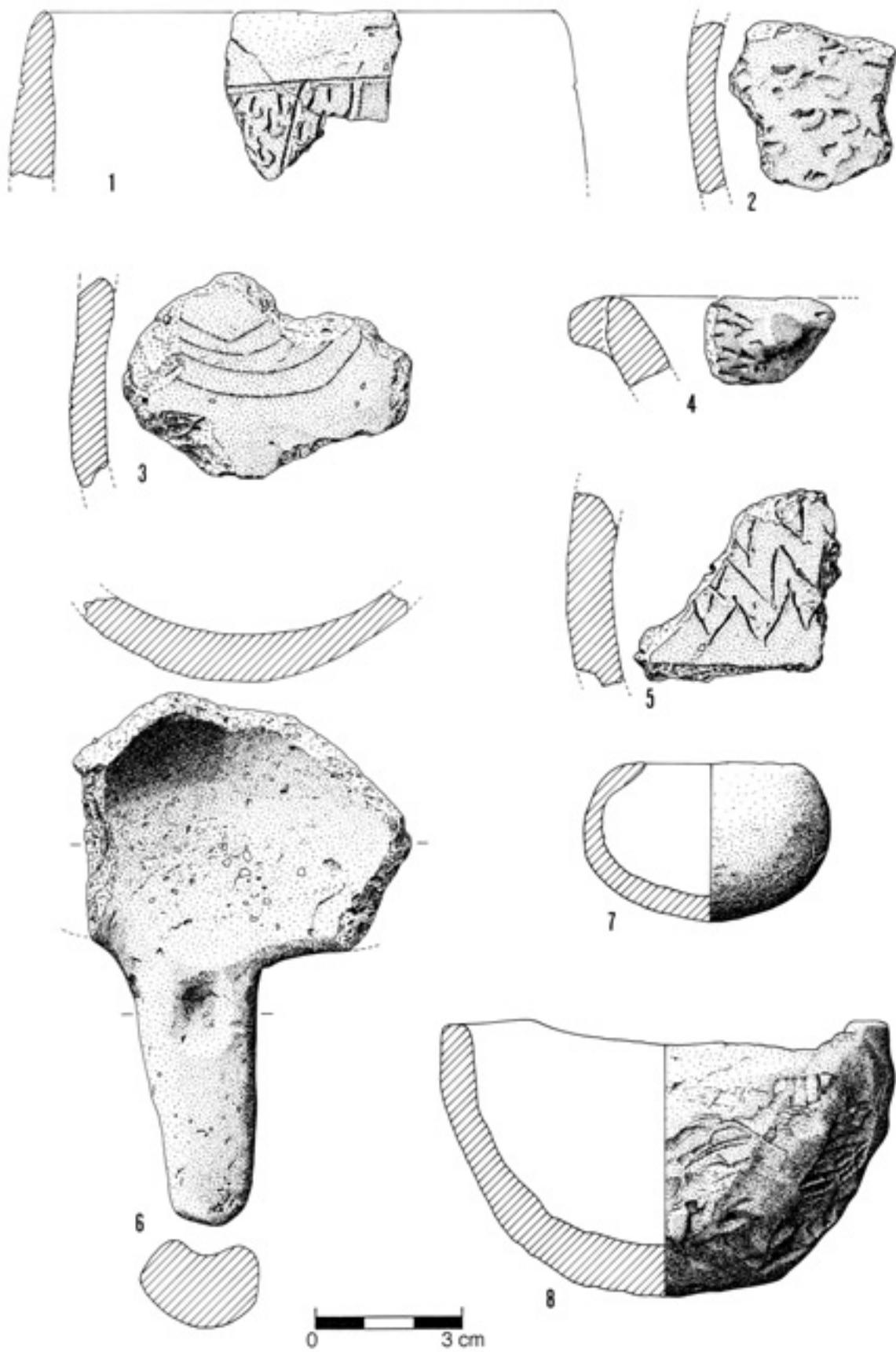


Fig. 34 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas do Neolítico Antigo decoradas, colher e cerâmicas lisas, do Neolítico ou do Calcolítico.

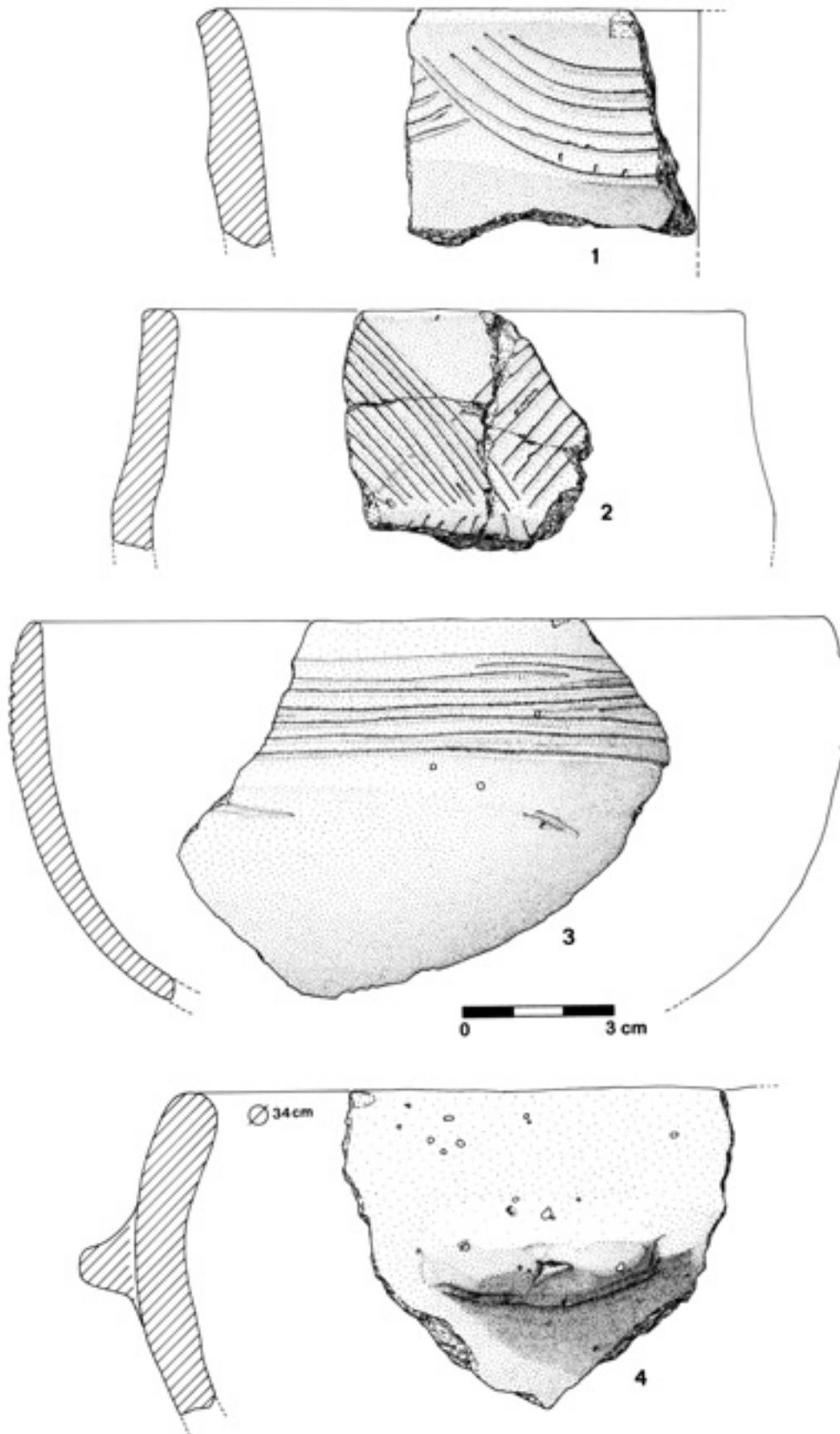


Fig. 35 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo (1, 2), do Calcolítico (3) e lisas, da Idade do Bronze (4).

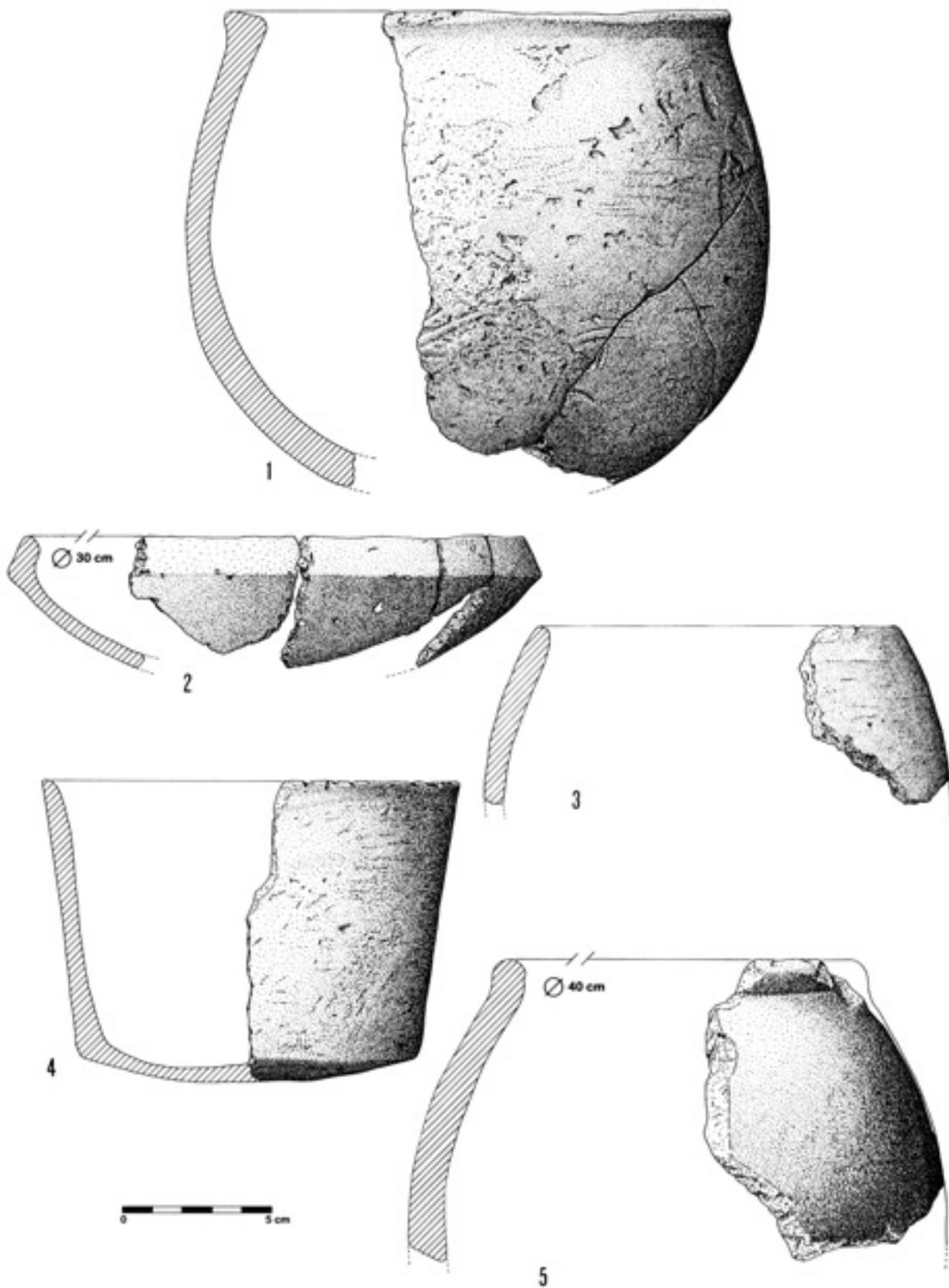


Fig. 36 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico Final e do Calcolítico.

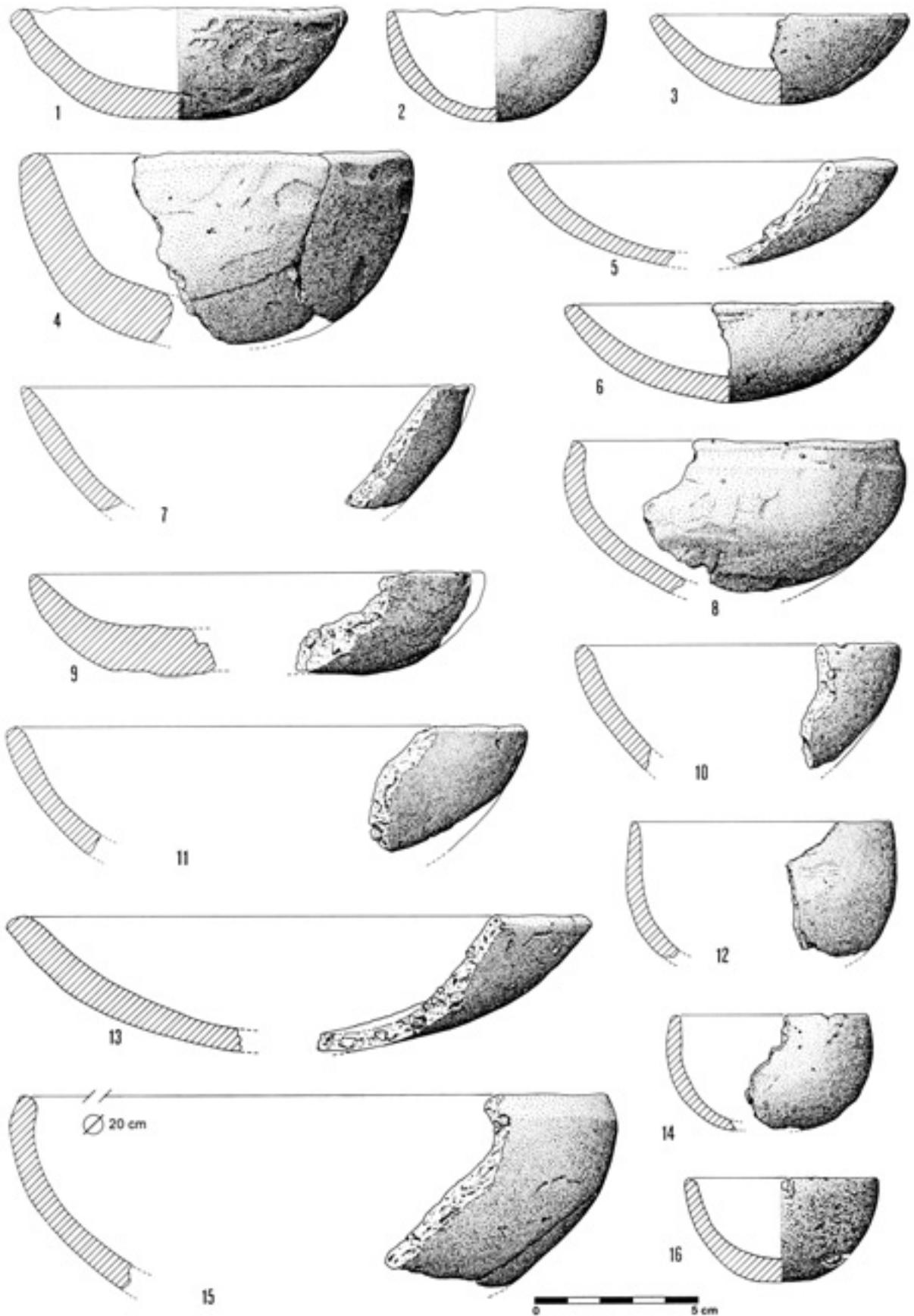


Fig. 37 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico e do Calcolítico.

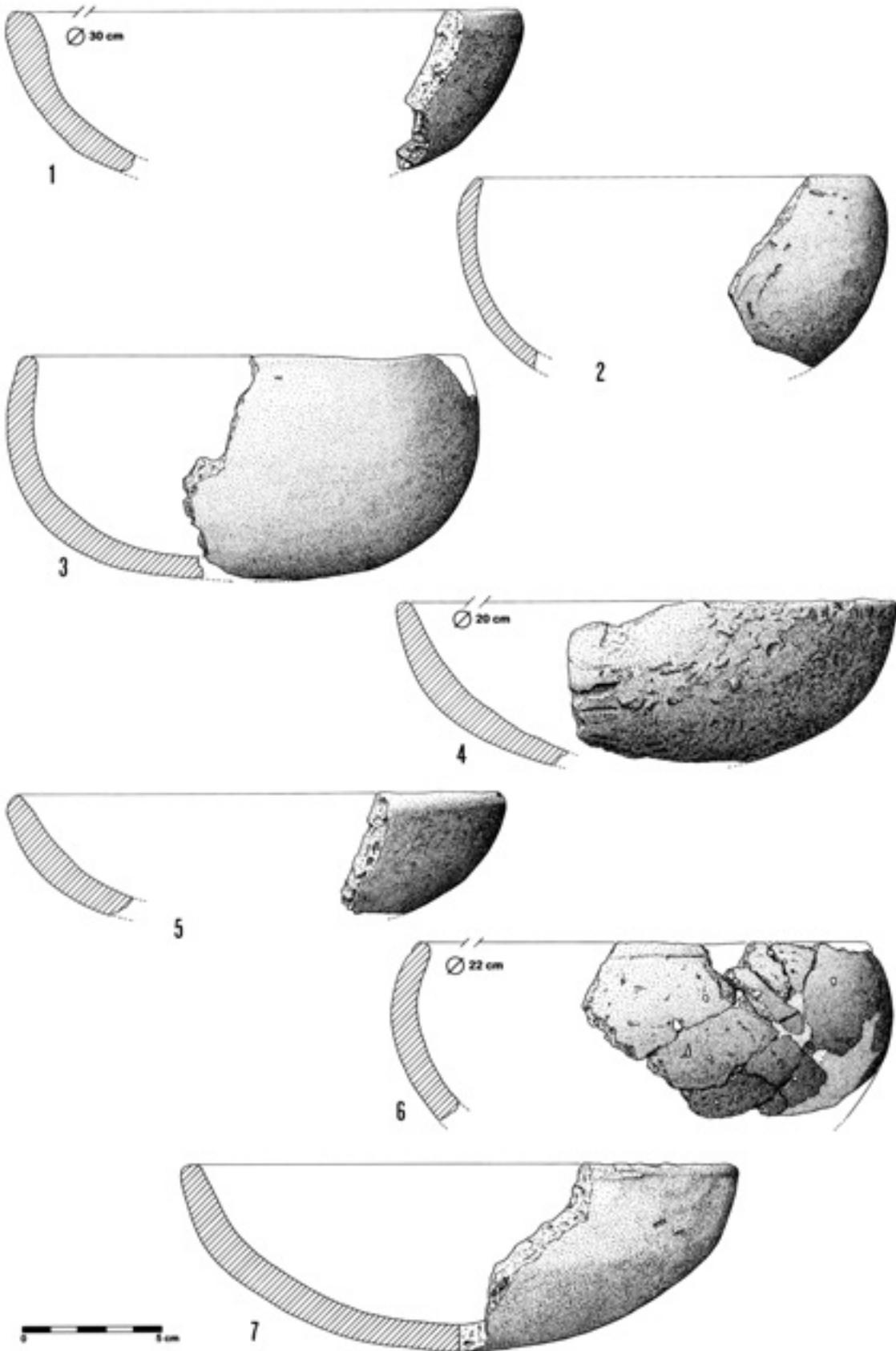


Fig. 38 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico ou do Calcolítico.

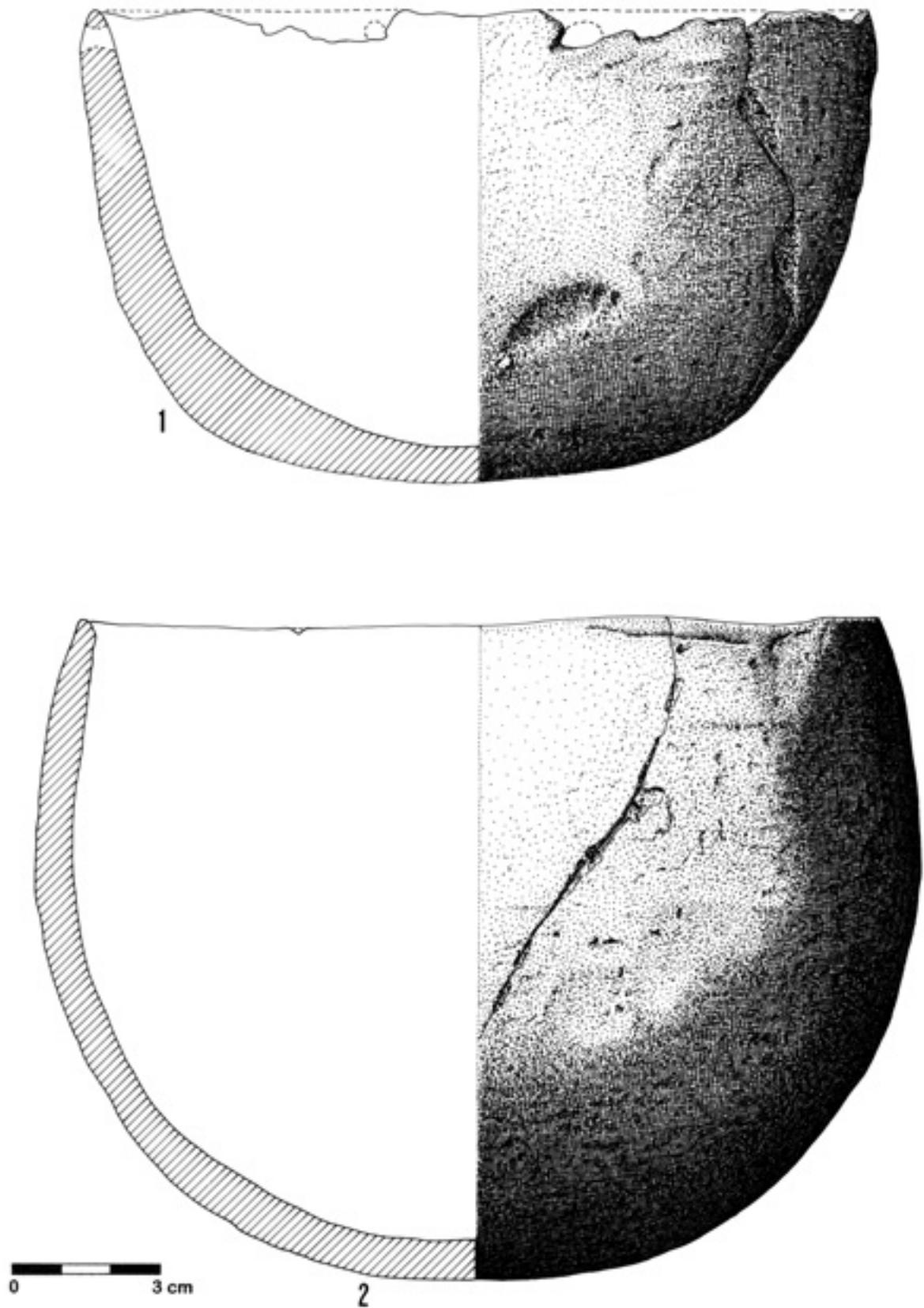


Fig. 39 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico ou do Calcolítico (coleção F. Berger).

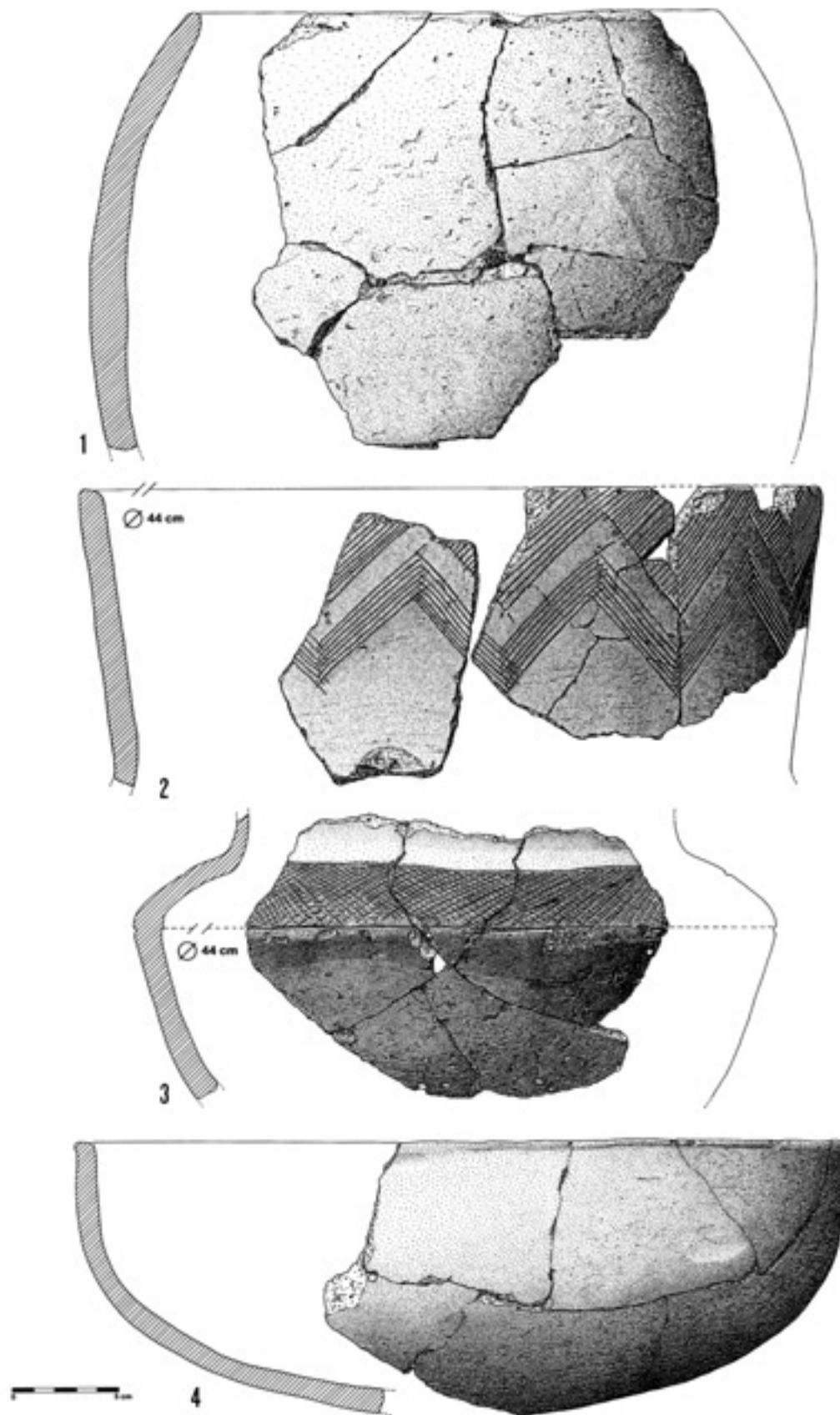


Fig. 40 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico ou do Calcolítico e cerâmicas decoradas campaniformes.

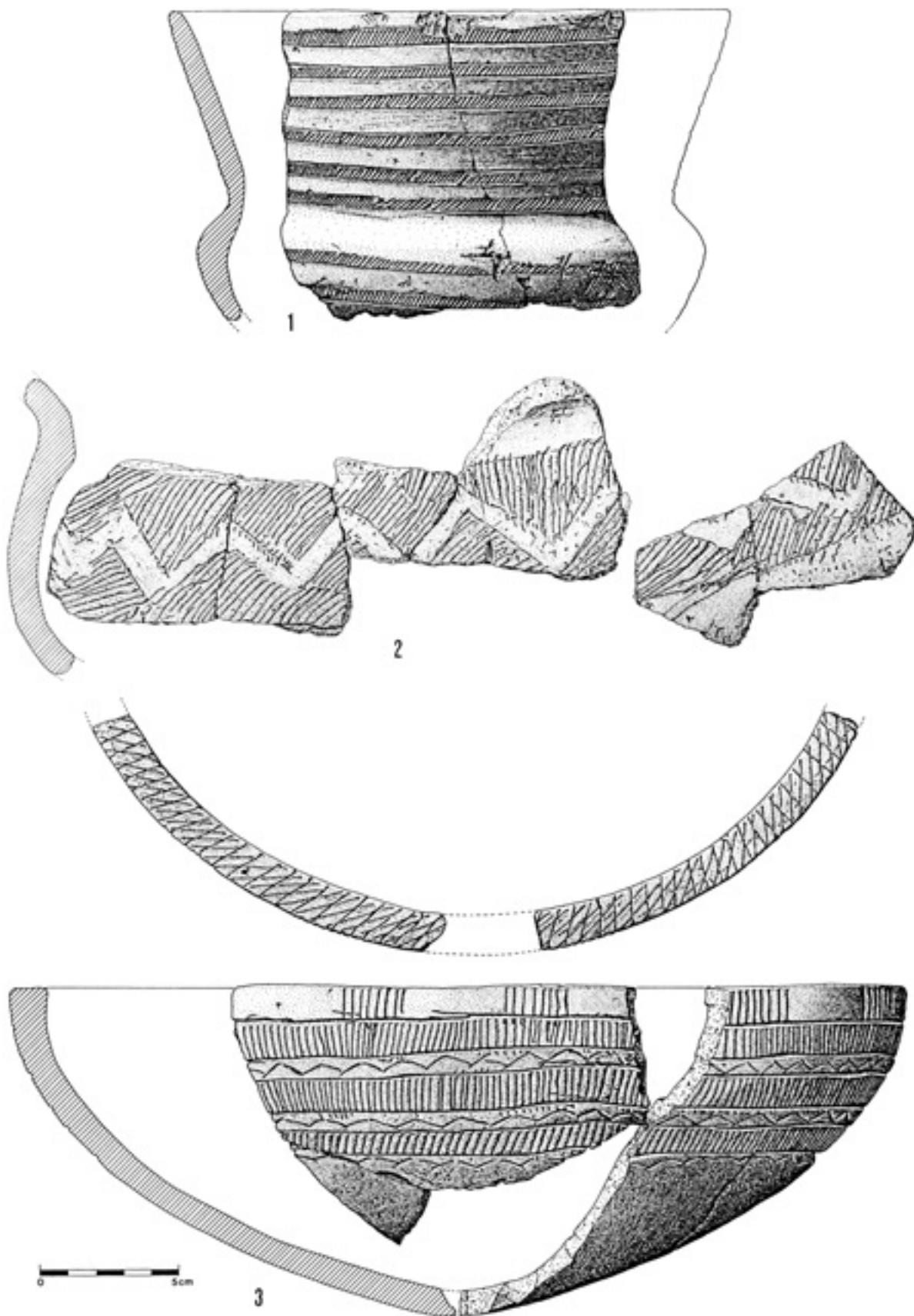


Fig. 41 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

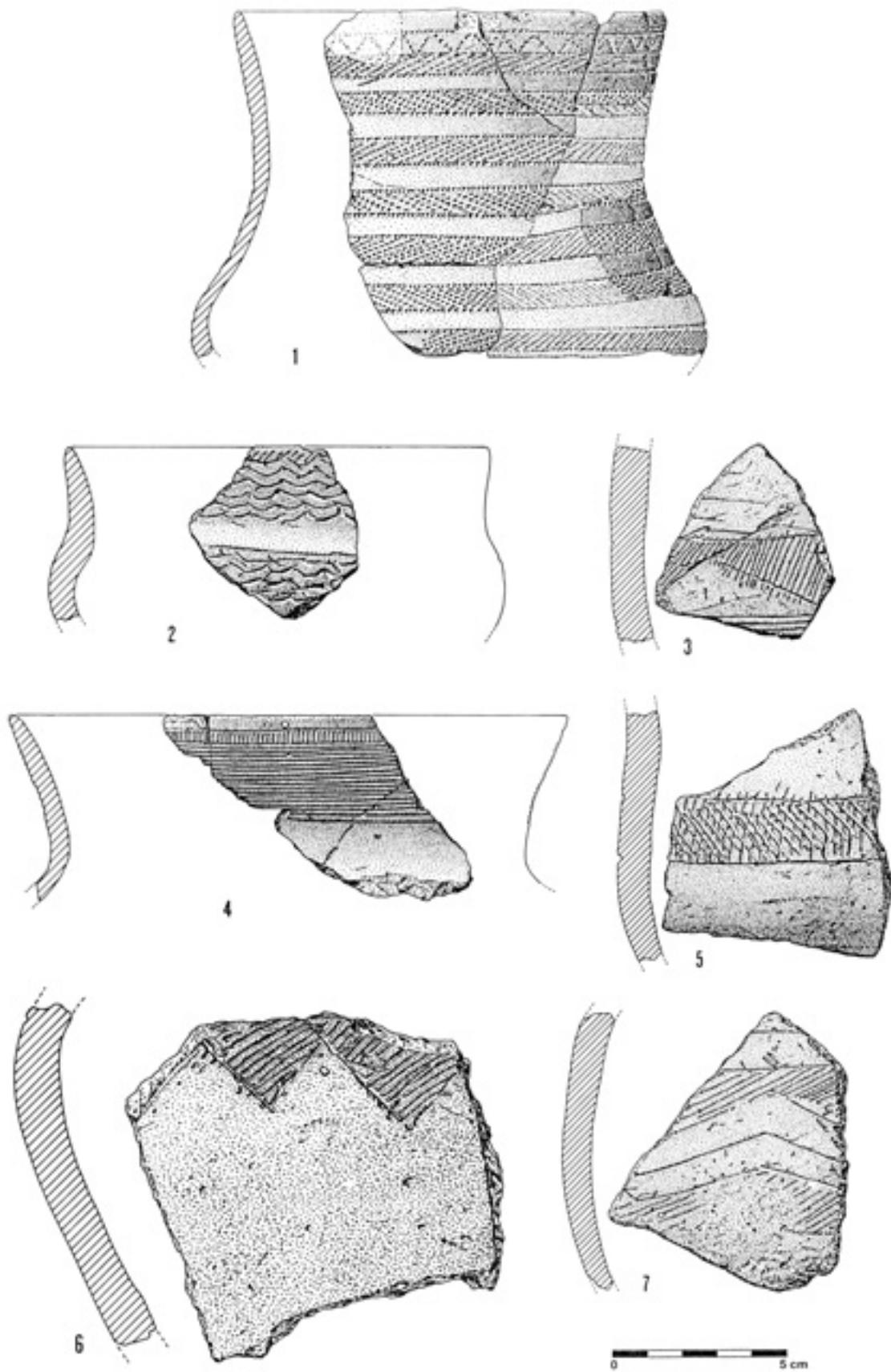


Fig. 42 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

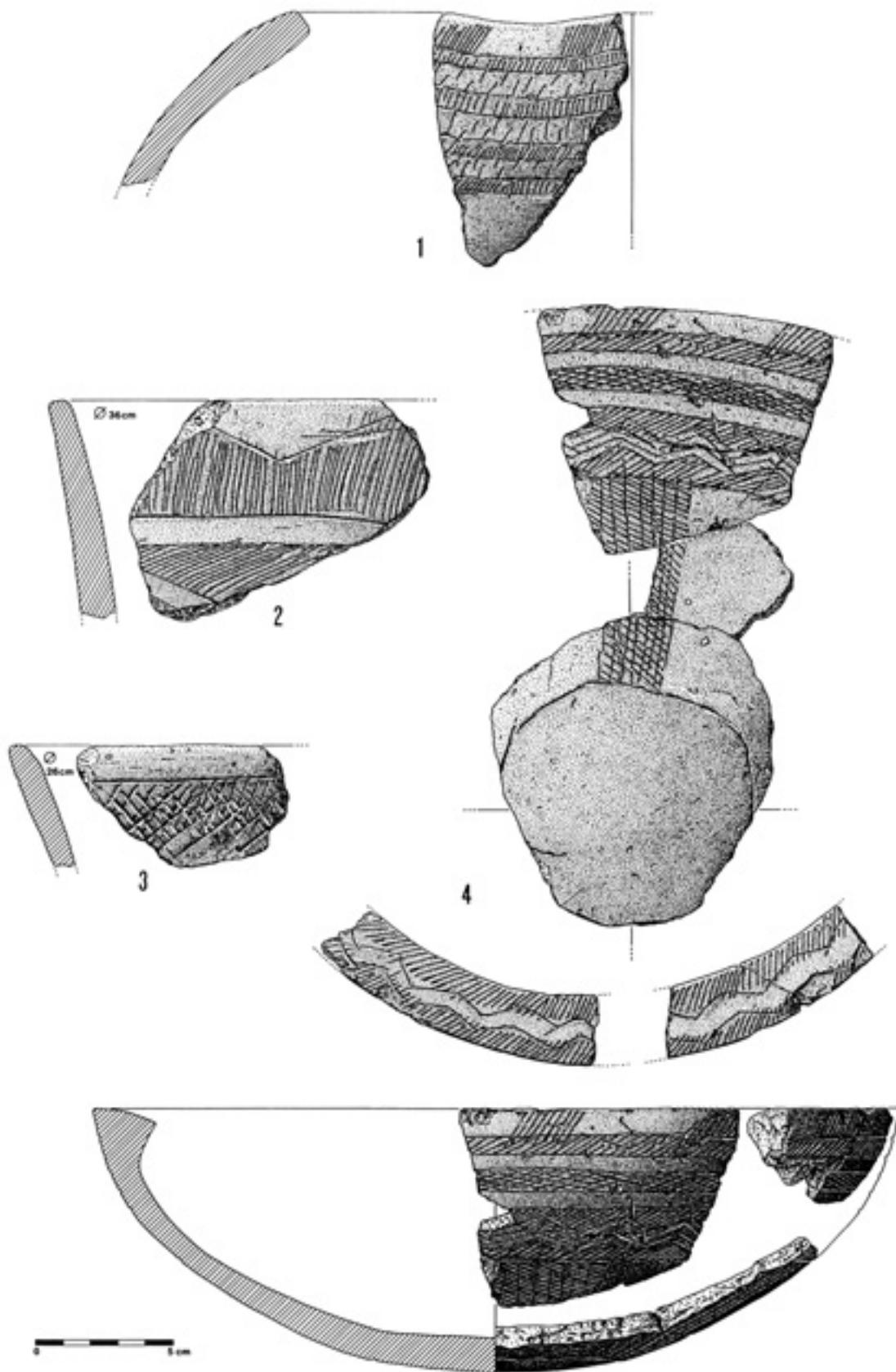


Fig. 43 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

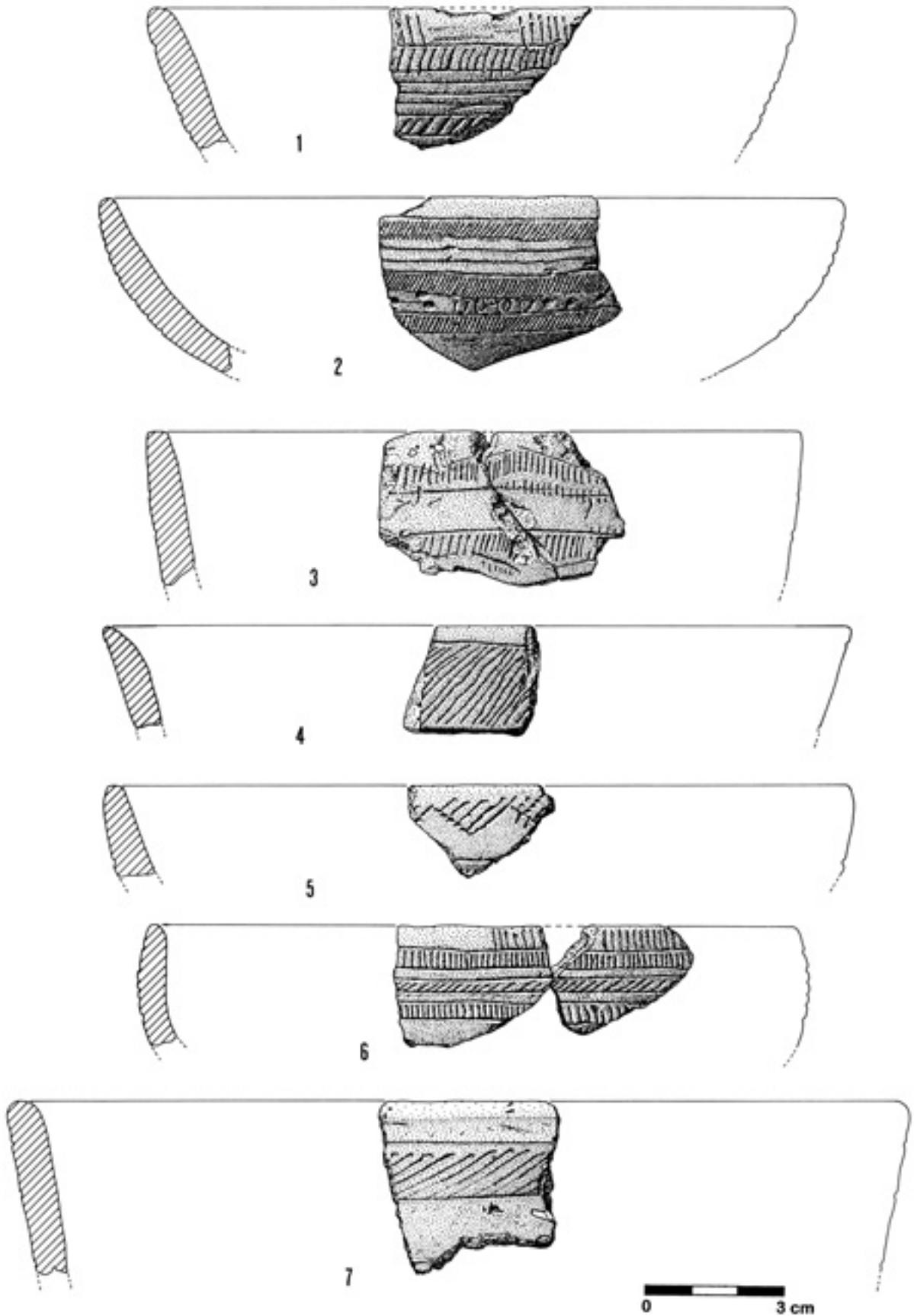


Fig. 44 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

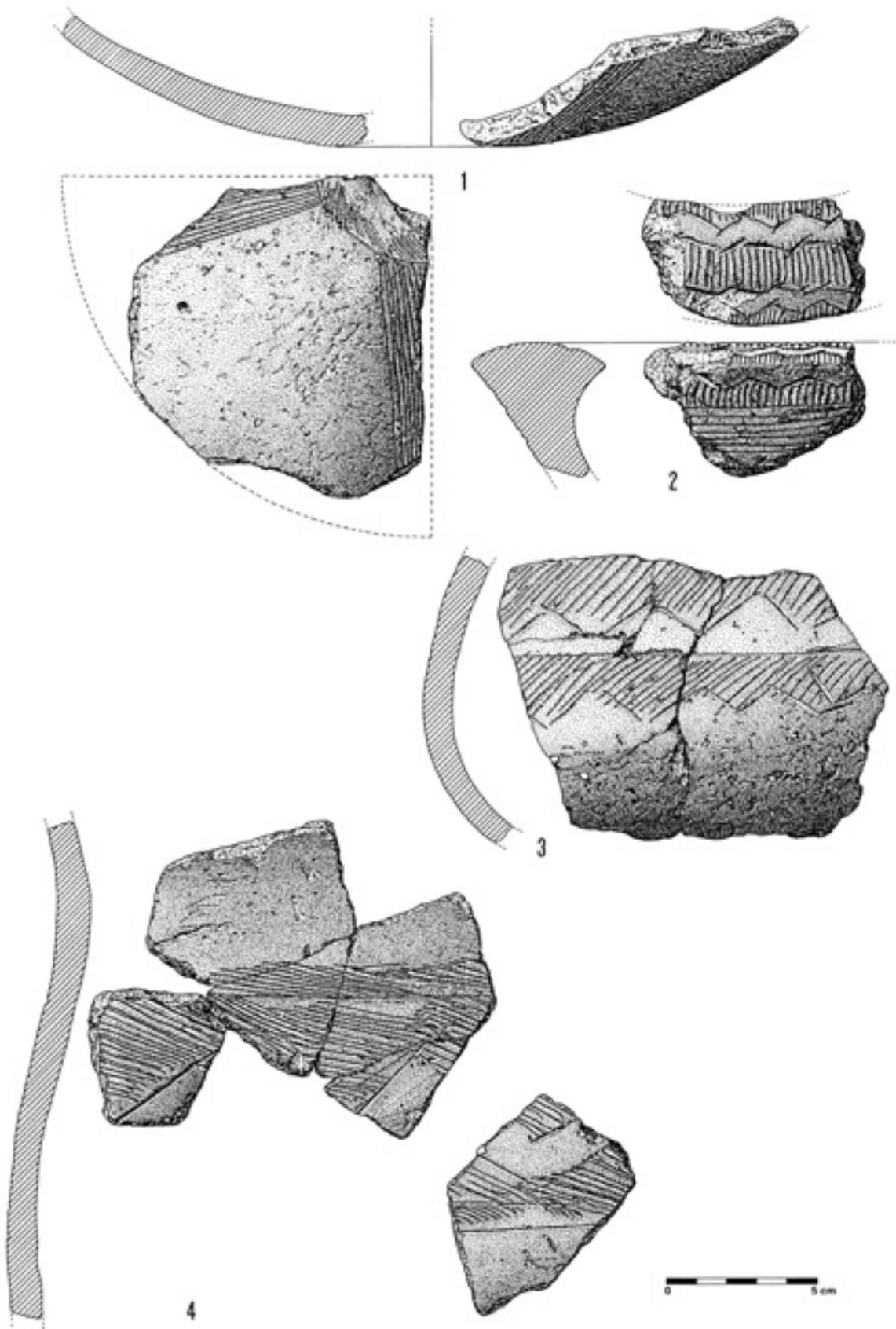


Fig. 45 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

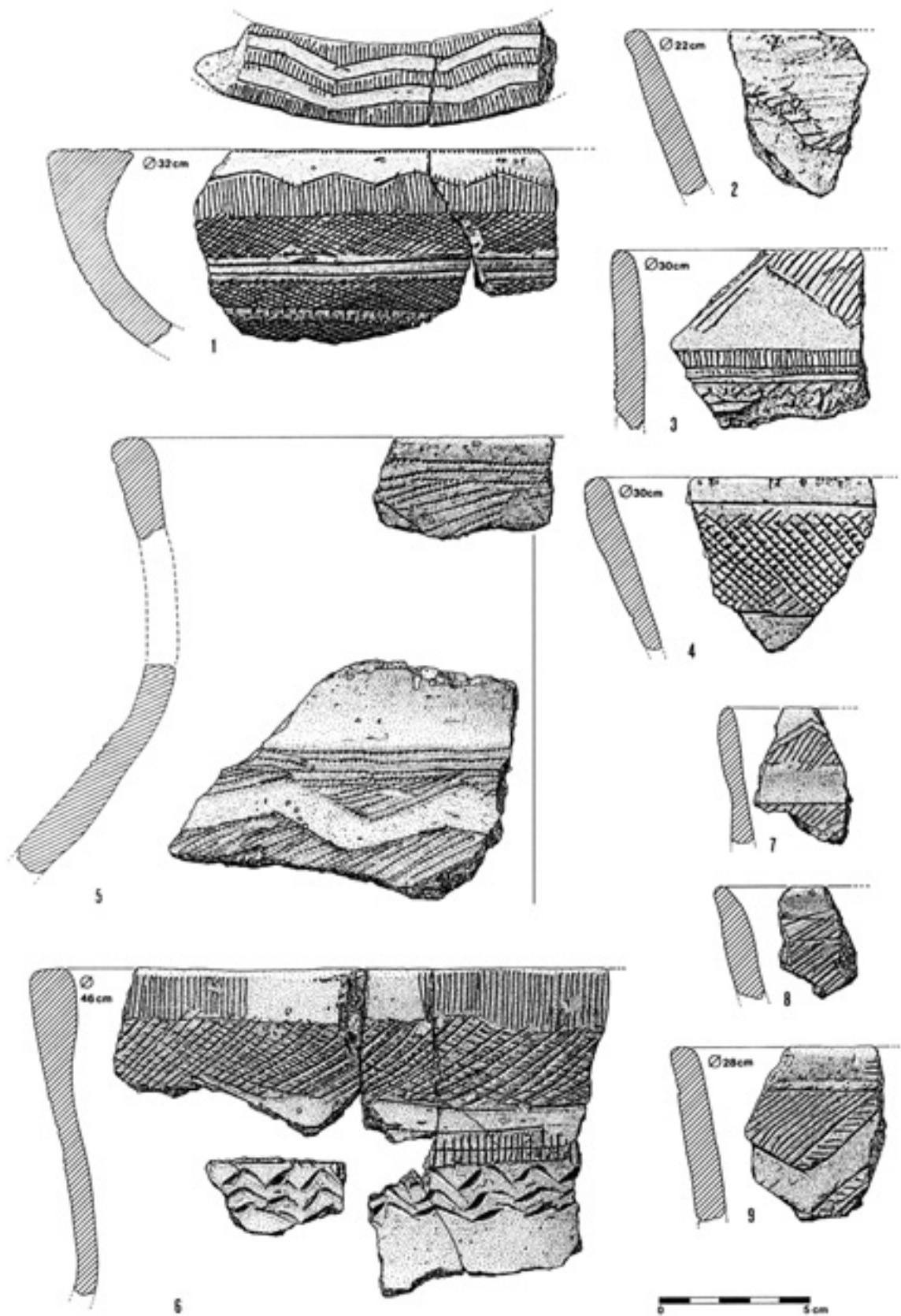


Fig. 46 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

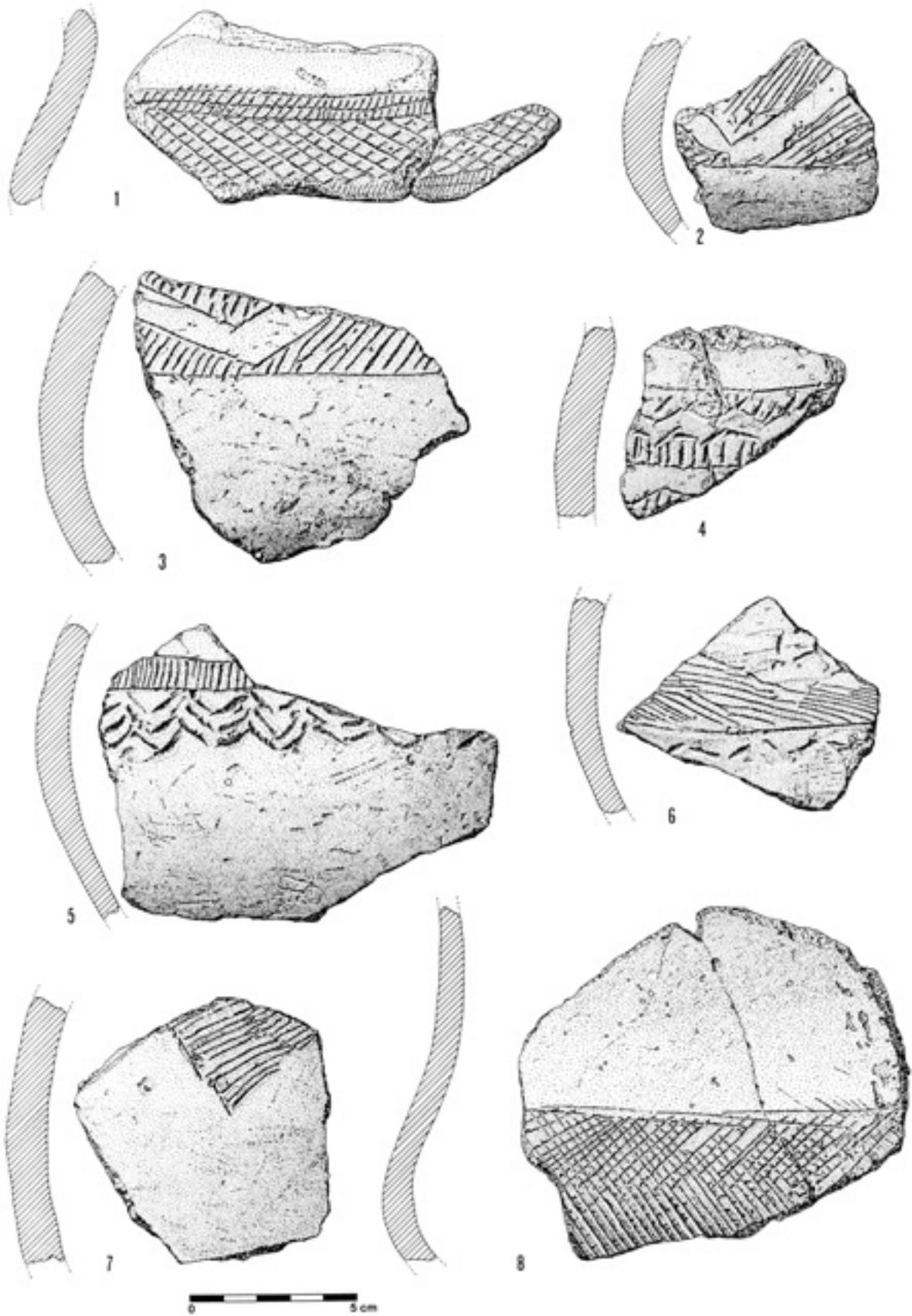


Fig. 47 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

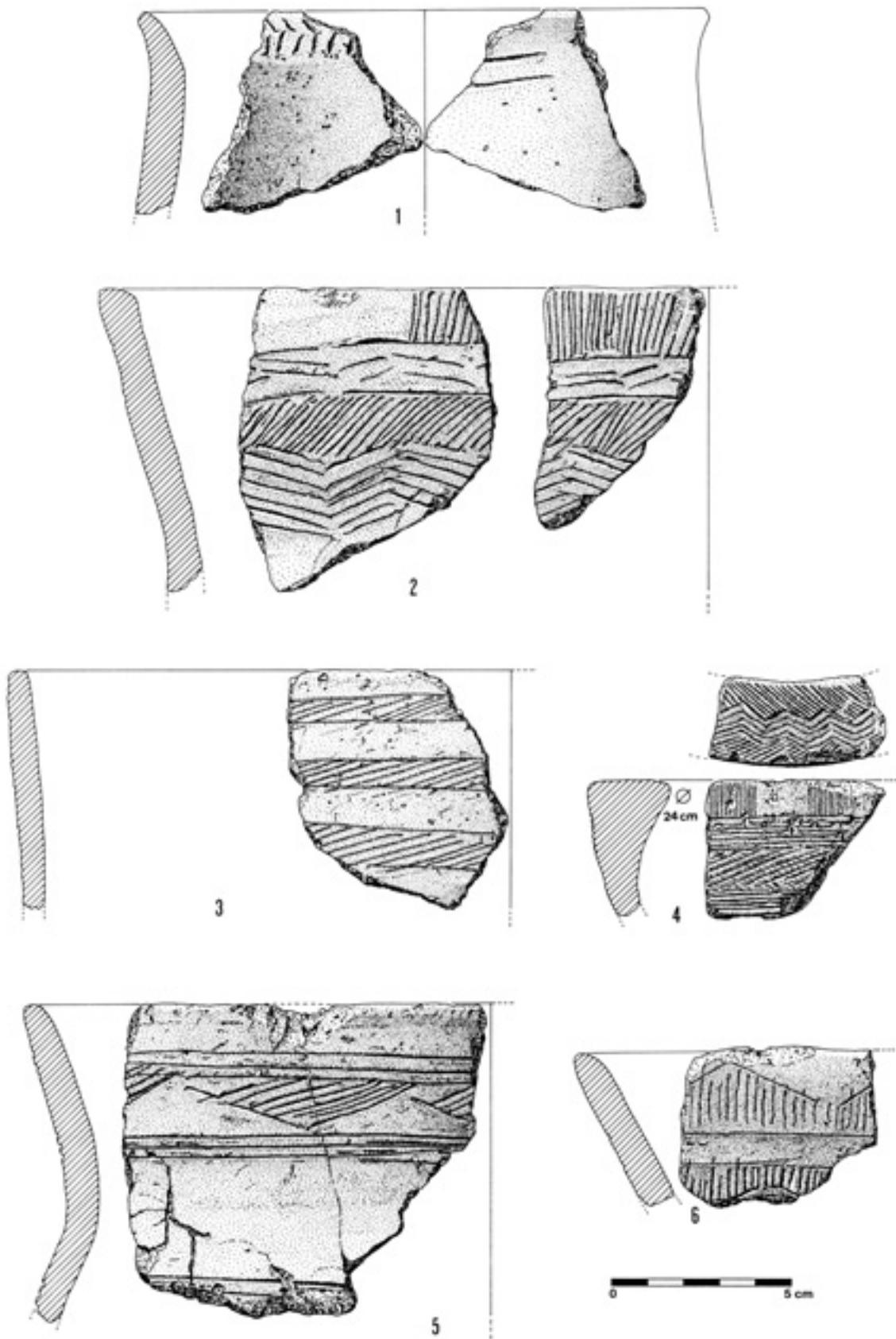


Fig. 48 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes (2 a 6) e da Idade do Bronze (1).

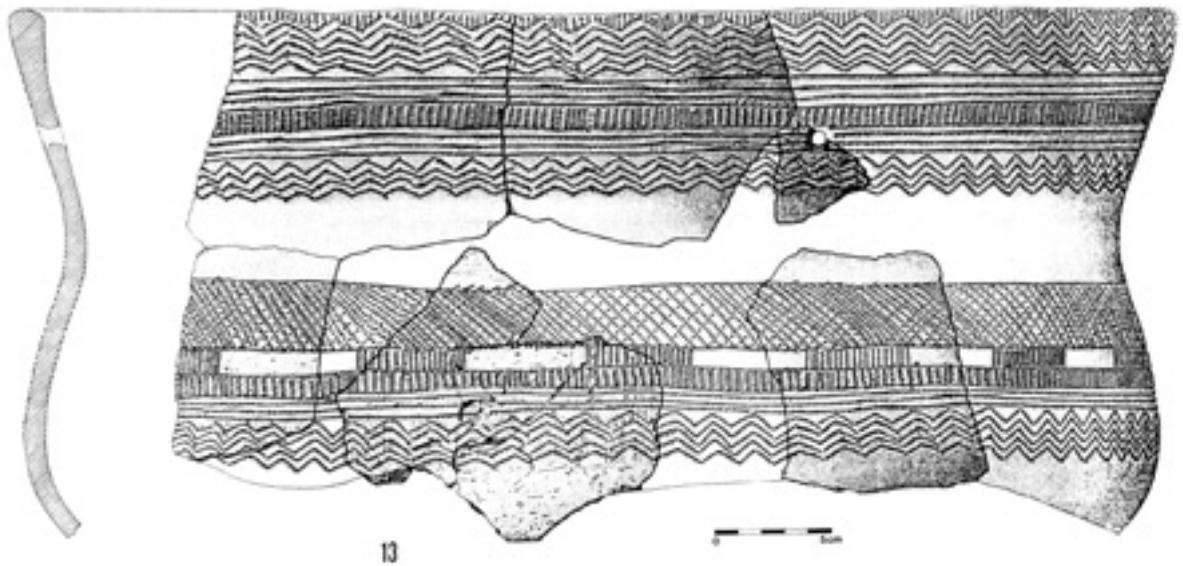
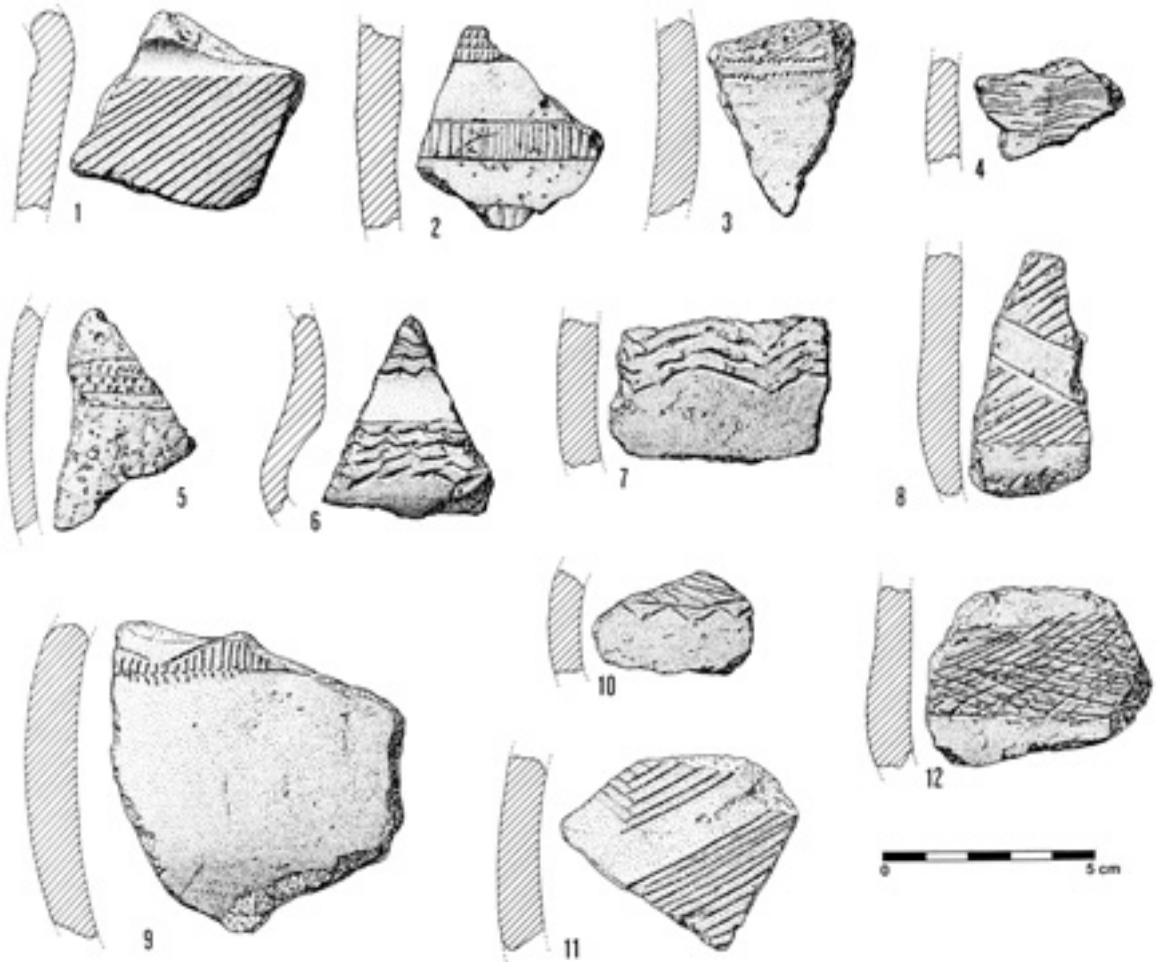


Fig. 49 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

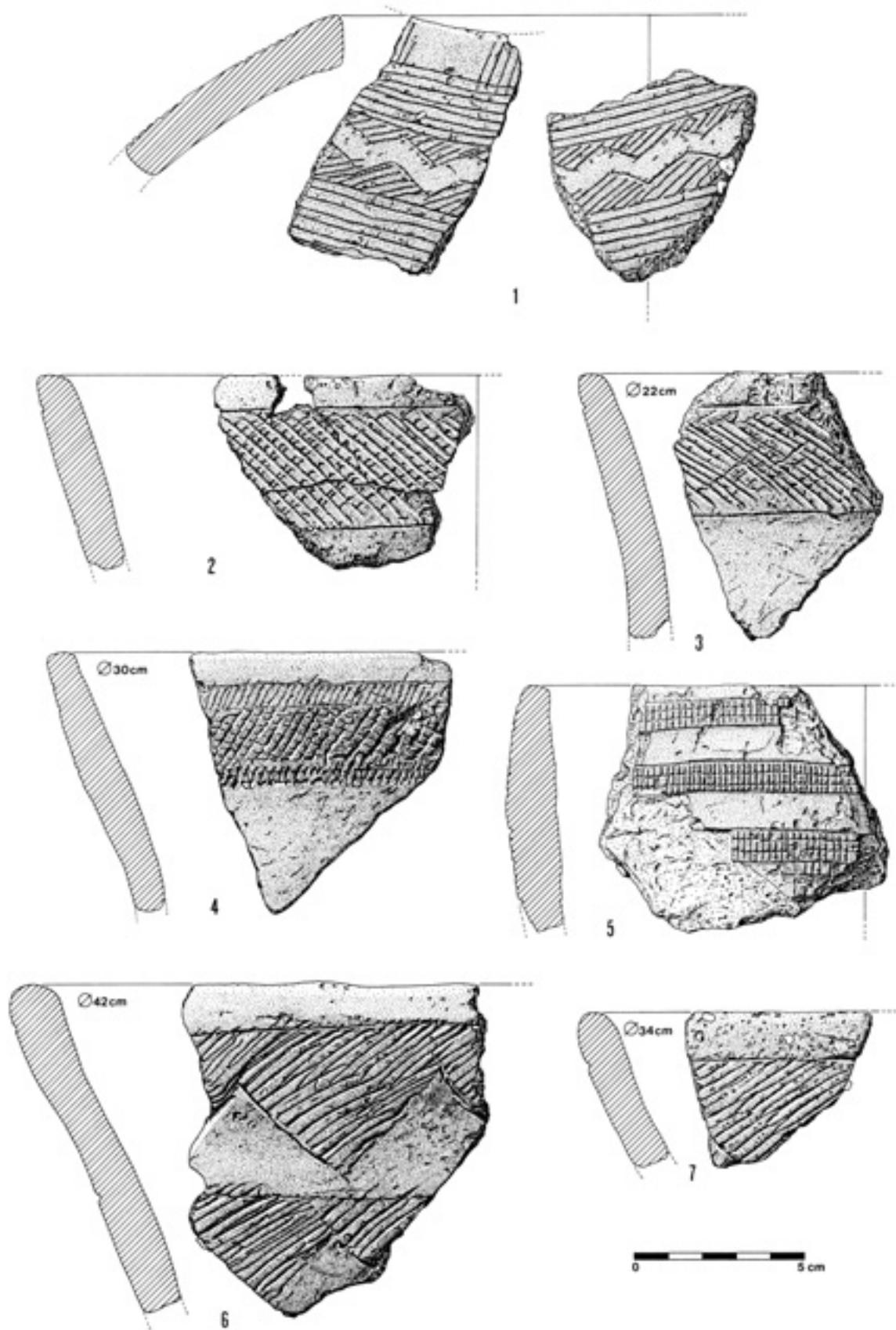


Fig. 50 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

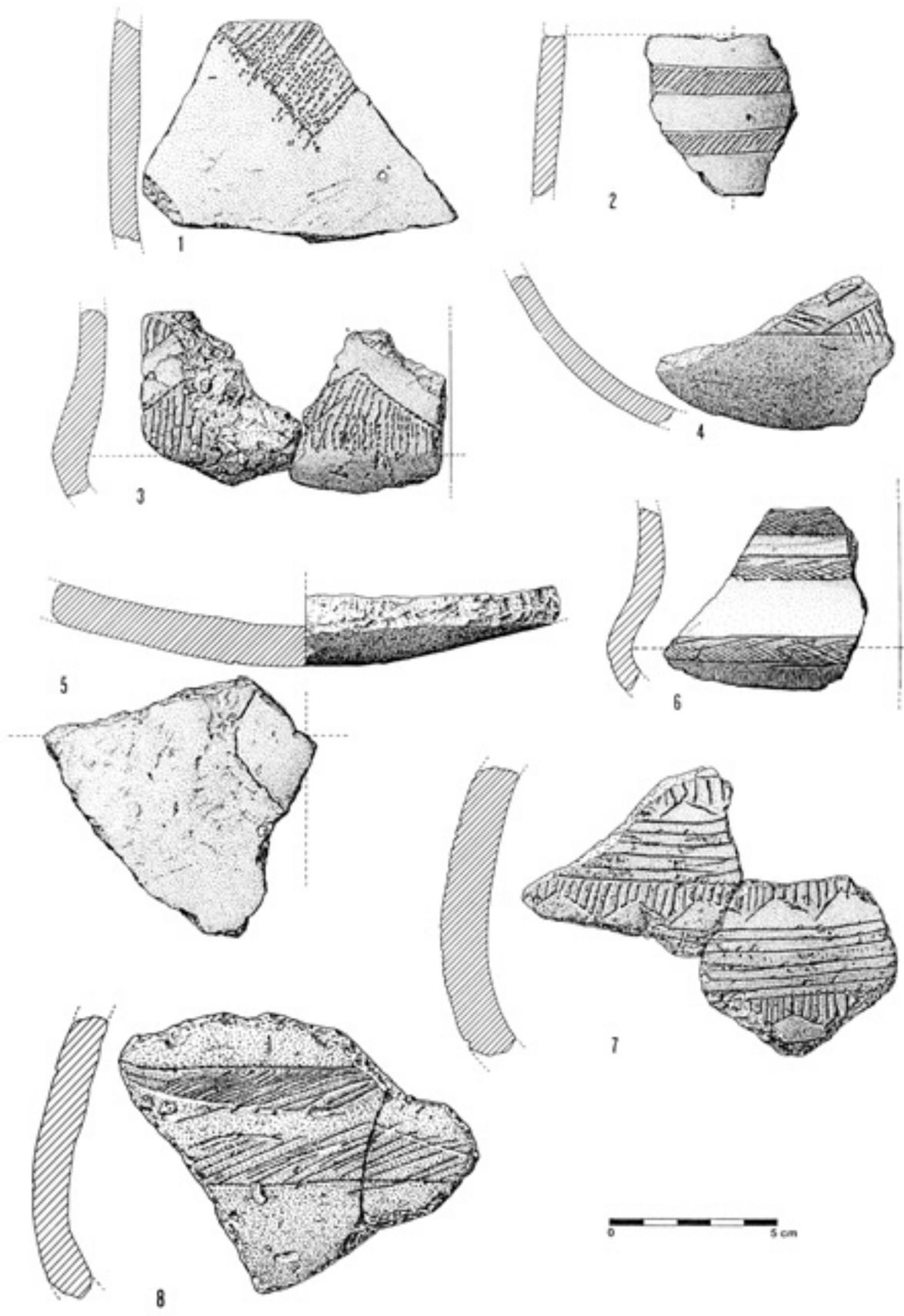


Fig. 51 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

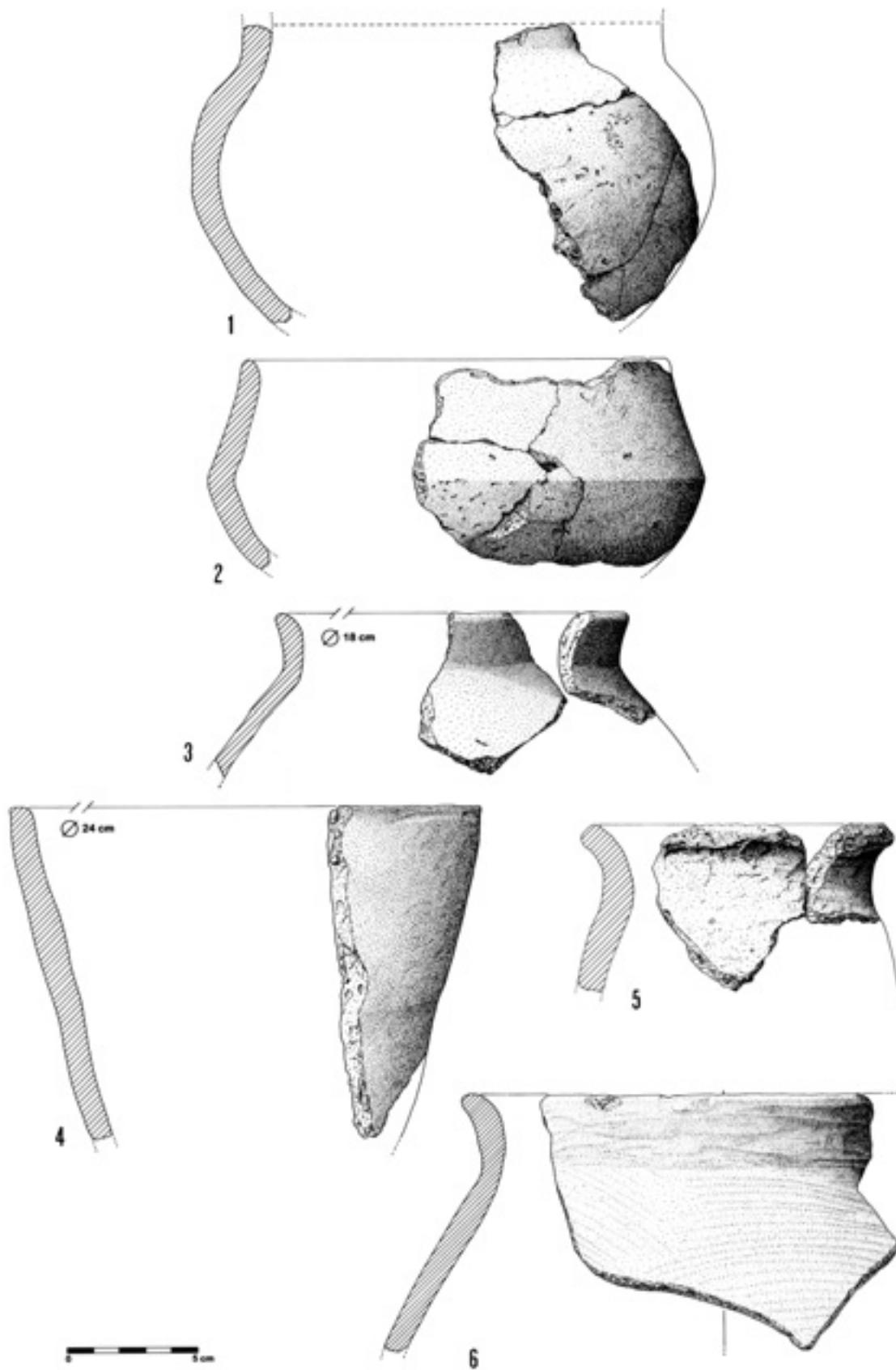


Fig. 52 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

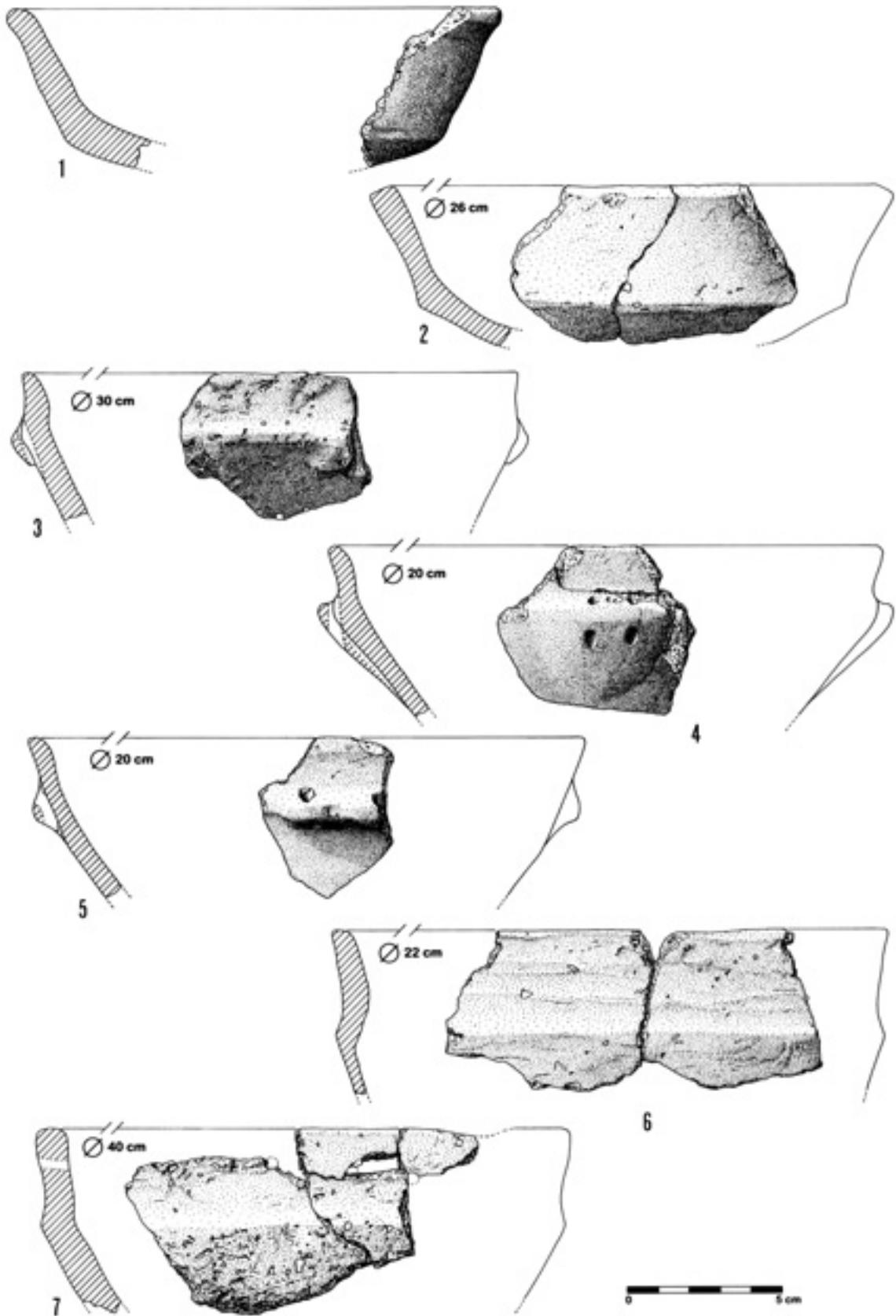


Fig. 53 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

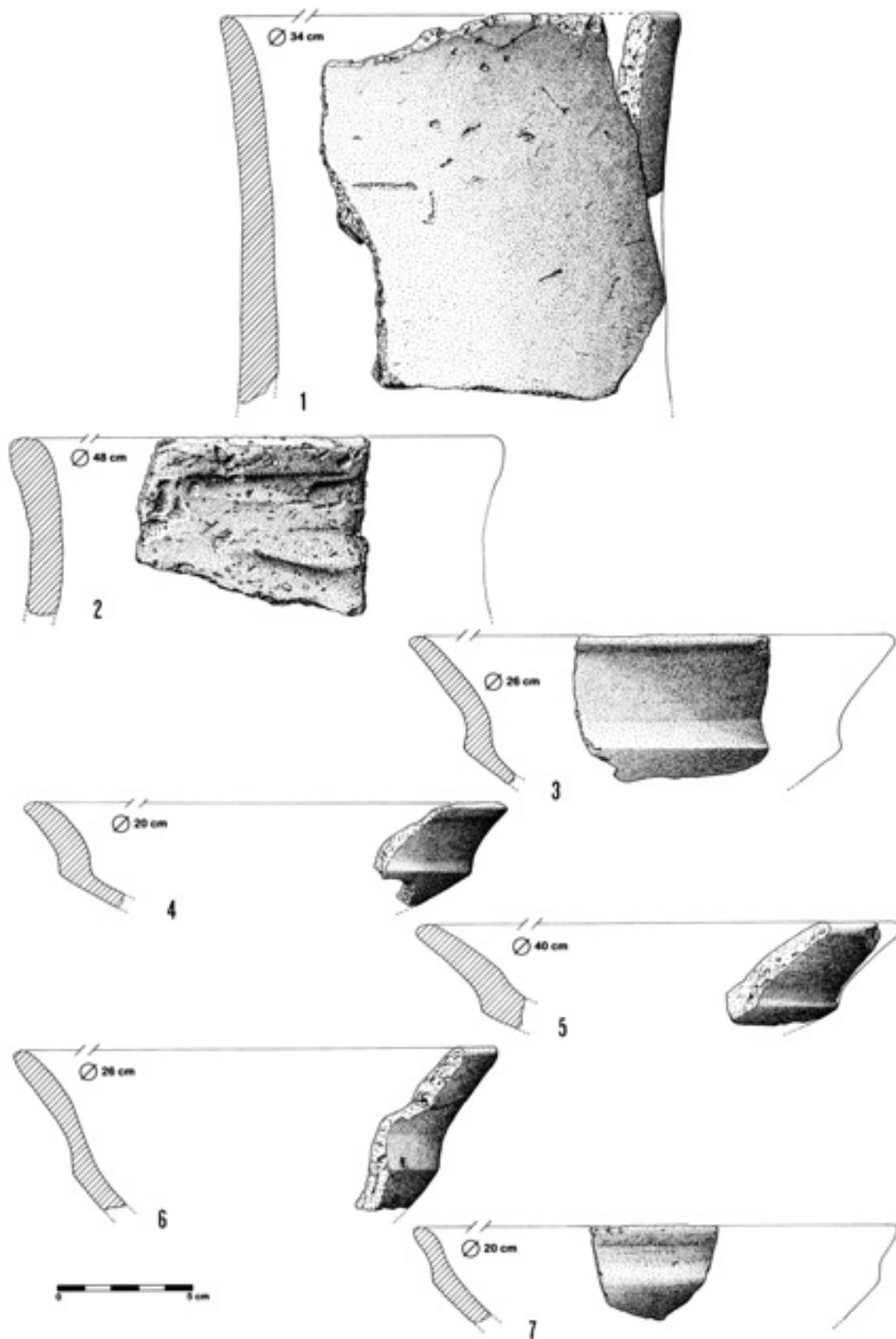


Fig. 54 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

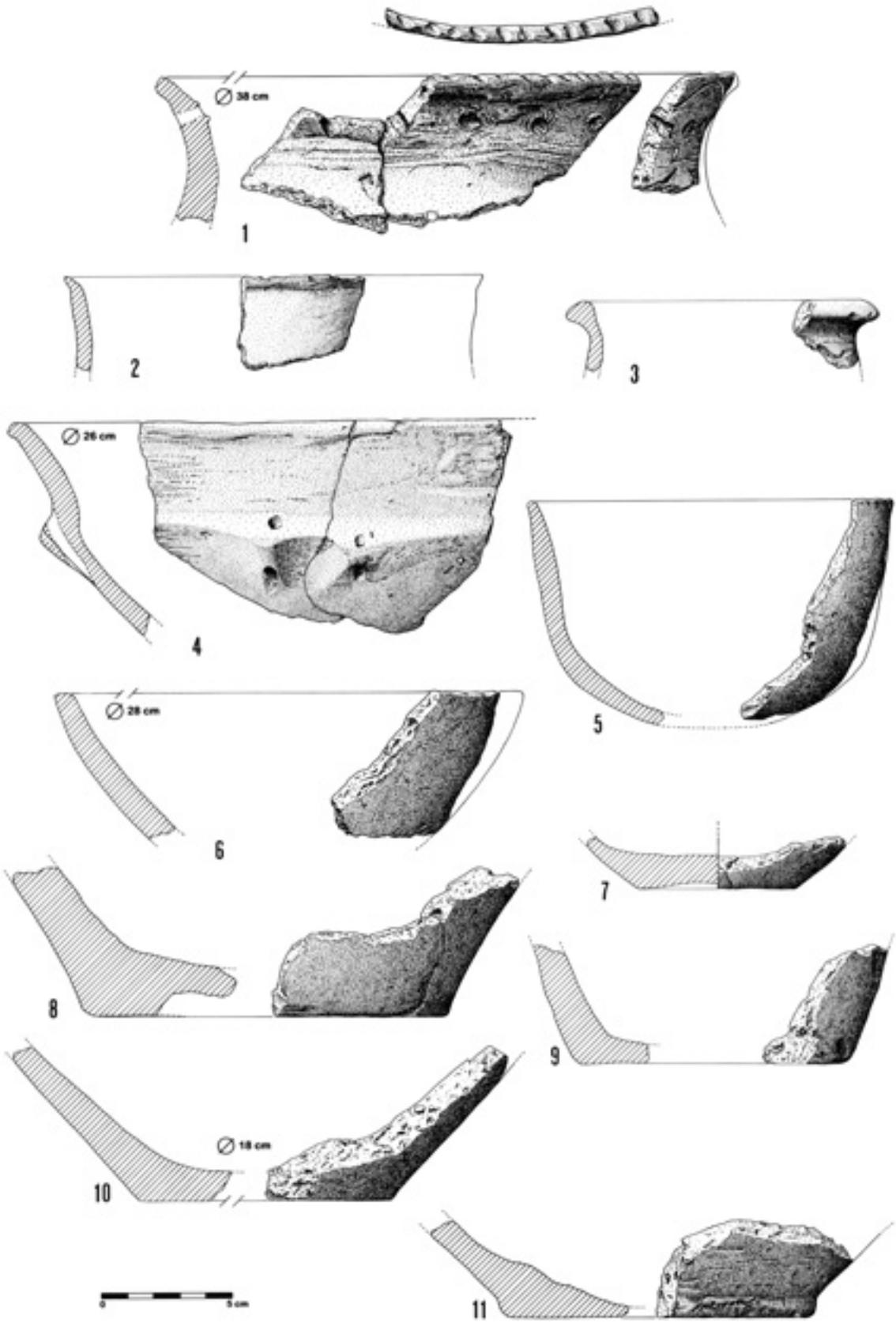


Fig. 55 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas e decoradas da Idade do Bronze.

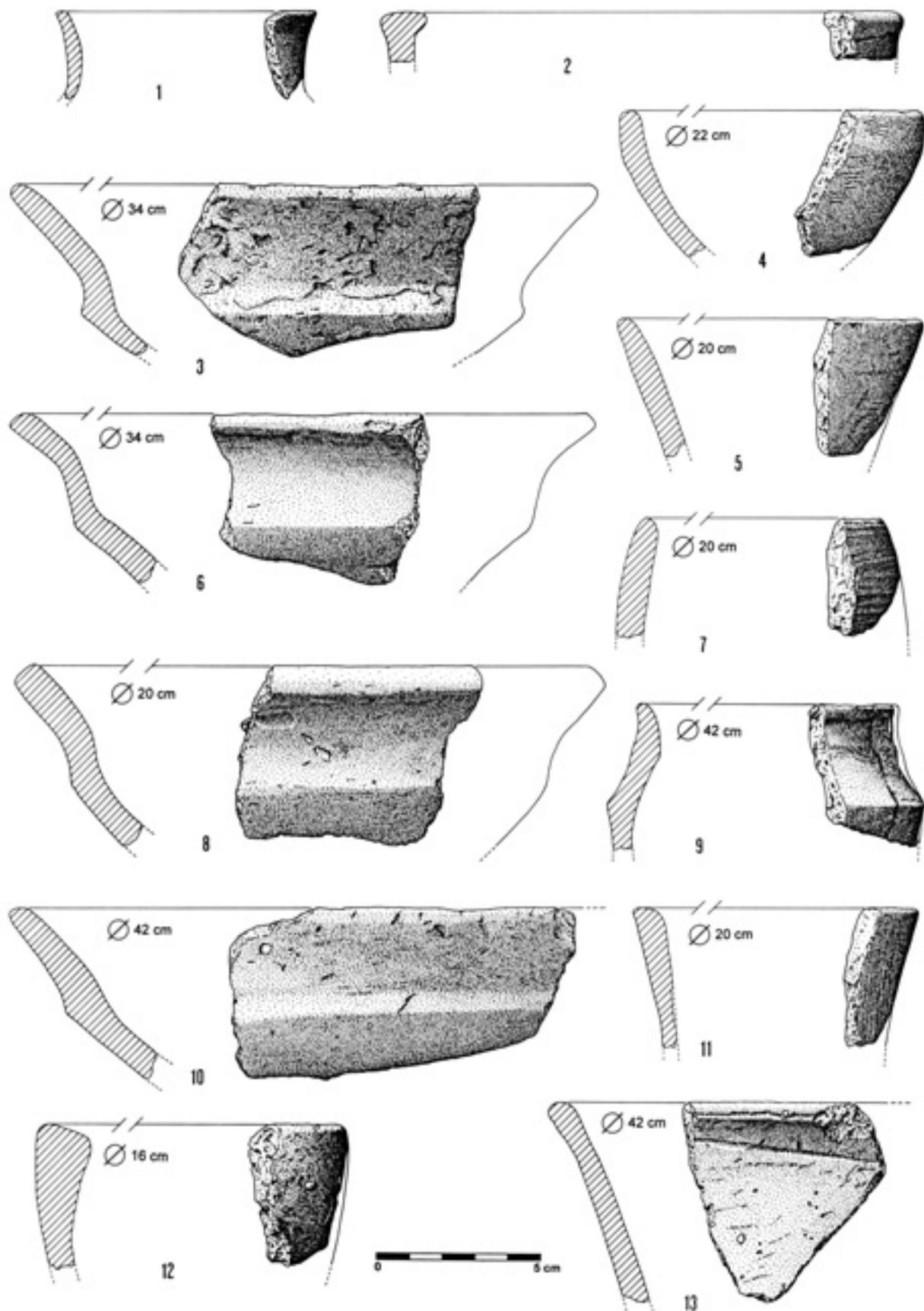


Fig. 56 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas Neolíticas/Calcolíticas e da Idade do Bronze.

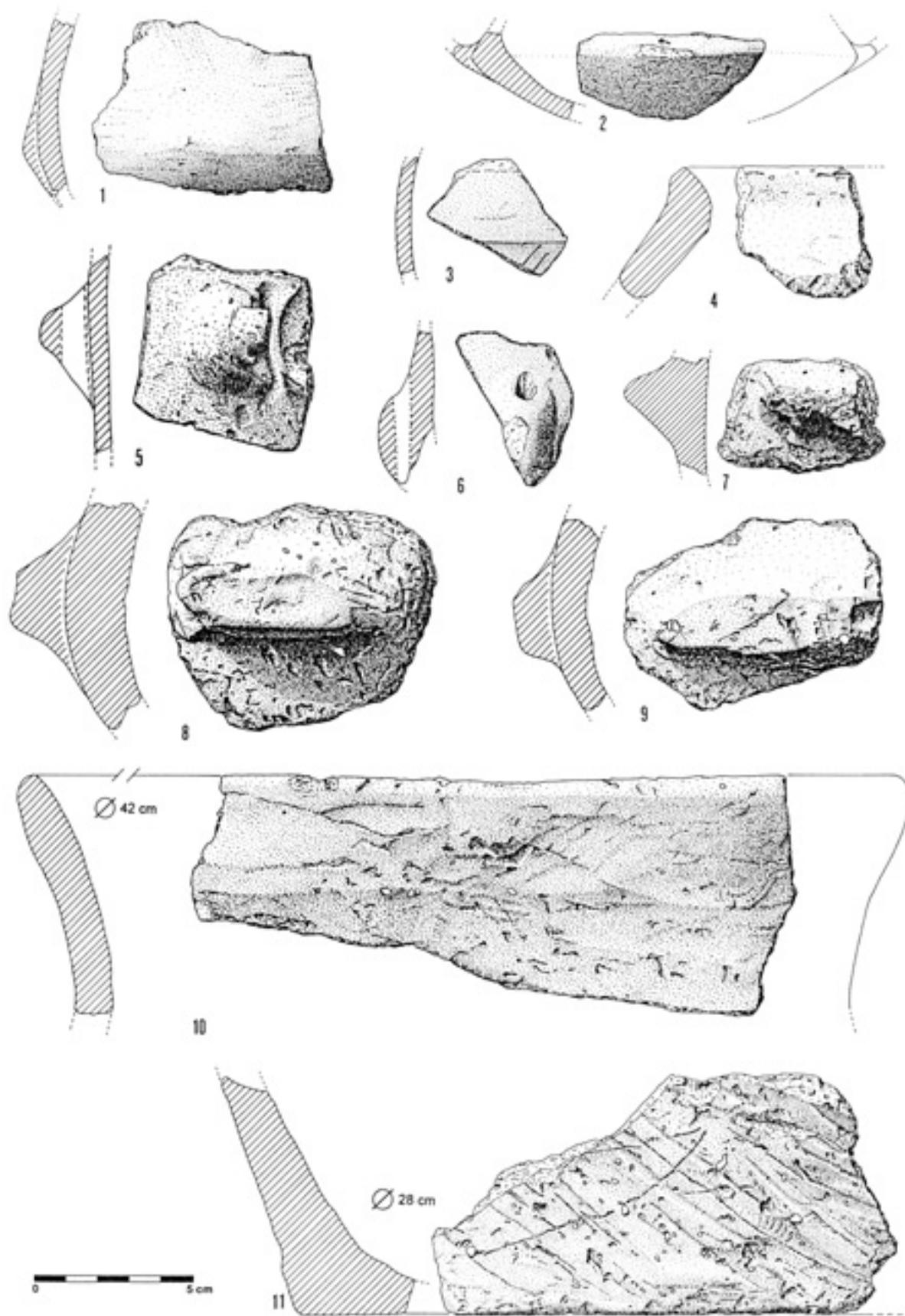


Fig. 57 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

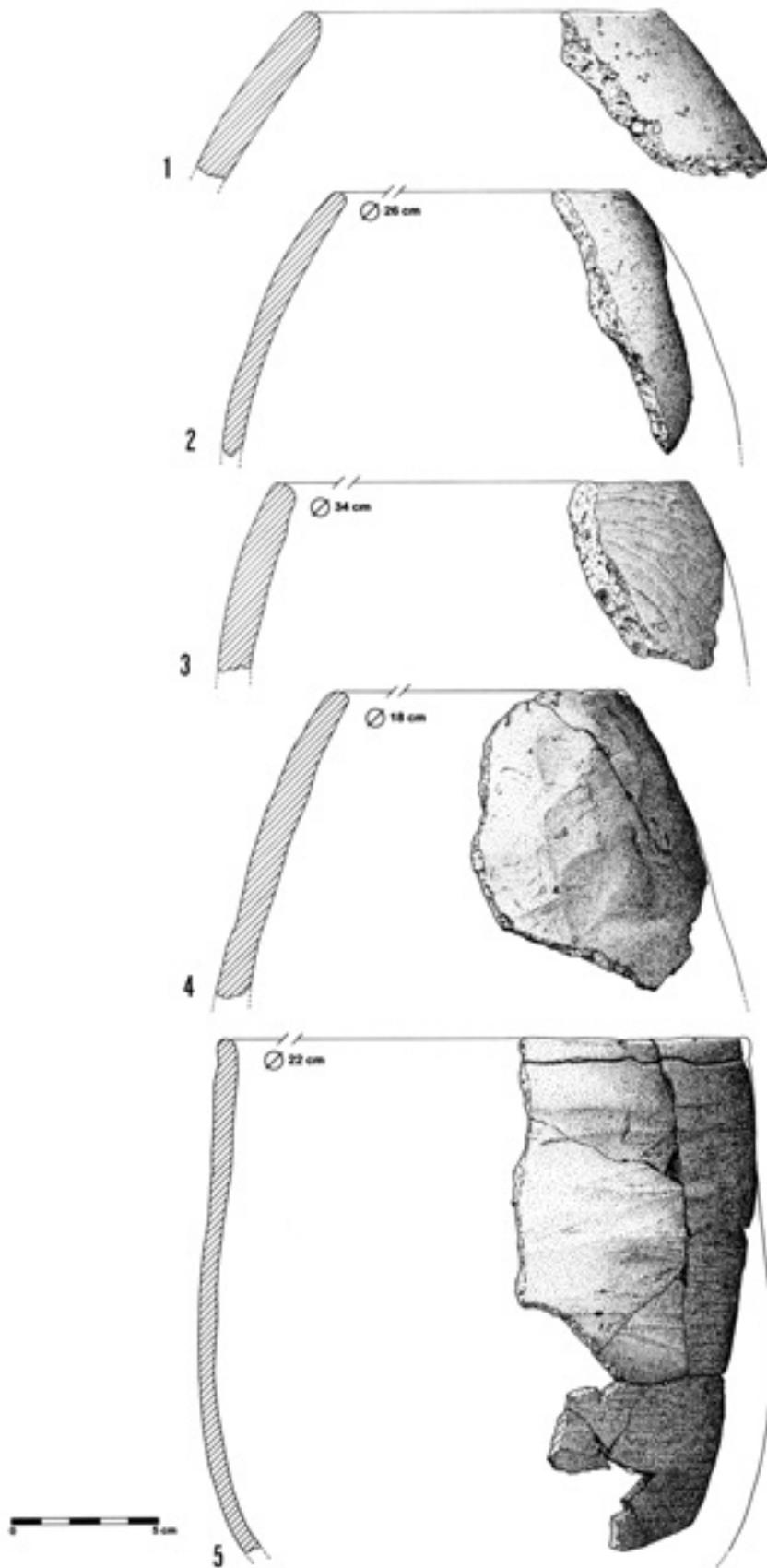


Fig. 58 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

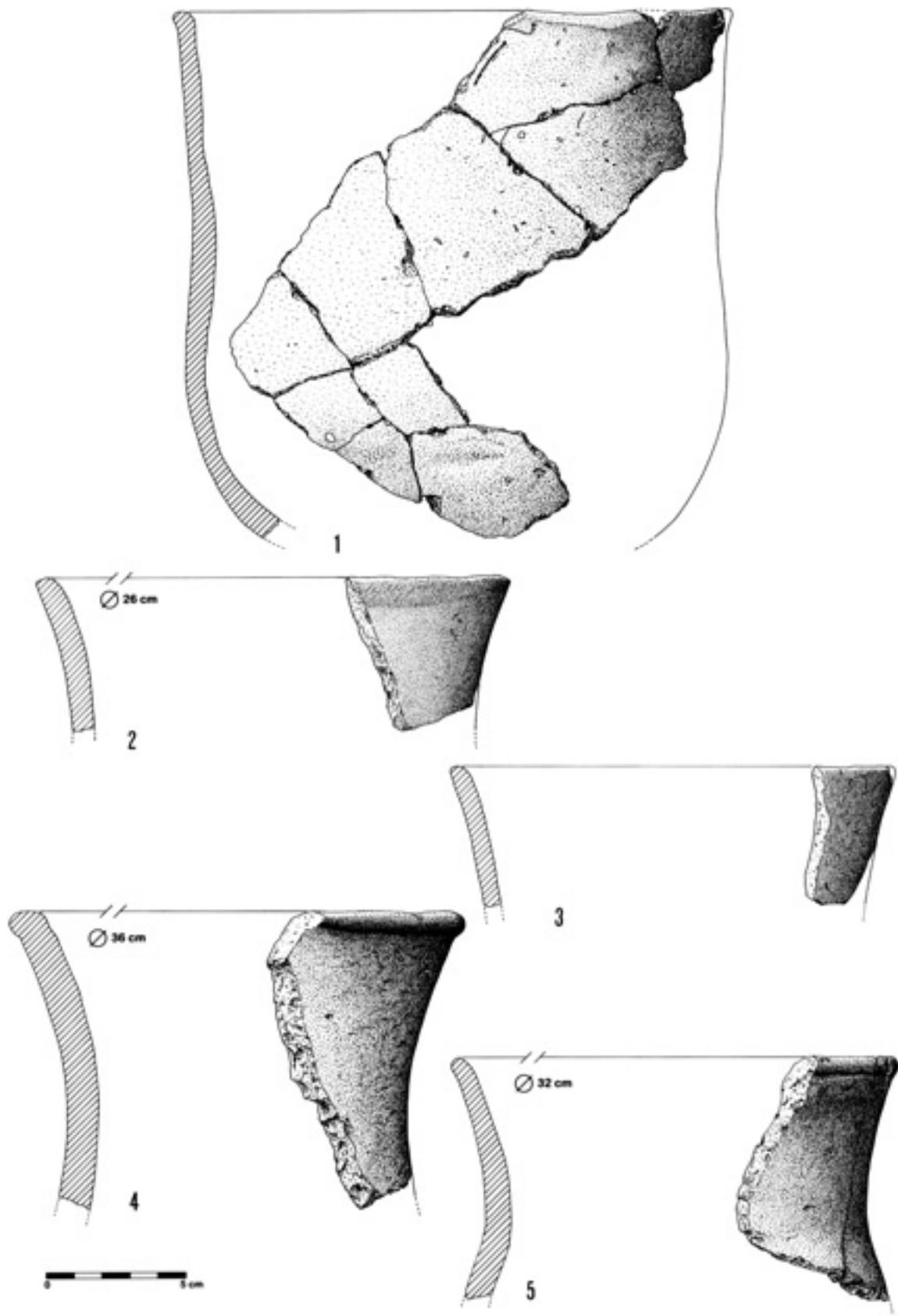


Fig. 59 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

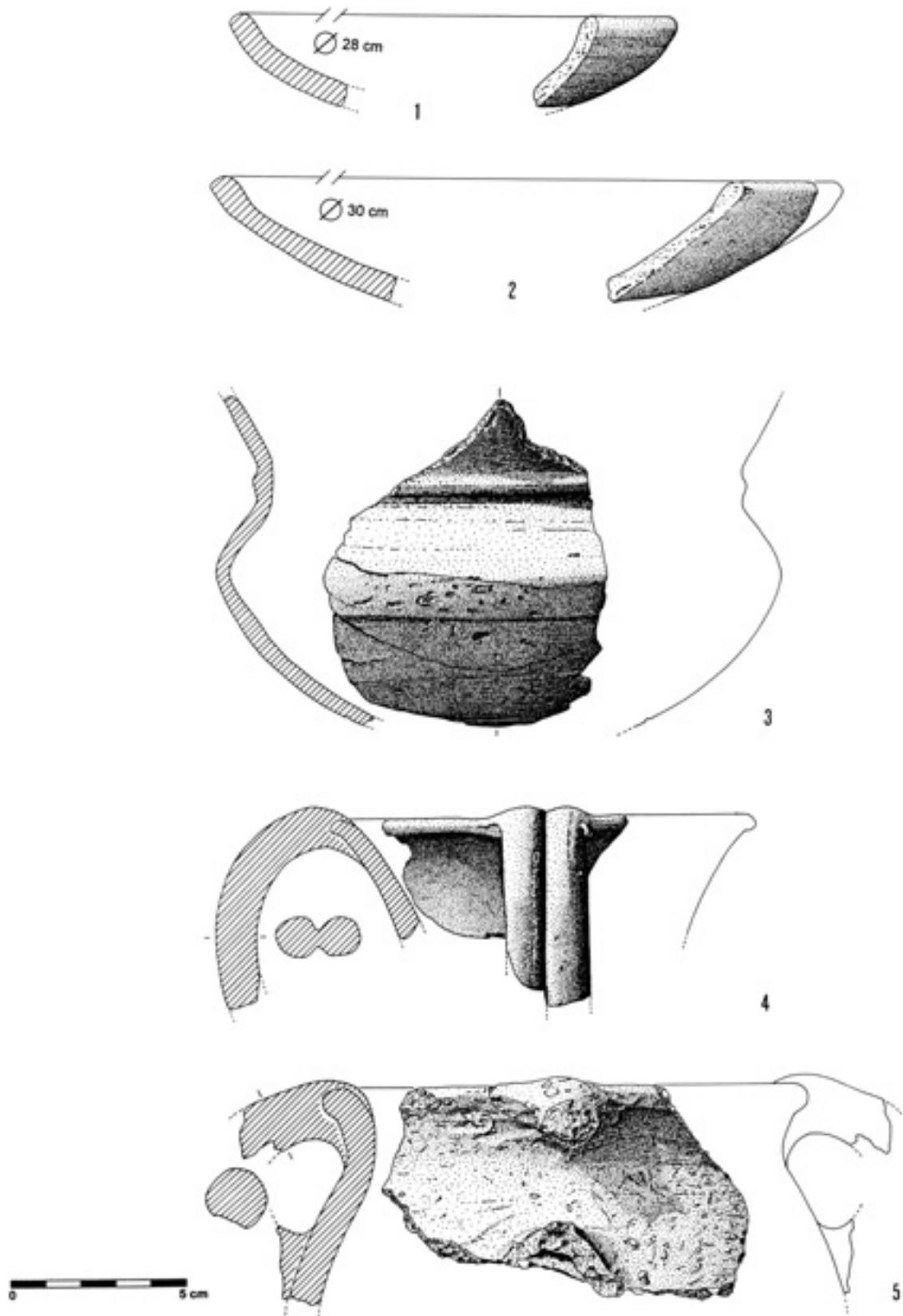


Fig. 60 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas da Idade do Ferro.

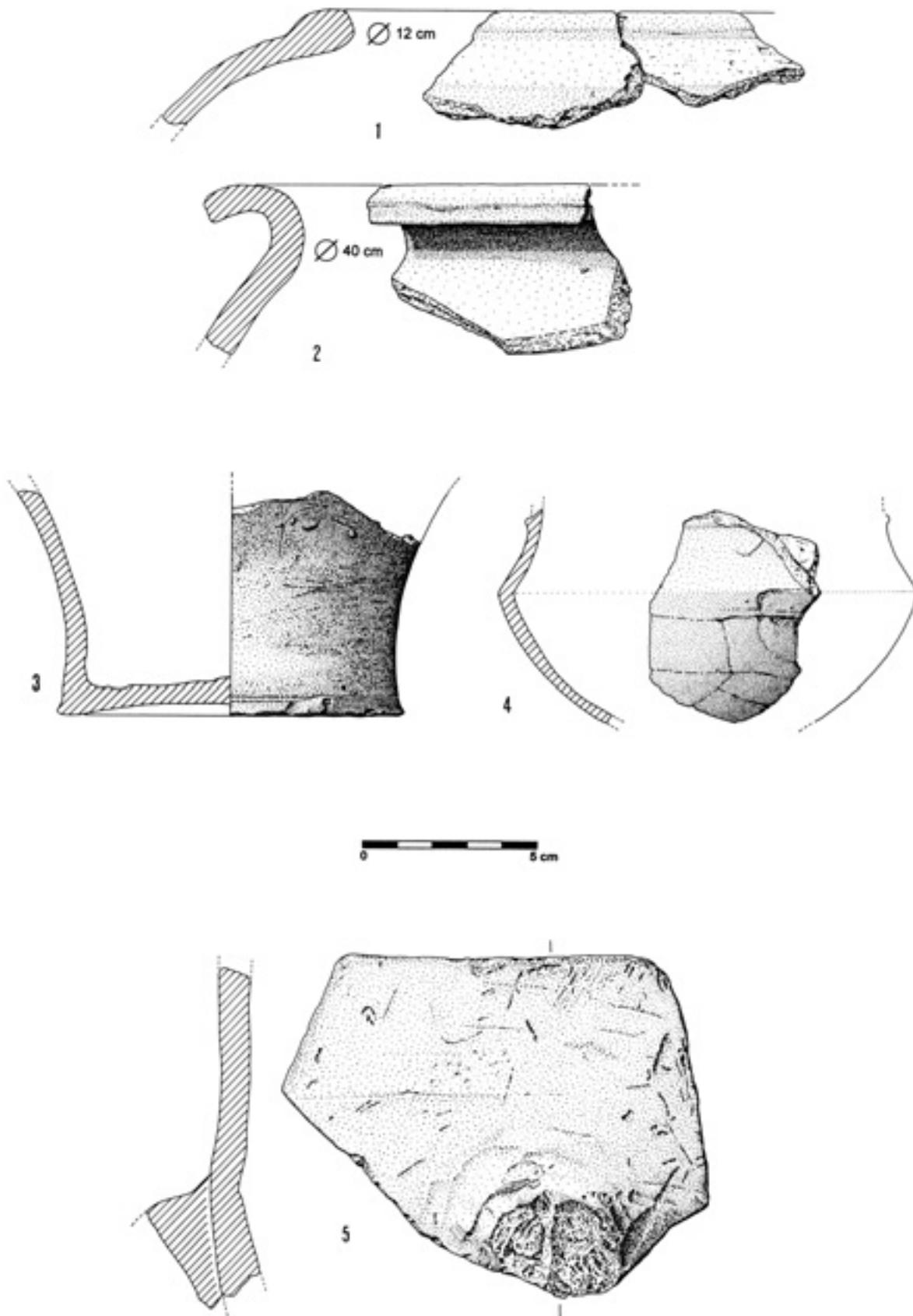


Fig. 61 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas da Idade do Ferro e Medievais/Modernas (3).